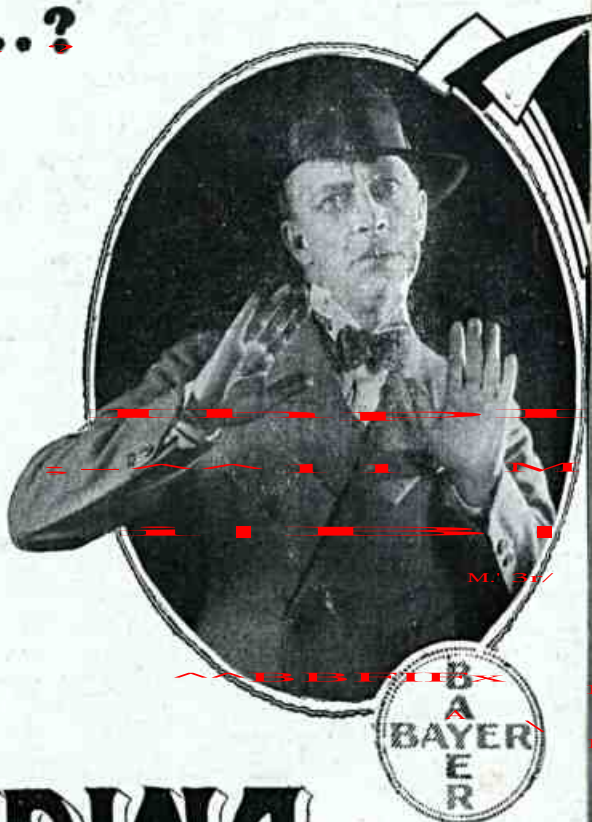
FON
FON
ANNO XXIII — N.° 38
Rio, 21 de Setembro de 1929
Preço: 1$000

Um substituto..?
— Passo!

Quem usa ou traz para casa um substituto, em vez da CAFIASPIRINA legitima, commette uma imprudencia que lhe póde sahir bem cara.

Por este motivo, toda a pessôa discreta e cuidadosa, nega-se a receber productos suspeitos, e exige sempre a nobre e excellente

CAFIASPIRINA

E' o unico preparado que se póde administrar com plena confiança a qualquer pessôa da familia, pois dá sempre allivio e *nunca ataca o coração nem os rins.*

Dôres de cabeça, dentes e ouvido; nevralgias e cólicas menstruaes; consequencias de noites perdidas, abusos alcoolicos, etc.

:: O Conto Brasileiro ::

RUSGAS

Por
Mucio de Castro Serra

(A scena passa-se no hall da vivenda de Mocinha. Ao cahir duma noite de bruma e frio. Personagens: — Rapazinho: 20 annos, ar de pirata - precoce; Mocinha, "15" annos, ar de ingenua... (mas, só o ar...)

Rapazinho: — Mocinha! Olhe!... Olhe, Mocinha! — quero dizer uma coisa para você... Escute!

Mocinha (muito zangada): — Não quero saber de nada! Prompto!...

Rapazinho (fazendo um gesto para acalmal-a): — Que menina boudeuse você é... Escute!

Mocinha: — Não precisa mostrar que sabe francez... Não quero escutar!... Tá hi!...

Rapazinho (desconsolado): — Ora, Mocinha! O tempo que estamos brigando, eu já poderia ter dito... você já poderia ter escutado... tudo!

Mocinha (irritadissima): — Quer saber de uma coisa? E' melhor que você vá s'embora, ouviu?...

Rapazinho: — Mas... você disse a sua "coisa", assim, sem mais nem menos... Nem me deu tempo para responder si a queria saber ou não... Ora, Mocinha! Isso eu não queria!... "Vá s'embora!" Vá embora, é modo... Então quer que eu me vá com essa chuva gelada que está cahindo lá fóra?... Ah, Mocinha! Até já estou ficando triste...

Mocinha: — Que m'importa? Você não quer ir embora?... *(Levanta-se bruscamente)* Pois, então, quem vae sou eu!

Rapazinho (alçando um olhar supplice para ella): — Onde você vae?...

Mocinha (impaciente): — Embora!...

Rapazinho (supplice e carinhoso): — Não! Não, Mocinha! Continue sentada aqui no sofá, pertinho de mim!... assim... como estava!... Faz tanto frio! Não se vá, Mocinha! Fique para escutar o que lhe vou dizer, bem baixinho, ao ouvido!... Fique! Por que se levantou?

Mocinha (indecisa): — Você está se tornando muito "saliente", sabe? Deixe-me passar!... Não quero saber de nada, nada, nada. Deixe-me passar! Vamos! Tire essa perna do caminho!...

Rapazinho: — Onde você quer ir, Mocinha do Céo?!...

Mocinha: — Para dentro...

Rapazinho (galanteando): — Mas, você já está dentro!... Dentro deste *hall*! Só deste *hall*?... Não! mais ainda! Muito mais! Está dentro do meu coração! dentro de minh'alma! dentro de minha vida!!...

Mocinha (nervosa): — Ih! que raiva! Quando você começa com esse passadismo...

Rapazinho: — E' verdade! E' bem ridiculo uma declaração de amor! Eu estava brincando, sabe? Não se zangue. Venha cá. Venha sentar-se outra vez aqui. *(Ironico)* Seria mais modernista... *(Estende o braço para alcançal-a).*

Mocinha (relutando um pouquinho): — Para ser modernista, precisa olhar para a gente assim? Precisa apertar o braço da gente, assim? Precisa puxar a gente, assim? Precisa?...

Rapazinho: — Não sei si precisa ou não precisa, meu amor! Não sei!... Mas... não esteja ahi de pé, á tôa... venha!... Venha outra vez para o seu logarzinho antigo, aqui... aconchegadinha ao meu hombro... venha!... Que frio está fazendo!... Vem?...

(Ella não resiste mais, e torna a sentar-se ao lado delle...)

Mocinha: — Prompto! Já sentei. Está contente, agora?

Rapazinho (querendo tirar uma *revanche*): — Responda antes: ainda quer que me vá embora, quer?...

Mocinha (agarrando-o pela golla do casaco): — Não! Não! Não vá! Está chovendo tanto! Não vê?!...

Rapazinho (querendo desvencilhar-se): — Engano seu! A chuva já passou...

Mocinha (implorando, com uma caricia): — Mas não vá, meu bemzinho! Fique ainda... agora sou eu quem pede! Fique!

Rapazinho (satisfeito da vida): — Está bem. Então, eu fico...

(Segue-se um pequeno silencio; Mocinha, devagarinho, inclina a cabeça, recostando-a ao peito de Rapazinho...)

Mocinha (como que sonhando): — ... que bom!... Apoiar a cabeça sobre o seu coração!... seu coração está pulsando, pulsando... toc... toc... toc... depressa... depres-

O COMMENTARIO

Entre os serviços mais reorganizados da União, merece, sem duvida, logar de relevo o dos Correios, apesar dos esforços que innegavelmente fazem o sr. dr. Severino Neiva, muito digno director geral desse importante departamento, e alguns de seus auxiliares; mas que vale isso contra a inércia, a ignorancia e o pouco caso da grande maioria? Basta lêr na imprensa, diariamente, as reclamações pelo desapparecimento de jornaes e revistas, os inquéritos mandados abrir por violação de correspondencia, o extravio de malas e um rôr de bellezas similhantes...

A tudo isso póde-se accrescer ainda a má direcção das agencias urbanas, onde os funccionarios, apesar de serem do sexo fragil, não dão pancadas no publico, porque entre ellas e este existe uma grade de páu ou de ferro. Não faz muitos dias, assistimos na agencia da Avenida uma scena edificante. Um cavalheiro não se conformou com uma resolução da agente e exigiu que a mesma lhe mostrasse o artigo do Regulamento ou da lei, ou a Circular da Directoria ou do Ministério, em que se baseara para agir daquelle modo. Caso ella lhe apresentasse esse texto, conformar-se-ia; porém, si era imposição della, protestava. A agente tinha razão, com effeito; no entanto, ignorava a disposição regulamentar e, por isso, não a podia citar. Houve insistência de parte a parte. Uma funccionaria de quinta ordem interveio na discussão com taes modos que o cavalheiro foi forçado a pôl-a no seu logar. E ella berrava, como possessa, uma frase sediça e tôla:

— Sabe com quem está falando?

Juntou gente. O cavalheiro poderia ter respondido:

— Com um mammifero! e responderia bem. Preferio calar-se e retirar-se, evitando o escandalo, que a bem educada moça não temia, já se vê, querendo ser notavel... Com vista ao dr. Severino Neiva...

sa... depressa... Ah... eu gosto tanto de você!

Rapazinho (com os labios bem perto dos labios della, quasi a beijal-a): — Mocinha!... Si eu...

Mocinha (esforçando-se por endireitar-se): — Não!... Não!... Não!... Isso não!... (*Elle força-a, ella luta, elle beija-a "á muque" duas, tres, quatro vezes*). Máu! Seu máu! Ah, tambem... que homem... si eu soubesse que era para me beijar... juro...

Rapazinho (com ares de arrependimento — mas só ares...): — Mocinha! Que menina! Agora vae zangar-se por um beijo?...

Mocinha (com beicinho de chôro): — Você é muito máu, sabe?...

Rapazinho: — Você é que é má, sabe?...

Mocinha: — Então... promette ter modos?...

Rapazinho: — Prometto tudo, Mocinha! Meu docinho de leite...

Mocinha: — Docinho de leite é sua avó!

RUSGAS

(*Continuação*)

Rapazinho: — Não diga isso! E' peccado!

Mocinha: — Não é peccado... é "doçura".

Rapazinho: — Ironica!... Escute: acredita mesmo que eu seja máu?...

Mocinha: — Não... sei... Gosto tanto de vo... (*Rapazinho agarra-a outra vez, e pinga-lhe um mundo de beijos escaldantes, na bocca, nos olhos, nas faces... Ella defende-se bravamente...*) ai! ai! ui! anh!... máu!... máu!... mááá... Ô!...

Rapazinho (segurando-lhe ainda os braços): — Miáu?... parece uma gatinha...

Mocinha (indignada): — Atrevido! Você que parece um gato! Gatão assanhado! Olhe! Olhe como arranhou meu braço!...

Rapazinho (tentando consolal-a): — Mocinha!... Amorzinho!... Está zangada? Está?...

Mocinha (furiosa): — A-tre-vi-do!!! A-tre-vi-do!!!

Rapazinho (erguendo-se): — Pois vou embora! Adeusinho, sim?...

Mocinha (chorosa): — Máu!... E o que você ia me contar, heim? Agora quero saber...

Rapazinho (zombeteiro): — Sei lá... Já me esqueci...

Mocinha (ameaçando-o com os punhos fechados): — Ih! que raiva!... Estou com odio de você! Que odio!!... Dá vontade de pegar... de esganar!

Rapazinho (rindo): — Assim que é bom!

Mocinha: — Ah, tambem!... Vá embora, que é melhor!...

Rapazinho: — Já vou indo...

Mocinha: — Ih! que raiva!...

(*Rapazinho desapparece pela porta da rua, e Mocinha dirige-se para o interior, pisando duro, os punhos cerrados, contrariada, resmungando*): — Que raiva me dá esse homem! Que raiva elle me dá! Nem sei como é que fiquei gostando delle!... O bandido...

LIVROS E AUTORES

Morrer na vespera. — A segunda edição deste livro de prosa de Rocha Ferreira, que tão bem recebido foi pela critica. E' um romance original e merecedor de destaque no genero, em que tão pobre se mostra a nossa literatura. Linguagem clara e bôa como a natureza do nosso interior. Figuras vivas, naturaes sem artificios de cosmopolitismo. Um bello livro brasileiro.

Trocadilhos humoristicos — O dr. Mario Costa, especialista nesse genero literario, presenteia-nos com as suas ultimas producções trocadilisticas extrahidas de seis palestas humoristicas realizadas no Rio e em São Paulo, ultimamente.

A Cidade Imperial — Alcino Sodré é um espirito elegante e fidalgo na maneira de encarar os assumptos, na escolha destes e no trato da lingua, que sabe polir e ornar como verdadeiro artista. A *Cidade Imperial* intitula-se seu ultimo livro e nelle se descreve a vida de Petropolis, tão cara aos nossos antigos imperantes. O escriptor mostra com graça e verdade como se ia á cidade serrana em 1860, a vida de D. Pedro II alli, a natureza e a physionomia urbana, a sociedade e os caracteristicos locaes, o verão e as matas, as evocações e as saudades. O livro é um espelho da *Potsdam* brasileira, no qual brilha a cultura e se reflecte a alma do autor. E' uma obra cheia de encantos.

Gurya — Fecundo e sempre interessante, Benjamin Costallat tenta com exito o romance neste livro de assumpto moderno e de linguagem moderna. A critica pelos seus melhores mestres já lhe fez os elogios que merece. Os nossos chegam um pouco tarde, mas não são por isso menos sinceros ao artista já consagrado por varias obras demonstrativas do seu talento. *Gurya* augmenta os louros que elle tem colhido nas lides da literatura. Costallat conseguio tratar a vida dos nossos dias com um senso novo e com um *savoir faire* bastante original. O seu romance é um dos bons romances dos ultimos tempos. Aliás, o exito de livraria que tem tido é a melhor prova disso.

Retratos a penna — Entre os actuaes homens de letras que exercem sua actividade mental na Paulicéa, Aureliano Leite, que é paulista por adaptação, merece logar de relêvo. O autor do *Brio do Caboclo*, que mereceu os louvores da Academia, faz nestes *Retratos da penna* uma galeria de homens da sua admiração, com riqueza de expressão e serenidade de conceitos dignos de nota. Elle fala, entre outros, de Dino Bueno e Cerqueira Mendes, de Brasilio Machado e Delphim Moreira, de Diogo de Faria e Vergueiro Steidel, de Gabriel Rezende e João Arruda, de João Mendes e Pinheiro Machado, de Gama Cerqueira e Pereira Barreto, de Manoel Villaboim e Martin Francisco, de Pedro Lessa e Sylvio de Almeida, de Reinaldo Porchat e Herculano de Freitas. São paginas de historia, de critica, de biographia cheias de interesse e palpitantes de enthusiasmo.

Aureliano Leite escreveu com esses traços de intimidade, de evocação e de sentimento um dos seus melhores livros.

A hereditariedade em face da educação — Autor: Octavio Domingues. A obra estuda os problemas da hereditariedade de accordo com os modernos preceitos da Genetica. Desafia a reflexão pela profundeza do thema, que desenvolve baseado nas melhores theorias. Combate o que se entendia outrora por immutabilidade do caracter e contribue para a solução dos problemas de evolução.

Um volume de sciencia e de vulgarização da sciencia, escripto com simplicidade, despretencioso e por isso mesmo cheio de valor, que nenhum estudioso póde deixar de ter hoje em dia na sua estante, entre os de manuseio mais constante.

Agora.. RADIO e RADIO-*ELECTROLA*

Victor

Os instrumentos anciosamente esperados por todo o mundo!

Micro-Synchronicos

A pagina mais brilhante da Historia do Radio!

SYNTONIZAÇÃO INSTANTANEA—MICRO-EXACTA!

ERA inevitavel . . . os fabricantes da melhor machina fallante estavam destinados a produzir o melhor apparelho receptor de radio fabricado até hoje.

Chegou! O Radio Victor electrico . . . amparado pela indisputavel supremacia que por 30 annos a Companhia Victor vem mantendo na producção de instrumentos reproductores do som . . . um apparelho de radio ideado pelos engenheiros Victor . . . construido pela Companhia Victor.

O primeiro apparelho de radio Micro-Synchronico, o unico que produz verdadeira *symetria acustica*, isto é, perfeição e fidelidade de tom absolutas. Pode ser adquirido só ou em combinação com uma nova e prodigiosa Electrola. Ouça-o!

O Radio Victor é tão simples que até uma criança pode syntonizal-o com a facilidade de um perito.

Agora é possivel ouvir, por meio do maravilhoso reproductor electro-dynamico, um novo producto scientifico, musica que rivaliza com a execução dos artistas em pessoa. Toda a escala musical—desde as notas mais baixas até ás mais agudas—é reproduzida no Radio Victor com uma fidelidade, naturalidade e sonoridade indescriptiveis.

A nova Combinação Radio Victor-Electrola põe ao seu alcance immediato, dentro de sua casa, toda a musica do mundo; a musica pura e limpida apanhada do ar e a gravada em discos, reproduzidas electricamente com um realismo incrivel e uma belleza soberana até hoje desconhecida.

Os moveis Victor, de ideias completamente novas, de construcção compacta e linhas de uma belleza idescriptivel, harmonizam com o interior da casa mais sumptuosa.

Entretanto, os immensos recursos economicos e scientificos da Companhia Victor, collocaram estes instrumentos maravilhosos ao alcance de todas as bolsas.

Distribuidores Geraes:
PAUL J. CHRISTOPH COMPANY
Rio — Ouvidor, 98 — S. Bento, 35 — S. Paulo
E em todos os revendedores Victor.

VICTOR TALKING MACHINE DIVISION
RADIO-VICTOR CORPORATION OF AMERICA
CAMDEN, N. J., E. U. da A.

A CORÔA FUNEBRE

O ministro de Negocios Estrangeiros da Republica estava farto. Mal tomavam posse de seu cargo os consules em To-Chang, recebia sua excellencia uma carta e a visita de muitas personalidades politicas, que iam solicitar-lhe a transferencia do funccionario para outro logar.

Que occorria em To-Chang para que ninguem quizesse permanecer alli mais de vinte e quatro horas? Seria que o governo chinez difficultava sua gestão? Seria necessario dirigir-lhe um ultimatum para que deixasse de pôr obstaculos á administração, sob pena de declarar-lhe guerra?

As cousas se tornavam muito sérias, e não era possivel continuar em tão humilhante tolerancia.

Uma alta personalidade do ministerio aconselhou a calma, e que, sem perda de tempo, se procedesse á pratica de averiguações secretas encaminhadas de maneira a ser descoberto o mysterio que envolvia tão estranho caso.

Em consequencia disso, se determinou a ida a To-Chang de um membro do ministerio, para que, fingindo que se dirigia, em viagem de recreio, a Pekim, se detivesse em To-Chang e se informasse do que alli occorria.

Quando o alto funccionario chegou áquella cidade, foi acolhido com grandes demonstrações de affecto por parte do consul, que se preparava para regressar, por ter pedido sua transferencia, como os anteriores, quarenta e oito horas depois de tomar posse do cargo.

— O senhor vem substituir-me? — perguntou-lhe.

— Não, senhor — respondeu o funccionario. — Percorro a China como turista, e desejava conhecer esta cidade.

— Pois me alegro muito com isso — replicou o consul. — Eu parto immediatamente.

O alto funccionario procurou inquirir as razões que tinha para sua partida. Mas não conseguiu obter o menor resultado proveitoso. A reserva mais impenetravel cercava esse caso excepcional.

No fim de dois dias, e com grande trabalho e muitos esforços de imaginação, conseguiu ter a chave da cousa. Os consules se retiravam dali para fugir á morte.

Eis, em linhas geraes, o que pouco averiguou o alto funccionario:

Ha annos falleceu em To-Chang a pessoa que desempenhava o cargo de consul. No dia seguinte o punhado de desterrados que pomposamente se denominava colonia escoltou o cadaver até a ultima morada. Para honrar sua memoria, se havia collocado no coche funebre uma corôa com grandes pensamentos de velludo e botões de rosa de panno — uma grande e ostentosa corôa, á qual não faltavam duas longas e largas cintas de sêda violeta, onde se lia, em letras de ouro, esta instripção: "Ao consul a colonia."

Quando terminou o enterro, e o acompanhamento se retirou do cemiterio, o secretario do consulado tomou a corôa e a collocou no muro que na China cerca os sepulcros.

De repente, lhe tocaram no hombro. Era o guardião, que, assignalando a corôa, lhe deu a entender, com grande trabalho, que na China não havia o costume de deixar corôas nos cemiterios, e que si a deixasse ali, de certo estaria alguém, que a levaria para vender as flores soltas.

(Illustrações de Marcelo Roberto)

de Suzanne Normand

Em vista da insistencia do guardião para que levasse a corôa, o secretario tirou-a da sepultura do consul e voltou ao consulado.

Mas, que ia fazer com uma corôa mortuaria?

Depois de pensar muito, chamou o criado chinez e perguntou-lhe:

— Onde poderiamos collocar esta corôa para que não se estrague?

— Senhor, respondeu o chinez, — o melhor logar é lá em cima, no archivo, onde nunca entra ninguem.

O archivo era um amplo salão cheio de documentos empoeirados.

— A corôa ficará ali muito bem, pois aquillo é outro cemiterio — disse o secretario. — Mas é preciso, antes, limpar perfeitamente o local.

No dia seguinte, pela manhã, o criado chinez, auxiliado por outros, limpou o salão do archivo, e no logar de honra ficou exposta a corôa, coberta com um panno, para que não se estragasse.

Um novo consul substituiu o que acabava de morrer. Depois chegou outro, e outro, e o secretario, continuando sua carreira, se ausentou da aquella cidade.

Mas veiu um consul que quiz visitar todo o edificio. Ao subir ao archivo, teve a attenção despertada por um objecto enorme que estava collocado sobre uma grande estante. Com a maior curiosidade, levantou o panno que a cobria, e viu com assombro que se tratava de uma corôa mortuaria. O tempo fizera empallidecer as petalas de rosa e a côr dos pensamentos. Mas a protecção do panno conservára parte da frescura para que, em caso de necessidade e urgencia, pudesse ser utilizada novamente. O que menos soffrêra com a acção do tempo, foram as cintas violêtas, nas quaes se lia, em grandes letras douradas: "Ao consul, a colonia."

O novo consul ficou alarmado.

— Que é isto?! — perguntou ao criado chinez.

O filho do Céo respondeu:

— Senhor: é a corôa para quando o consul morrer.

Aquillo era o cumulo da previsão. Os consules, ali, deviam morrer com a maior facilidade.

E por esse motivo é que nenhum consul parava ali. Tratava logo da sua transferencia quando sabia da existencia da corôa funebre...

Um multimillionario americano

Max & Alex Ficher

TREMLETT (J. K. L. M. N. O. P.), mais conhecido de Nova York a São Francisco e de Nova Orleans ao Alaska pelo apelido de "Rei do fracasso", nasceu em 1868 em Noisy-le-Sec (Estado de Ohio). Uma obstinada má sorte parecia acompanhar a sua pessôa desde a mais tenra idade. Até quando, criança ainda, brincava de jogo com seus amiguinhos, sahia sempre perdendo.

Em consequencia do fallecimento inesperado de seus paes, Tremlett se viu, da noite para o dia, aos vinte e tres annos, dono de uma pequena fortuna de trezentos mil dollars.

Frequentemente ouvira seu pae dizer que "o primeiro dever de todo capitalista era não deixar dormir seus capitaes"; e, em vista disso, resolveu consagrar immediatamente a somma de vinte e cinco mil dollars ao lançamento de uma pasta dentifricia nutritiva.

Segundo a opinião de todos os chimicos, essa pasta era um reconstituinte admiravel.

Qualquer outro que não fôra Tremlett teria realizado uma enorme fortuna com tão esplendido negocio, mas não haviam transcorrido cinco mezes quando se viu obrigado a fechar o estabelecimento por evaporação da quantia assignada a tal empresa.

Não desanimou por isso.

Successivamente se poz á frente de vinte differentes fundações (um bar automatico, uma casa de novidades, uma fabrica de reparação de ferros em aluminio, uma casa editora que publicava seus volumes só em papel de fumar, um escriptorio de collocações para criminosos sem occupação, etc.). E umas atraz das outras, todas as empresas, ás quaes parecia reservada uma prosperidade real, falliram em menos de tres annos.

Certa manhã de 1894, Tremlett procedeu a um consciencioso inventario de sua fortuna, e com profunda contrariedade verificou que não lhe restava siquer um bilhete de mil dollars.

Então lhe occorreu de repente a idéa simples e grandiosa que em pouco tempo devia transformal-o no homem collossalmente rico que é na actualidade.

Guardando cuidadosamente, em um compartimento de sua carteira, o unico bilhete de mil dollars que possuia, foi visitar o proprietario do "New Bazar", de Noisy-le-Sec (Ohio), e assim lhe falou:

— Senhor: sou dono de mil dollars. As acções de sua florescente empresa se cotizam neste momento a mil dollars. Por conseguinte, resolvi adquirir uma logo que se abra a Bolsa, esta tarde.

A fama de má sorte de Tremlett está já solidamente cimentada.

Ao conhecer os propositos de J. K. L. M. N. O P., o director do "New Bazar" não poude deixar de se alarmar e exteriorizar um gesto de profunda inquietde.

— Então, o senhor se propõe comprar uma acção do "New Bazar"?!... Diabo! — exclamou. — Isso é desagradavel!... Vejamos, vejamos... A collocação de fundos que deseja realizar, meu caro senhor Tremlett, não é tão vantajosa como suppõe... Permitta-me que lhe dê um bom conselho... Eu, em seu logar, adquiriria antes uma acção no "Sittle Bazar".

Como toda resposta, Tremlett lhe declarou friamente:

— Minha resolução é irrevogavel. Antes desta noite figurarei na lista de accionista do "New Bazar".

O director da empresa comprehendeu que não podia vacillar um momento. Tinha que procurar immediatamente uma transação razoavel para impedir que Tremlett comprasse antes da noite o documento que o fizesse participe nos negocios do "New Bazar", pois tinha certeza de vêl-os de agua abaixo, logo no dia seguinte.

— Senhor Tremlett — falou, então — aqui tem dez mil dollars. Rogo-lhe que os acceite. Em troca delles, consinta em pôr sua firma ao pé de um contracto pelo qual se compromette a não procurar nunca se tornar accionista do "New Bazar".

Tremlett retirou-se para sua casa. E no dia seguinte, depois de guardar em sua carteira os dez mil dollars, tomava o trem que partia para Nova York.

Mal ali chegou, se dirigiu á séde social da Companhia Geral de Bondes, e mandou seu cartão ao presidente do Conselho de Administração.

— Senhor: — disse-lhe — não sei si tenho a honra de ser conhecido pelo cavalheiro.

— *Certainly!* — respondeu o presidente do Conselho de Administração da poderosa Companhia Geral de Bondes, de Nova York. — A proverbial má reputação do senhor como negociante celebrizou seu nome em toda America... Em que posso servil-o? Ah! Já o adivinho... Encontra-se, pessoalmente, lutando com as maiores difficuldades, e vem procurar-me para que eu o auxilie. Não é isso?... Pois bem: não foi em vão.

O presidente ia abrir sua carteira para entregar um dollar ao visitante. Mas este não lhe deu tempo a fazêl-o.

— Obrigado, cavalheiro — exclamou. — O senhor está enganado acerca do fim da minha visita a este escriptorio. Consta-me que os seus bondes nunca andaram tão bem como agora. Não falo como passageiro, e sim como homem de negocios. As acções acabam de ser cotizadas á formosa somma de dez mil dollars. Pois eu tenho precisamente dez mil dollars disponiveis... (O presidente se alarma. Aqui estão elles... E desejava conhecel-os para manifestar-lhe que antes desta noite, tenho o prazer de annunciar-lhe, poderá o senhor acrescentar meu nome á lista de seus accionistas.

O presidente do Conselho de Administração da Companhia Geral de Bondes se tornou livido.

— Que diz o senhor?!... — balbuciou. — Que diz o senhor?!... Tremlett se propõe comprar uma acção de nossa companhia? Isso é horrivel, é espantoso!... Nesse caso estamos perdidos... Jamais os nossos accionistas terão o minimo dividendo!

Um quarto de hora depois, o presidente da Companhia Geral dos Bondes entregou a Tremlett um cheque de cem mil dollars. Ao mesmo tempo, lhe offerecia uma penna para que puzesse sua assignatura ao pé de um contracto, devidamente inscripto em papel timbrado, e em virtude do qual se compromettia o nosso homem

a não adquirir nunca, jamais, em tempo algum, a menor acção da Companhia Geral dos Bondes, de Nova York.

Tremlett retirou-se para sua residencia.

No dia seguinte, depois de ter guardado em sua carteira os cem mil dollars, tomou o primeiro trem que partia para Chicago.

Logo que chegou áquella cidade, foi á séde da "Standard Oil Company", e mandou seu cartão ao presidente do Conselho de Administração, que, como todo o mundo sabe, é sir John Rockefeller.

— Sir John Rockefeller — disse-lhe Tremlett, — disponho de cem mil dollars e venho fazer-lhe uma visita cordial, pois me proponho...

A fortuna actual de J. K. L. M. N. O. P. Tremlett é calculada em cerca de dois milhões de dollares.

E elle não completou ainda quarenta annos...

M.

O que nem todos sabem

Os elephantes, mesmo em estado selvagem, mostram notavel disposição para a dança. Os viajantes da India contam que costumam ver-se nos bosques elephantes que se reunem com frequencia, para executar, á luz da lua, certas evoluções que têm muito de choreographicas.

*

Ha em Paris uma "rua do Inferno" (rue de l'Enfer?).

A explicação é simples. São Luiz (Luiz IX) pretendia que as casas dessa rua eram infestadas de diabos e almas do outro mundo. O rei deu essa rua aos Cartuxos, que se encarregaram de exorcisar os representantes de Satan. Com effeito, ninguem se queixou, depois disso, dos maleficios dos demonios. O Convento das Carmelitas se estabeleceu no numero 30 dessa rua, e foi ali que morreu a duqueza de La Vallière, após trinta e quatro annos de austera penitencia, no anno de 1710.

*

A idéa de que as potencias divinas se communicam mais facilmente com a mulher, foi adoptada em geral pelos povos antigos. Tiveram essa convicção os germanicos, os bretões e os escandinavos. As mulheres eram os oraculos entre os gregos. Os romanos sentiam grande respeito pelas sibyllas, e os proprios hebreus não deixaram de dar credito ás pythonizas.

*

Quando se atravessa sem as precauções necessarias a cordilheira dos Andes, nos pontos onde ha nevadas, se contrae uma enfermidade que se chama *suripi*. Manifesta-se em fórma de inflamação nos olhos, produzida pela subtileza do ar, o frio e brancura da neve. Evita-se com o uso de oculos com vidros de côr.

*

Ha, na America, um lobo vermelho, que se chama *boroschi*, e cujo grito é semelhante ao do zorro. Como a nossa raposa ataca, de noite, as aves domesticas. Os habitantes do campo asseguram que, quando esse carniceiro não tem nada que roubar entretém a fome comendo terra. Sua pelle lanosa é summamente apreciada pelos camponezes, que a consideram uma especie de panacéa contra as enfermidades. Talvez contribúa para tal superstição o facto curioso de que essa pelle tem a propriedade de não apodrecer na agua.

*

Ha actualmente no mundo 20 milhões de estações receptoras de telegraphia sem fio, das quaes cerca de 11 milhões, nos Estados Unidos.

A Inglaterra e a Allemanha contam, cada uma, 2 milhões de estações, a França 1 milhão e 250.000, o Japão, a Argentina e o Brasil, cada um, meio milhão.

As estações emissoras são mais de 300 nos Estados Unidos, mais de 200 na Europa, cerca de 70 no Brasil (das quaes 55 pertencentes á Repartição Geral dos Telegraphos), 25 na Australia, 7 no Japão.

Encontram-se na Europa as estações mais poderosas: 30.000 watts na Suecia, 20.000 na França, 16.000 na Inglaterra. Os impostos pagos pelas estações receptoras variam muito, sendo o mais elevado o da Republica do Salvador, que é de 150$000.

*

E' bem sabido que o canal da Mancha é perigoso, ao extremo de ser chamado *mãe dos naufragios*. Mas, nem sempre suas ondas se moveram com o impeto de agora. Houve tempo em que não existiu. A ilha bretã fazia parte do continente, do qual agora se afasta cada tempestade, uma vez que durante longos seculos esse mar inquieto arranca e derruba suas rochas.

*

O gelo para refrigerar os alimentos e bebidas não é uma conquista do homem moderno. Nas memorias do famoso viajante Marco Polo (1254-1323), se lê que, em seu regresso do Japão, o explorador poude surprehender seus amigos convidando-os para um banquete com manjares gelados. E' essa a primeira allusão que se regista sobre o uso do gelo na Europa.

Em 1550, a rainha Catharina de Medicis ordenou que se preparasse gelo em suas proprias cozinhas.

Como as Mulheres Sofrem

As mulheres sofrem muito mais do que os homens e adoecem muito mais facilmente do que elles.

Isto não é nenhum segredo para os bons Medicos.

O organismo da Mulher é muito mais delicado, muito mais vibratil e mais sensivel do que o dos homens.

A prova é que um Susto ou Medo Repentino tem sempre effeitos mais desastrosos e consequencias mais graves para as Mulheres.

Algumas mulheres são tão sensiveis, os seus Nervos são tão delicados, que basta ás vezes a Leitura de um Romance comovente, um aborrecimento ou uma noticia inesperada, para que certos Orgãos internos comecem a sofrer.

Mesmo as Senhoras mais calmas, que se julgam mais fortes e resignadas, contra os desgostos da Vida, sofrem as graves consequencias de Sustos, Contrariedades ou Comoções Violentas.

Uma simples Raiva, um Sobresalto qualquer, até nas mulheres de maior resignação, de mais coragem, de animo mais firme e que parecem ter esplendida Saúde, causa sempre transtornos e perturbações Organicas, que podem ser o começo de certas Doenças Perigosas.

As Senhoras que parecem mais tranquillas e pacientes, contendo e guardando maguas, dissabores e pezares são, no intimo, tão impressionaveis e sensiveis quanto as outras.

Conter as Lagrimas, não se queixar de nada, sofrer tudo calada, como uma santa, dominar-se nos momentos mais dolorosos, exige sempre uma fortissima Tensão Nervosa, que equivale a um grande e imenso sofrimento.

Garanto ser este o supremo sofrimento, a dor suprema, a Verdadeira Tortura!

Nada abala tanto a Saúde e arrisca tanto a Vida.

Não convem facilitar.

Por isto, aconselhamos a todas as Mulheres, de qualquer idade, sejám velhas ou moças, calmas ou nervosas, que leiam e façam o seguinte:

Muitas Senhoras já ha muito tempo que estão sofrendo do Utero e não sabem, nem desconfiam de nada.

Não pode haver Perigo maior!

A Asma Nervosa, Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Sufocações, Sensação de Aperto na Garganta, Cançaços, Falta de Somno, Falta de Apetite, incomodos do Estomago, Arrotos Frequentes, Azia, Boca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Quentura na Cabeça, Peso na Cabeça, Pontadas e Dores de Cabeça, Dores no Peito, Dores nas Costas, Dores nas Cadeiras, Pontadas e Dores no Ventre, Tonturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbido nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Subitos, Caimbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormencias, Sensação de Calor em Diferentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimentos da Memoria, Moleza de Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na Pele, Certas Feridas, Certas Coceiras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc., etc. Tudo isto pode ser causado pelas Molestias do Utero!

Até o Genio da Mulher pode ficar alterado.

A's vezes a pobre doente pensa que está sofrendo de muitas Molestias, sem saber que tudo isto vem do Utero Doente!

A prova de que tudo vem do Utero Doente é que com o uso do *Regulador* **Gesteira** todos estes Males desaparecem e a mulher sente-se outra, como que ressuscitada, alegre com a Vida e com o Mundo.

Use *Regulador* **Gesteira**

O Melhor tratamento é usar *Regulador* **Gesteira.**

Sim! Sim!

Regulador **Gesteira** é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez e Amarelidão das Moças, Ataques e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pouca Menstruação, as Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, a Fraqueza do Utero, as Dores da Menstruação, as ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflamado!

Comece hoje mesmo a usar *Regulador* **Gesteira**

PAPILLON (São Paulo) — Muito bem. Li a sua carta de um rosao crepuscular e fiquei radiante com o que me disse.

Realmente, a sua missiva é longa. Mas não enfastia. Lendo-a, a gente tem a impressão de que a sua autora é muito intima do destinatario. Pelo menos, parece querer crear um ambiente de sympathia para ambos.

Mas por favor, diga-me cá: V. Ex. será dessas senhoritas platonicas, que vivem a falar em *l'oiseau bleu*, em *torres de marfim*, em *ideaes inatingiveis*, como si amassem a mumia de um pharaó, ou a effigie de Ramon Novarro, na convicção de que jamais poderão objectivar os seus sonhos?

Pelo amôr de N. S. Jesus Christo, diga tambem si gosta das declarações amorosas, ou estylo charadistico, como os collaboradores do Almanack Luso-Brasileiro?...

Oriente-me nesse particular. Sou daquelles homens que não amam fantasmas, nem se apaixonam pelo telephone, nem pelo radio, nem adoram *estrellas* de cinema, pregadas á parede do quarto. Tambem não acredito em affeições epistolares: "Da tua que te ama eternamente — *Maricota.*"

Não, tenha paciencia! Não decifrarei a charada das creanças que figuram no grupo photographico. V. Ex. parece ter o prazer de embaraçar as coisas faceis.

Conhece a anecdota do cachorro? Certamente. Ella é muito corrente no Brasil.

Um camarada pergunta a outro:

— Que é o que é: um cachorro perfeito, que late, morde, tem quatro patas e cauda de gallo?

O outro pensou, pensou, e respondeu:

— E' um cão, filho de gallinha.

— Qual nada! A adivinhação é facilima. Veja si acerta.

O outro medita, longamente. Afinal, desespera:

— Não sei o que é.

E o camarada gaiato:

— E' cachorro mesmo.

— E a cauda de gallo?

— Foi para atrapalhar.

Assim, faz V. Ex. Para que atrapalhar uma coisa tão facil. Uma coisa que já devia ter dito ha dois ou tres annos?

Quanto ao detalhe que se refere a dança, escreve V. Ex.: "...danço menos mal. Salvo quando o cavalheiro é um quarentão barrigudo que me pisa nos pés, esmagando-me os dedos e sujando-me o sapato de baile..."

Permitta-me um reparo: em bôa sociedade, esse dançarino não entra. Salvo si fôr na qualidade de *penetra*. Porque a verdade é que um cavalheiro de tal quilate póde ser hippopotamo, um pachiderme, um mammuth, um dinosauro, nunca um homem de salão.

Quanto a mim, devo dizer que não costumo esmagar os pés da minha dama; quando muito, costumo apertar-lhe a cintura...

F. JUNIOR (Bahia) — Ainda bem! Ainda bem que o senhor só faz restricções á minha graphologia. Não a nega. Não me insulta. Não me diz insolencias.

E' pois rendendo homenagem a mim mesmo que publico a sua carta na integra:

"Yves: — Somente agora posso cumprir um dever que reputo imperioso: agradecer-lhe sinceramente a resposta que V. se dignou dar-me no numero do Fon-Fon, de 3 do corrente.

Ao tempo em que me satisfez a curiosidade e o interesse, esta resposta veio augmentar a sympathia que lhe voto, pois que V. accedeu cavalheirescamente ao meu pedido, muito embora... aquelles primeiros esclarecimentos graphologicos, "pouco espirituaes e muito materiaes", não sejam *de todo* verdadeiros.

E' mistér que lhe diga que não quero tirar, com esta ligeira contestação, o valor inconteste desse estudo — o que, si o fizesse, não lhe faria mossa.

Renovo-lhe os meus effusivos agradecimentos.

Do admirador agradecido."

PERY (Matto Grosso) — Li o soneto do sr. A. Serra que appareceu, por ahi, em Corumbá. A minha opinião é desfavoravel ao poeta.

Não entro em detalhes. Direi que está cheio de imperfeições. E isso num soneto é imperdoavel.

ANGELICA (Minas) — A minha resposta, a tanta gentileza, se resume nisto: Encantado. E, encantado, espero que cumpra a sua promessa. Depois direi o que penso de V. Ex. Mas não me vá mandar photographias de artistas de cinema. O *truc* é desinteressante. Fica bem em "Larme sombre" em "Lis", em "Papillon" e outras creaturinhas frivolas e fingidas.

ENFANT GATÉE (São Paulo) — O seu excerpto não póde ser publicado no Fon-Fon. E' litteratura escolar, propria para themas e exercicios de aperfeiçoamento calligraphico.

LUCIMAR (Capital) — Li o seu conto *Reconciliação*. Está fraco. Faltam-lhe ainda esse desembaraço e a devida pratica que se devem exigir de um *conteur*.

E' preciso dizer as coisas com elegancia, com brilho, com estylo, assim de um modo que pareça muito facil, o escrever, embora seja uma arte difficilima.

Os seus dialogos são banaes e corriqueiros. Os seus personagens não se articulam. Até parece que estão fazendo aquelle jogo predilecto dos italianos, um jogo feito com a apresentação de um numero, com os dedos.

Um fica em frente ao outro, e grita um numero da sua escolha:

— Dois.

E o outro, apresentando os dedos, mostra o indice, o médio e o anullar.

Total — cinco.

E o jogo prosegue.

Assim é o seu dialogo. Um diz uma phrase. O outro retruca ao pé da letra. Vem a réplica. Depois, a tréplica. E' um Deus nos acuda.

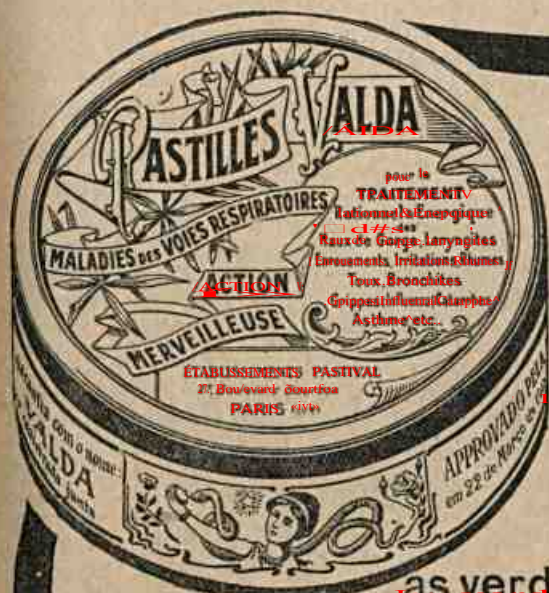
Em todo caso, vamos aproveitar o *Reconciliação*, na esperança de que nos envie coisa melhor e menos vulgar, no dominio das letras. E só desta vez elle será corrigido.

Já se foi o tempo em que nós, serenos abnegados, das litteratas, mal agradecidas, collaboravamos com ellas, no arranjo das suas producções, auxiliando-as a subir a escada da popularidade, — para no fim ellas fingirem na rua, como V. Ex., que nem sequer nos conhecem — que "não dão confiança"...

Quanto á graphologia — nada direi. V. Ex. é dessas que dão pancada na gente... Deus me livre!

LYSE (São Paulo) — Antes de tudo: não commetti nenhuma injustiça, quando declarei que V. Ex. é uma senhorita egoista e só deseja a publicação dos seus versos, não sendo verdadeiros os elogios que me fazia na sua primeira carta. A sua letra bem m'o diz...

O seu poema não foi publicado por que só trouxe um pseudonymo: Lyse. E nós não temos grande sympathia pelas litteratas que vêem na litteratura um peccado que se commette, com certas reservas... no justo receio (!) de não entrar no céo... ao lado dos "bemaventurados pobres de espirito"...

Lyse! Que vem a ser esse pseudonymo para quem diz vêr na poesia a imagem da gloria? Essa *Lyse*, assignando aquelle poema

O VOSSO DOUTOR

aconselha-vos a tomar o

DIGESTONICO

do Dr. VICENTE

Appr. D.N.S.P. sob o Nº 169 em 24-3-1927

contra

as dôres do estomago

ARDORES

DYSPEPCIAS

ACIDAS

Laboratoire des "PRODUITS SCIENTIA" - PARIS

A venda em todas as Pharmacias

apaixonado, me dá a idéa de uma uma donzella bem comportada, uma Agnès moderna, desejosa de arranjar um bom casamento, com um amanuense distincto, "funccionario zeloso, cumpridor dos seus deveres", e esposo exemplar, incapaz de desviar um vintem do seu ordenado, no fim do mez, e, ao mesmo tempo, uma excellente vizinha, muito querida na sua rua, e de quem não póde suspeitar o feio deslise de perpetrar a babuzeira de um verso, o que só faz pôr ás tontas a cabeça das mocinhas de tratamento...

Não, *D. Lyse*, tenha a coragem das suas predilecções literarias, como teve as de contar o seu amor comburente, naquelles alexandrinos inflammados e nivantes de paixão.

Nada de hypocrisias em arte. Em arte tudo é bello! — Mesmo as coisas hediondas — si é que em arte ha alguma coisa hedionda.

Não creio muito na sua resolução de vir ao Rio, indagar, pessoalmente, da perversidade que não existe. Mas, no fim do anno, irei a São Paulo; e, nessa occasião, terei ensejo de lhe fazer uma ligeira visita. Está entendido?

INVEJOSO (?) — Invejoso? Mas de quê? O senhor tem talento. Sabe escrever. Está, portanto, no caso de conseguir tudo que julga tenhamos conseguido.

Esta secção não é, nem quer ser uma pagina banal de perguntas e respostas. Ella pretende ser util ao leitor, não só lhe prestando informações que se poderiam obter em qualquer parte, mas tambem os deliciando com o espirito dos seus proprios consulentes. E como o senhor me fornece tal ensejo transcrevo, para aqui, o seu esboço critico-psychologico, a proposito dos redactores do Fon-Fon. Eil-o com todas as suas virgulas e pontos:

"Yves — Na continua leitura do Fon-Fon vou apreciando as suas transformações, e vejo sorrindo o rumo que seus redactores dão ao seu texto.

Não podia ser de outro modo; é um conjuncto de mocidade, e onde está a mocidade está o amor.

Ama João do Norte, a trasvasa o seu coração em pequenas filigranas.

O Elcias Lopes — vive na eterna festa da sua linda boneca, tendo a alma sempre em caricias para a santa que lhe espalha uma chuva de rosas sobre a banca de trabalho.

O Bastos Portella — incorrigivel blaguer que ama ser amado e procura encobrir com a sua mordaz ironia as grandes tempes-

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

tades de seu espirito. Nada o prende, tudo o attrai.

O Claudio França — mais ponderado, colocou o coração n'uma lanterna de papel e fica embaixo, preoccupado com as chamas de amor, que não a devorem.

O Hermes Fontes — difficil de ser amado, canta, canta mas não então, ou andas — então atôa.

Petite Souza — Agua crystal lina e pura, onde alguem se desaltera.

Ha alguns mais, mas estes são os que mais se lêm, estas são as almas mais em evidencia.

Como vos invejo, felizes chronistas, espalhaes pelo mundo as vossas almas, e o povo a rir, ou a limpar uma lagrima não vos comprehende.

Continuae a amar, é uma delicia sentir os vossos amores.

E perdoae-me e deixae tambem que eu diga o meu amor: dize, Yves, se ella não desmaiará ao ler o meu verso. — *Invejoso."*

Infelizmente, a parte do papel onde vinha o seu poemeto, ficou presa á goma-arabica do enveloppe: esfrolou-se, tornando-se illegivel.

Agora uma nota: O senhor — que deve ser *aquella mesma consulente* que se assigna *S*, e me *offereceu uns versos, dactylographados* — esqueceu de traçar a psychologia de Mario Poppe, o fino e elegante chronista de *A Cidade do amor*, e Martins Capistrano, o nosso secretario, e outro chronista e *conteur* não menos seductor.

Faço-o eu, por minha conta: Mario Poppe — psychologo malicioso e ironico. A sua penna é um estylete de ouro, prompto sempre a picar almas curiosas, como quem fisga exemplares de borboletas exóticas. — Martins Capistrano — o observador minucioso, que nos apresenta as coisas e as pessoas, através as lentes das sete côres das suas emoções, do pessimismo e do seu optimismo, outras vezes.

PAULO VICENTI (?) — Os seus originaes foram entregue ao secretario. Como não tive tempo de lel-os, pedi ao secretario que o fizesse com o seu espirito de justiça habitual.

DANTE COSTA (Capital) — Sim. Será attendido.

J. VENTURA MARTINS (Estado do Rio) — Não gosto do titulo do seu livro. *Travo amargo.* Ha uma grande monophonia nesse *ávo eárgo.* Repetem-se os sons em *a*.

Quanto ás quadras que me enviou, devo dizer que são lindas. Difficilmente se escrevem decassylabos tão lindos, a par de tanta emotividade e colorido.

Vou guardar os seus versos para lhes dar um logar de mais destaque. E' preciso esperar essa opportunidade.

STELLA (Paraná) — Agradeço-lhe penhorado os elogios que me faz.

Devo-lhe as seguintes respostas:

1o. — Não me é possivel dizer-lhe os poetas que me agradam. São tantos...

2o. — Tambem não estou autorizado a dizer-lhe o endereço da poetisa Colombina ou Ide Blumenchein.

3o. — A photographia da sra. Bertha Singerman só ella mesma lh'a poderá fornecer.

E até breve.

LIDY (S. Paulo) — Muito grato pelas palavras gentis que teve para a minha secção. Infelizmente não posso dizer o que sua graphia revela.

MARILIA (S. Paulo) — A 2a. edição da *A Costella de Adão* de Berilo Neves, deve apparecer até o começo de outubro. O dr. Berilo Neves é natural do Piauhy é formado em medicina, tem 28 annos e é solteiro — ao contrario do que V. Ex. suppõe.

A Costella de Adão é o seu primeiro livro. Outra nota: Berilo Neves é redactor de varias revistas e jornaes cariocas.

Essa segunda edição será encontrada na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166, onde tambem poderá obter os livros didacticos a que se refere.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:
Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97 — Telephone Central 4136.

FON-FON — 27-9-1929

Nome do consultante ....

....

Data da consulta ....

A vovó tinha uma memoria prodigiosa e, como todas as avós do passado, possuia um rosario de bellas contas, que ella desfiava com indulgencia.

Sabia das contas maliciosas, alegres, divertidas; sabia das melancolicas, das terriveis e verdadeiras! E eram essas contas terriveis e verdadeiras que lhe costumava pedir, pois eu tinha esse gosto do soffrimento que faz brotar lagrimas pueris e que vota o coração ao desespero.

A vovó não era nada banal! Ella não começava as suas "historias" assim como contos de fadas: "Era uma vez..." Preludiava: "Um pobre rapaz, uma bella rapariga..." pois havia, invariavelmente, nos seus contos, uma joven e um rapaz, um pobre rapaz.

Estavamos os dois deante do fogão onde a lenha ardia. Um "geigneux" rachado suspirava no brazeiro. O gato ronronava o nariz enfiado na cinza. Suspensa a uma das paredes do fogão, uma candeia chorava pelo seu pavio de sebo, no prato do candieiro...

A vovó estava sentada na sua cadeira de palha. Eu me deixára ficar a seus pés, o queixo cahido sobre os joelhos, o olhar afogado nos seus olhos afim de ir mais depressa que a narrativa e de adivinhar todo o pathetico, antes que ella se exprimisse...

* * *

"Um pobre — disse a vovó — havia nascido com miseraveis olhos, quasi fechados á luz. E como si a Providencia tivesse feito a proposito, não havia nenhuma creança na cidade, que ficou ávida, tanto quanto elle, de ver e gozar o que via.

Surprehendiam-n'o, constantemente, deante de uma floresta agitada de aves, dum regato que deslisava sob os moitaes, deante de um ninho, deante de uma flor... Uma flor tambem, o fresco rosto das "jeunes filles". Embora fosse assim pequeno, elle as procurava, admirava, perdido nos seus extases. Mas, quando attingiu maior idade não amou senão uma, uma que não amava de amor, mas que, sendo bella e boa, achava carinhosa e agradavel de se deixar adorar.

— Onde está Guilherme? — perguntavam.

— Está com Giselette, ora essa!

E não era mentira. Guilherme, que os fazendeiros tinham recolhido e que "não havia pago o que custara", Guilherme não era feliz senão junto da filha dos seus patrões: Giselette, garotinha viva, graciosa, e a quem os seus paes amavam tanto que viviam confusos de tel-a posto no mundo.

Giselette devia ser rica mais tarde. Apezar do seu rosto de indigente, não lhe faltavam pretendentes. Aqui era o filho de tal fazendeiro que se apropriava della; ali era outro, que projectava arrancal-a ás suas mãos.

A joven não se inquietava quasi; e, sem desprezar os pretendentes, não demonstrava nenhuma pressa em lhes cahir nas mãos. E depois era uma sonhadora.

Emquanto ella se enternecia á borda dos lagos, seguindo o vôo das libellulas, entre os juncos, Guilherme, que guardava o rebanho no campo, podia enamorar-se á vontade da sua esbelteza, da sua cabelleira fluctuante, do seu sorriso, do azul estrellado dos seus olhos.

— Guilherme, tu não te cansas de fitar-me? No emtanto, eu nada tenho de bonita! — dizia ella, *coquette*.

O rapaz era vigoroso. Tinha hombros largos, e era uma solida mão de homem que abandonava o bastão para tomar as jóias que lhe offereciam:

— Não és bonita, Giselette? E' verdade, não és bonita; mas és bella como a Madona e doce como a communhão.

E elle se ajoelhava: "Giselette! Giselette!" E os seus olhos, que não revelavam a sua miseria, se abriam, se dilatavam, avidamente, para conseguir e reter mais graça e mais luz...

* * *

UMA noite, Guilherme que dormia com os seus animaes, foi despertado por um trabalhador:

— Ah, meu Deus! Meu Deus! — clamava este. — Que desgraça. Giselette virou o candieiro e queimou-se!

— Queimou-se? — gritou Guilherme, apenas acabava de vestir-se.

— Sim, queimou-se no rosto. Ella ficou desfigurada!

O rapaz partiu como doido. Voava, e o seu olhar estava esgazeado de estupor. Ia desesperado. Atravessou o pateo, a soleira dos patrões, intrometteu-se por entre as pessoas que estavam presentes. Precipitou-se, arrastou-se, foi cahir aos pés da sua amiga:

— Giselette!

Elle a entrevê, a adivinha, reduzida a uma chaga, sobre a sua cama. Aproxima-se della, attinge-a, curva-se... Abafa um grito e leva a mão aos seus olhos... Procura o leito, o lençol, o corpo, direito, hirto, os musculos estalando, febrilmente, de-

Soldados de outr'ora

DE quantos commandantes tivemos nós no longo decorrer dos ininterruptos 34 annos que passámos na caserna, dos quaes 25 pelas paragens queridas e saudosas do Rio Grande do Sul — *interrompidos de subito por uma lei injusta — (diminuição da idade para a reforma compulsoria)* — tres verdadeiros soldados conhecemos nós cujas figuras ainda hoje perduram vividas em nossa lembrança: — Carlos Maria da Silva Telles, o heroico e magnanimo defensor de Bagé; João Cesar Sampaio e Bento Luiz da Gama.

Nestas linhas, ligeiramente, occupar-me-ei do ultimo.

Alto, magro, moreno, espadaúdo, olhos pequenos e fuzilantes, apertado dentro da sua farda ligada ao corpo como uma luva, com uma golla e uma gravata de couro de quasi cinco dedos de largura a impedir-lhe de baixar a cabeça varonil, bonet de banda, botinas inteiriças de salto alto, com aquelle seu *irritante cavaignac*, era o coronel Bento da Gama o typo perfeito de soldado á antiga! Montando como um campeiro gaúcho, embora fosse parahybano, Andrade Neves, o nosso legendario barão do Triumpho, estou certo, se não envergonharia de tel-o ao lado nas suas memoraveis cargas de cavallaria contra o inimigo audaz. Bravo da guerra com o Paraguay — bravo de verdade — sua fé de officio é brilhantissima, cheia de elogios os mais honrosos, firmados pelo invencivel marechal duque de Caxias, ao terminar dos combates, no proprio campo da luta. São elogios que honram não sómente aos seus descendentes, mas, tambem, aos parahybanos em geral, isto é, aos parahybanos que amam e veneram gente e cousas da gleba "pequenina e bôa".

Educado nessa escola de "antes quebrar que torcer", desde a mais tenra idade, raramente abriu, ou não abriu nunca, o velho chefe, um parenthesis para attender aos poderosos quando tinha que resolver um assumpto da sua alçada militar. Como todo soldado brioso que se governa e não se deixa governar, homem de vontade, não admittia intervenções estranhas, nem reconhecia em ninguem, fosse em quem fosse, o direito de se intrometter no commando do seu batalhão. Dahi o tornar-se aspero, violento, para com aquelles que se julgavam no abusivo direito de intervir na disciplina do 27° em beneficio dos *afilhados relapsos*. Foi isto que o tornou pouco sympathizado dos politicões. Fóra, porém, *desses peditorios e do meio quartelleiro cheio de coisinhas impertinentes*, era o venerando soldado uma bôa alma! Para muita gente isto talvez pareça um paradoxo. Assim — e violento como poucos — era o grande Carlos Telles, alma de ouro e coração de creança! Confirmem o quanto sabia ser magnanimo e sensivel o saudoso defensor de Bagé e destemido desbravador da passagem infernal de Cocoróbó, aquelles que, como nós, tiveram a felicidade de privar da sua intimidade sincera e bôa!

* * *

Porte marcial e olhar firme, porte e olhar de Deodoro, era impressionante o coronel Bento, quer a pé, quer cavalgando o seu bellissimo e fogoso cavallo trazido do Sul.

Possuidor de uma voz fóra do commum, na frente dos seus 600 soldados, numa distancia de muitos metros, sem utilizar-se do corneteiro ás ordens, manobrava elle o 27° como a uma simples companhia! Nos dias de exercicios geraes — quartas e sabbados — era vel-o rigorosamente uniformizado, nervoso, dando ordens para que o pessoal se apresentasse impeccavelmente asseiado.

Implacavel em castigar os que retardassem na execução de uma manobra, por mais complicada que fosse, todos nós, não só pelo medo da *cadeia*, mas, principalmente, por fazermos jús a um elogiosinho, e sabermos o quanto lhe enthusiasmava o bom desempenho da manobra, numa solidariedade unica, primavamos por bem cumprir as suas ordens sem a menor vacillação.

Terminado o exercicio, isto é, a serie de evoluções, mettia elle o batalhão em linha — era ahi que se temia o fracasso, o receio da *cadeia* e a perda do elogiosinho — fazia-o marchar muitas vezes nada menos de uns duzentos metros, sem que houvesse *aseio!*

Dada a voz de alto, numa disparada violenta sobre o centro do batalhão, *sentava* bruscamente o cavallo, gritando: "Muito bem!" "O batalhão trabalhou lindo!" e "doutra vez ainda trabalhará melhor!"

Formados em columna de marcha, por pelotões, ao som do "Saudades de minha terra e do "José Mariano" — verdadeiros dobrados d guerra, rumavamos para a Cidade Alta, por cujas ruas passeavamos, despertando attenções e provocando ternos olhares das patricias mimosas...

Reformado em general de divisão graduado, por vontade propria, por se julgar melindrado com uma transferencia, injusta, acabou o illustre conterraneo os dias da sua gloriosa velhice na terra que lhe serviu de berço e que elle tanto amou e dignificou na paz e na guerra como verdadeiro homem e verdadeiro soldado.

Pois bem: esse digno parahybano, por não ter sido politico e se não sujeitar aos mandões politiqueiros da época, teve o seu nome respeitavel *retirado de uma praça da sua e minha terra!!!* Essa praça é a que fica fronteira ao antigo quartel do 27° e hoje denomina-se Pedro Americo, outra gloria parahybana, que nenhuma culpa teve da perfidia feita, *ainda em vida*, ao soldado que attestou, no tormento das batalhas, como se defendia a honra da Patria.

Emquanto "mimosearam" vivos e mortos — apagadissimas figuras — com os seus nomes em as novas avenidas e praças com que remodelaram a capital parahybana, o nome do saudoso e venerando conterraneo continúa no olvido...

Recordando essa triste occorrencia, oxalá os homens de bôa vontade que hoje dominam na Parahyba façam desapparecer tamanha injustiça feita ao conterraneo e ao soldado por todos os titulos digno da nossa estima e constante veneração!

JÁDER DE CARVALHO.

(Das "Reminiscencias Militares").

O SONHO (conclusão)

sesperadamente... E, de repente, se volta, estupefacto, os braços em cruz, a face pallida, as palpebras deslocadas!

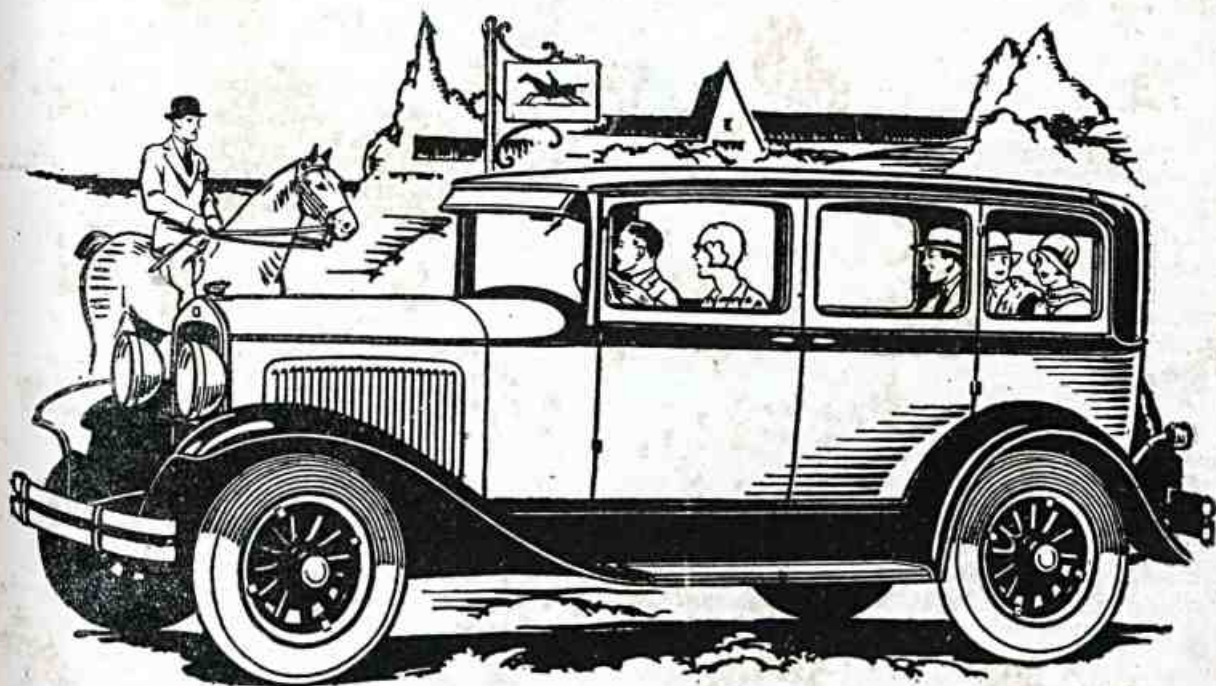
— Não vejo mais! Não vejo mais!

A dôr do rapaz havia sido apavorante, a commoção tão prompta e demorada, que o seu pobre olhar, já vacillante, desmaiara no terror dos seus olhos mortos... mortos sem ter visto esta coisa monstruosa, iniqua, blasphematoria, crucificante: os cabellos de Giséla, a physionomia de Giséla, os olhos de Giséla estavam ultrajados, torturados, devastados, devorados pelo fogo!

A vovó, contando isso, chorava. E eu chorava, agasalhado nos seus braços, convulsivamente, como si a terrivel scena se houvesse desenrolado, naquelle momento, e tivessemos sido testemunhas.

— Pobre rapaz! Pobre rapaz! — soluçava eu.

Mas, hoje, que já tenho experiencia da vida, si entristeço ainda e me commove a lembrança de Guilherme, surprehendo-me a pensar: feliz, comtudo, o homem, a alma de luz e de belleza, sobre quem a noite desce, á hora tragica em que o destino acaba de desfigurar o seu sonho!

De qualidade Chrysler
e, no emtanto, de preço baixo

SALÃO PLYMOUTH DE 4 PORTAS—TAMANHO NORMAL

No PLYMOUTH, o mesmo que em todos os automoveis da Chrysler Motors, prestou-se a maior attenção a todos os factores que os automobilistas de hoje apreciam nos carros que possuem.

No que diz respeito a conforto, estylo, facilidade de conducção e verdadeira capacidade para desempenhar tudo o que se espera de um carro, este Plymouth de tamanho normal offerece vantagens que por regra geral só são encontradas em automoveis mais caros.

Uma infinidade de caracteristicas, ideadas e aperfeiçoadas para as criações Chrysler de preço mais elevado, acham-se incorporadas no Plymouth—emprestando-lhe uma distincção propria dos automoveis caros. O Plymouth tem garbo e elegancia. Tem um certo encanto que faz com que V. S. sinta orgulho em possuil-o.

Distribuidores:

AUTO MERCANTIL BRASILEIRA, S. A.

AVENIDA RIO BRANCO, 247 — Tel. Central 1764 - 2407

CHEGÁRA á rustica região uma dezena de annos antes, assim como chegara certos sêres estranhos, cujo passado interessa até um certo ponto, e que parecem enviados casualmente para espiar uma culpa ou esquecer alguma infelicidade. E nada o aborrecera á chegada porque tinha os papeis em ordem; e seu viver se era excentrico e extravagante, não o era de modo a despertar desconfianças em quem quer que fosse.

Tinham-lhe logo applicado uma alcunha: Adão, por aquelles cabellos que lhe desciam pelos hombros numa selva emmaranhada de anneis, pelo seu curioso aspecto de homem primitivo, vestido como viera, untado e besuntado; e um olhar de sonho — ás vezes falso, muitas mais vezes, porém, docil — que, no rosto largo e forte, dava-lhe uma expressão de alheiamento, de abandono, de aventuras remotas. Exaltava feitos formidaveis, se bem que não muito precisos, perpetrados pelos antepassados, e um nome — o seu verdadeiro nome — que evocava grandes personagens do passado dentro da historia.

Talvez fosse estas ideas de grandeza que o tivessem desmemoriado; mas talvez outra qualquer cousa, de ordem delicadissima, se prendesse a sua estranha origem.

Ninguem lhe perguntava cousa alguma a esse respeito. Acontecia chamar-nos elle, nos raros momentos de mais intensa recordação, quando um raio de luz lhe mettia uma confusão no cerebro e fazia-lhe gyrar os olhos, habitualmente doceis, de admiravel serenidade. E, então, explodiam palavras estranhas, entre as quaes palpitava um odio profundo, pouco duravel, porém, e seguia-se uma narração phantastica, como se tivesse vivido algumas centenas de annos antes e fosse assim como um resuscitado, um reincarnado para uma elevada e secreta missão.

Esses momentos eram rapidos, porém. E parecia luctar contra a dôr e desejar não ser lastimado. Afastava-se, indo invariavelmente sentar-se sobre o parapeito da ponte, (que dividia em duas a região) com a cabeça entre as mãos, a gemer ou a suspirar. Não havia ninguém que se permittisse perturbar aquelle recolhimento, nem mesmo para dizer-lhe bom dia ou bôa tarde.

Vivia ao serviço de todo o mundo: mas sempre com o seu ar orgulhoso que, se despertava respeito, offerecia tambem respeito e confiança. Uma alegria verdadeira, intensa para elle, a partida de cartas, á noite, na hospedaria de Lanciotto. O unico jogo, as cartas, em que podia tentar alguma cousa com successo e ao qual se entregava inteiramente, com um prazer louco se o parceiro o favorecia, com desencorajamentos repentinos se a dupla contraria o enganava.

E, então, os camponezes (que lhe queriam bem) diziam logo:

— Vencerá esta outra partida...

A's vezes deixava a meio o jogo

— Senhores; alguem deve ter-me levado agora documentos preciosos á casa. Preciso ir-me embora.

E ia-se rapidamente, esbarrando nos bancos.

A sua morada era um quarto num desvão de escada, com um amontoado de velhas oleographias e velhos retratos em molduras gastas. A tantas da noite, os inquilinos do predio, quando mettiam o olho pelo buraco dá fechadura, viam-no debruçado sobre grandes folhas amarelladas, a calcular e a decifrar; falava sózinho com voz ora exaltada, ora suffocada de ternura.

— Pobrezinho... Sabe. se lá que mysterio existe na sua vida!

E subiam as escadas, os inquilinos, tendo o cuidado de ir muito de mansinho para que o ruido dos pés não interrompesse a dolorosa vigilia de Adão.

De manhã, era o primeiro que atravessava as ruas da terra.

Tonió dava-lhe uma chicara de leite; e elle lavava-lhe a carroça, emquanto os gallinaceos no telheiro sacudiam as azas despertos do somno e olhavam com as cabecinhas erguidas sob o atrevido topete para os bois gigantescos que esperavam o dono.

Aspirava-se aquelle cheiro de feno e de estrume, aquelle rorido despertar dos campos na frescura agradavel de um ar puro; gozava-se dos rumores matinaes das fornalhas de cal, da ferraria, das fabricas...

— Adeus, Tonico; os campos devem ser lavrados com carinho; é a tua riqueza, é a riqueza de todos. E' preciso accumular grãos e dinheiro. Entre o pouco, a necessidade não existirá.

Quando falava assim, parecia um Deus. Talvez por causa daquelles cabellos longos cahidos sobre as espaduas, talvez por aquelle grande rosto de propheta...

Mas ás vezes dizia:

— O brazão? Arrancaram-lhe as estrellas, os inimigos. Ficou o Leão, ficou a ferocidade, ficou a prepotencia. E convidavam-me — a mim, comprehenderam? — para servir á prepotencia, para fazer-me cumplice dos delictos, com punhal e com veneno.

— Não pensemos nestas cousas, Adão.

— Emfim: *não pensemos nestas cousas*. Agora mesmo. Mas a mulher quer riquezas, sabe; e não olha o *modo* por que vêm. Se não lhe déres as riquezas, o que acontece?

Ficava como embrutecido. E ia entrando nesta especie de torpor á proporção que esmorecia o discurso.

— Venha, venha.... seja o quarto no jogo.

E partia depois de ter fixado um ponto afastado, entre as collinas e o céo.

Concluia sempre assim, a meia voz:

— E as creaturas, são todas creaturas de Deus.

*

UMA noite, os inquilinos do predio ouviram-n'o chorar.

Chorando elle? Ninguem o teria nunca imaginado!

Encostaram-se ao buraco da fechadura, e viram-n'o, como sempre curvado para a frente; mas as cartas amarellas, as cartas mysteriosas não estavam ali. Pareceu tambem mais só, tão grande, tão negro na penumbra medrosa da candeia dependurada ao alto num gancho de ferro. Chorava forte, como se estivesse a sentir uma dôr physica, atroz, insupportavel. As costas se lhe estremeciam e balançava sem cessar a cabeça. E então um dos hospedes creou animo e chamou:

— Adão!

Adão respondeu com um urro, abraçando-se a qualquer cousa como a defendel-a.

— Vão embora, vão embora, cães. Rua, ó inimigos sem piedade!

Os homens tiveram medo, e sentiram-se gelar.

— Já!

Somno tranquillo é boa saude; nos pequeninos, só com

"LACTOGENO"

O leite em pó consagrado pela Classe Medica.

Eis o que diz afamado pediatra do Rio :

Declaro, a pedido, que tenho indicado, nos casos de ausencia de leite materno, o leite em pó "Lactogeno", por ser dos melhores, entre os seus congeneres, poder ser utilizado com vantagem, na alimentação artificial das crianças.

Rio, 21 de Junho de 1929

Dr. Edgard Filgueiras

«Declaro, a pedido, que tenho indicado, nos casos de ausencia de **leite** materno, leite em pó «L a c t o g e n o», por ser dos melhores, entre os seus congeneres, e poder ser utilizado com vantagem, na alimentação artificial das crianças.

Rio, 21-6-29.

Dr. Edgard Filgueiras.

COMPANHIA NESTLÉ

RUA SANTA LUZIA 242 — Caixa Postal 760

RIO DE JANEIRO

ADÃO — (conclusão)

Subiram a escada de mansinho; e, quando nos aposentos, foram assegurar-se do bom funccionamento dos ferrolhos...

*

MAS na manhã seguinte Tonio não o viu para a costumada chicara de leite. Esperou um pouco, arranjando no pateo os instrumentos de lavoura ajuntando o feno com o forcado. Thereza, a mulher, desceu tambem.

Devia ser tarde então, porque ella era uma dorminhoca...

— E Adão?

— Hontem de tarde bebeu muito vinho; e agora de manhã o leite deve dar-lhe nauseas. Bebe-o tu.

E foi embora, incitando os bois, em direcção á carroça.

Na porta da egreja, o sachristão passava de um lado para outro, com as mãos mettidas no gibão negro para dominar o frio.

A' volta do caminho que se introduzia pelo campo a fóra, a perder de vista, Tonio ficou impressionado com o rosto grave de Gianni:

— Bateu-te esta noite a tua mulher?

E riu, feliz, com o som das suas palavras na manhã que resoava como uma harpa.

— Gianni veiu ao seu encontro.

— Hontem, de noite, senti-me impressionado ouvindo Adão chorar no socavão...

Tonio teve um calefrio.

Todos queriam bem ao pobre e desgraçado homem.

Respondeu:

— O' cala-te! esta manhã não o vi a beber o leite!

— E continúa fechado...

— Uma crise, pobrezinho.

Comtudo não se decidiam a metter-se nos seus negocios. Olhavam-se ansiosos, com um pensamento que devia ser o mesmo.

Veiu-se-lhe juntar Thereza, afanada em sua roçagante saia preta.

— Jesus Maria!

— Que é?

— Venham, venham á aldeia: Adão matou-se!

Deixaram tudo alli e correram.

Deante do socavão havia uma multidão despertada á força, com as vestes deslinhadas; as saias das mulheres, mal amarradas, deixavam vêr o branco das roupas interiores; as crianças assustadas, choravam, de pé desde a madrugada...

— Mas o doutor, o doutor...

— Linda já o chamou.

Ouviu-se a voz solemne do padre:

— O doutor? Para fazer o que? A alma já está no inferno...

— No inferno, diz o senhor, reverendo? — interrogou um camponez vermelho de raiva.

— Digo no inferno por excommunhão!

Um qualquer fez a rima de fazer inclinar a cabeça ás mulheres.

Eis o doutor!

A multidão afastou-se abrindo alas.

E quasi num côro submisso:

— Bom dia, doutor!

Não respondeu o doutor Balardi, ignorante e presumpçoso com todo aquelle peso de barriga.

Entrou no socavão.

E disse somente, como se lhe causasse desprazer desperdiçar mais com o facto:

— Morto de apoplexia.

Chamou de parte o padre; accordaram em achar conveniente a pharmacia *pelas normas da lei*.

Tonio propoz transportarem o corpo do desventurado. Gianni approvou. Uma voz disse:

— Não é permittido, não é permittido...

— Cahiu qualquer cousa no chão! Nós queremos vêr!

Os dois camponezes levantaram de manso o cadaver pelas axillas.

Pesava como ninguem.

— Olha, olha... — disse Tonio, — dois retratos...

Gianni agarrou-os, levando-os para fóra, para a luz.

A multidão agitou-se, cresceu como as ondas do mar.

— Que bella mulher!

— Que bella creaturinha!

Correndo a vêr, tambem Tonio deixára cahir o morto de bruços, quasi com violencia.

— Quem serão ellas?

Então o hospede que chegára naquelle momento e que tinha fama justificada de grande psychologo, plantando-se no meio da turba, dando cabeçadas a torto e a direito para melhor vêr os retratos, disse com ar de convicção:

— Quem serão? E tanto tempo levam para adivinhar? Esta é a mulher, e aquella a filha!

Na alma simples daquella gente, desenrolou-se immediatamente a tragedia...

Dizia Adão: "... e se não deres riquezas á mulher que te acontecerá?" E depois: "Mas as creaturas são todas creaturas de Deus!

Não era então apenas o peso de um orgulho, de uma obsecação que revolvera assim o cerebro de Adão!

O retrato da mulher foi feito em pedacinhos, como se o gesto tivesse obedecido a alguma ordem partida de não se sabe onde. O retratinho da pequerrucha, teve o cuidado Tonio de mettel-o no bolso do collete do morto, junto ao coração.

As mulheres se ajoelharam; curvaram-se os homens. A aldeia estava toda ali. Pelas estradas não estavam senão as gallinhas e as cabras pastando livremente.

A' volta do caminho que se estendia tortuoso para a campina immensa, os bois de Tonio esperavam, brancos, gigantescos, sob os raios do sol...

A Salvação das Senhoras
está no
Elixir das Damas.

O MEDICAMENTO MAIS EFFICAZ PARA COMBATER E EVITAR TODAS AS MOLESTIAS DE UTERO E OVARIOS, COLICAS UTERINAS, MENSTRUAÇÕES EXAGERADAS, FALTA DE REGRAS, HEMORRHAGIAS DURANTE A MENSTRUAÇÃO, CORRIMENTOS, CATHARROS UTERINOS ETC.

O ELIXIR DAS DAMAS É UM AGENTE THERAPEUTICO DE UMA ACÇÃO ENERGICA E SEGURA, ACTUANDO TAMBEM SOBRE OS INTESTINOS REGULARISANDO SUAS FUNCÇÕES.

UNICOS DESTRIBUIDORES:
MARTINS LIBERATO & C.
RUA SENHOR DOS PASSOS, 58, RIO DE JANEIRO.

A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS.

AGUA DE JUNQUILHO

A MELHOR PARA ALVEJAR A CUTIS,
TORNANDO-A MACIA E AVELLUDADA

Quiproquó matrimonial

D. ESCOLASTICA Pecegueiro, antiga actriz do palco do Rio, é viuva do actor comico Everardo Larangeira Pecegueiro.

Reside, com suas filhas Mary Anna e Mary Cota, gemeas, no Realengo, onde é proprietaria, num grande predio de construcção antiga.

Retirou-se do theatro depois que enviuvou.

Vive dos rendimentos das propriedades herdadas dos paes.

Após um anno de casado, o actor Everardo havia fallecido, deixando duas filhas e quatro casas de menos no acervo de bens de sua mulher.

No jogo do bicho ameaçava liquidar o resto da fortuna, quando a Morte, camarada, veiu em auxilio de d. Escolastica, levando o marido para as regiões das sombras...

A viuva ainda no vigor de seus 20 annos, não quiz contrahir segundas nupcias.

Consagrou-se inteira á educação das filhas e rejeitou as propostas mais vantajosas de casamento.

Receiava que um segundo marido viesse enriquecel-a de filhos e empobrecel-a de bens.

Temia perder o resto de fortuna "poupado" pelo primeiro esposo.

Decorridos 17 annos da morte do comico Everardo, d. Escolastica havia augmentado os seus bens, tornando-se uma das maiores proprietarias do Realengo.

As jovens Mary Anna e Mary Cota haviam recebido uma educação esmerada. Fizeram o curso completo da Escola Normal e o de piano do Instituto Nacional de Musica.

Eram parecidissimas; até a propria mãe não as distinguia bem.

Reprehendia Mary Cota quando Mary Anna commettia faltas. Elogiava esta quando aquella praticava algum acto meritorio, confundindo uma com a outra.

O chimico Feliciano Felix Felicio era empregado na Fabrica de Cartuchos e Artefactos de Guerra do Realengo. Durante dez annos, foi dos que mais cubiçaram a mão da ex-actriz, viuva do actor comico Everardo. Ella lhe tinha amizade, porém não o queria para marido. Mas, amiga solicita e dedicada, não deixava de aconselhar:

— Por que você não se casa com uma das minhas filhas? Eu já estou velha...

Elle retrucava num impeto de paixão:

— Escolastica, eu só amo você, só quero você! Não mais insista para que eu case com suas filhas.

Ella, porém, insistiu, e não tardou que elle se tornasse noivo de Mary Anna.

A zelosa mãe havia chamado á sua presença as filhas e perguntado:

— Meninas, vocês querem se casar com o sr. Feliciano Felix?

— Quero — responde Mary Anna.

— Quero — repete Mary Cota.

— Mas elle só póde casar com uma — retrucou d. Escolastica, em tom alegre. Vocês duas gostam delle?

— Não, senhora — responde Mary Anna.

— Não, senhora — diz Mary Cota.

— Não gostam e querem casar com elle?!

— Sim, mamãe — dizem, a uma voz, as duas jovens.

Tiraram a sorte, sendo favorecida Mary Anna.

Foi assim que esta se tornou noiva do chimico Feliciano Felix Felicio.

No periodo do noivado, que durou cerca de tres mezes, havia grandes confusões.

O Feliciano presenteava Mary Cota, julgando obsequiar a Mary Anna.

Beijava Mary Anna, suppondo dar beijos em Mary Cota...

Chegou, emfim, o dia marcado para o enlace matrimonial.

Mary Cota, fingindo-se doente, havia declarado não poder assistir ao consorcio da irmã.

Realizou-se o casamento civil e logo após o religioso.

Quando regressaram á casa, com juizes e comitiva, foi com a maior surpresa verificado que o casamento se effectuou no civil com Mary Cota e no religioso com Mary Anna.

O chimico Feliciano tornou-se legitimo esposo daquella com quem não pensava casar.

Preoccupado com este singular caso de familia, que está para se decidir no forum do Rio, foi atropelado na rua Uruguayana por um automovel...

Leopoldo D. Amaral.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

Director:
SERGIO SILVA

Redactor-Chefe: Gustavo Barroso.
Thesoureiro: Cyro Machado.

Direcção, Redacção e Officinas, 62, Rua Republica do Perú, 62 (Antiga Assembléa)

Telephones — Director: C. 0377
Administração: C. 4186 — Endereço Teleg.: «Fon-Fon»

— Caixa Postal 97 —

RIO DE JANEIRO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno .... 48$000
Semestre .... 25$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo: EMPRESA AMERICANA DE PUBLICIDADE, LTDA.

Praça do Patriarcha, 8 - sob. Caixa do correio, 1451.

Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C., 9, Rua Tronchet, Paris. — 19, 21, 23, Ludgaste

SELECTA

A sua nova phase — As importantes modificações que vae soffrer a nossa revista.

Um brinde ao mundo feminino.

A partir do dia 25 deste mez a **SELECTA**, a mais popular das revistas cinematographicas brasileiras, vae apresentar-se em novos moldes, correspondendo d'esta forma ao favor com que o publico a tem recebido, nomeadamente no mundo feminino.

É a esse mundo feminino, sempre sincero admirador de todas as manifestações de arte e de belleza, que essa nova phase da **SELECTA** principalmeute se dedica.

Continuando a ser uma revista especialmente dedicada ao movimento artistico da tela, inserirá uma vasta e brilhante collaboração em assumptos que mais directamente interessam á mulher. A arte do ninho domestico, de que as almas femininas tem o segredo; os caprichos da moda nos seus ultimos modelos; o conto e o romance, de pennas as mais brilhantes, artisticamente illustrados; secções de são e esfusiante humorismo, de movimento social, de arte poetica, de assumptos infantis; tudo isso se encontrará na proxima phase de **SELECTA**, com que, certamenle, a nossa querida revista conquistará novos e mais brilhantes triumphos; a parte cinematographica, que continua sendo a razão essencial da revista, terá tambem sensacionaes novidades, quer na parte illustrada, quer na parte litteraria. Se assim é no que respeita ao novo aspecto intellectual da **SELECTA**, a parte material, a parte propriamente graphica constituirá verdadeiro successo, para o que a Empresa Fon-Fon e Selecta S. A. não poupou esforços nem dispendios. As machinas mais modernas por ella adquiridas garantem um trabalho magnifico que virá contribuir, em muito, para o prestigio das artes graphicas brasileiras.

KOHOUT.

Escrava voluntaria

Os Incommodos Uterinos são como pesadas cadeias que acorrentam o sexo fragil ao desconforto de soffrimentos periodicos mais ou menos graves.

Entretanto, para se libertarem dessa angustiosa prisão, têm as Senhoras uma arma poderosa e infallivel: — o uso d'"A SAUDE DA MULHER".

Toda Senhora que padece de incommodos uterinos é uma escrava voluntaria do Soffrimento, pois para combater esses males, basta usar o grande remedio.

A SAUDE DA MULHER

ANNO XXIII

FON-FON

NUMERO 38

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 21 de Setembro de 1929

UM CARDEAL DE MATTO-GROSSO

MATTO GROSSO é um Estado remoto.

Até ha pouco tempo, era uma attitude literaria entre displicente e elegante perguntar si existia devéras o vasto Estado fronteiriço...

Para ir áquellas regiões longinquas, era mistér ir antes a Baurú. E ir a Baurú era uma longa odysséa declamada por boccas fumegantes de locomotivas.

Pouco a pouco, porém, os pesquizadores e quinquilheiros das letras começaram a descobrir, com um certo ar de ignorancia envernizada, que Matto Grosso é o grande Estado de amanhan. E completavam, enchendo os olhos e esvasiando os pulmões: os rios e as florestas; as pastagens e as madeiras; o matte e as fibras texteis...

A essa altura, poderia alguem perguntar como na celebre estrophe de Tobias Barreto: — até quando teremos

"em vez de grandes homens, gran-
[rios?"

Mas a resposta seria facil. Basta correr os olhos ao pantheão dos estadistas republicanos. Lá está, dominadora e resplandescente, a figura de Joaquim Murtinho.

Nem é preciso, aliás, tirar os olhos do presente.

Nem é preciso ouvir o senador Azeredo, esse grande enthusiasta das cousas mattogrossenses e que no salão-nobre da nossa politica militante continúa a ser o conversador irresistivel, o encantador, o fascinador.

Matto Grosso não dá muito, mas o que dá, é bom e é grande. Por exemplo. Na lista dos generaes da activa, qual a espada mais nobre e mais sympathica? Rondon, Conquistador pacifico. Anchieta, caboclo, de talim e kaki. E' um positivista, como se sabe.

Mas, tambem cá do outro lado, no seio da grande Egreja, no plenario da grande Fé, ainda é Matto Grosso que nos offerece essa incomparavel figura de sacerdote, D. Francisco de Aquino Correia — pastor de almas e semeador de sonhos, orador e poeta, estadista e patriota.

Poeta mystico, encantado dos suaves themas do céo, da pureza da Virgem-Santa e das bellezas do dogma eterno. E poeta civico, que, ao deixar as rédeas do governo, onde o bastão do commando não deslustrou em nada o báculo do prelado, ao invés de fazer-nos adormecer com mensagens maçudas, brinda os nossos altos circulos culturaes com os rythmos da *A Capital Verde*, formosa allegoria á sua cidade natal.

Arcebispo e presidente, D. Aquino estava naturalmente fadado ao cardinalato das Letras, que assim o ante-sagravam as suas laureas de poeta e orador. Mas, lendo agora o seu impressivo estudo apologetico — O *Papa*, fiquei pensando em quão bem lhe ficará o outro cardinalato, e a doce alegria dos que já lhe reverenciam a eminencia dos sentimentos e das idéas, quando lhe puderem dizer simplesmente:

— Eminencia!

HERMES FONTES

EU sou um predestinado á injustiça feminina. Pago sempre pelos outros. Pago pelos crimes que não pratiquei. Pelas palavras que não disse. Pelos sentimentos que nunca tive. Minha vida tem sido, toda ella, uma angustia transcendente. Tudo o que eu desejo me sáe ás avessas. Meus pensamentos são sempre interpretados com um pessimismo que me prejudica. Minhas idéas servem sempre de armas contra os meus anseios. Por isso é que eu sou um homem triste. Por isso é que o desalento tomou conta de mim.

Os desenganos da minha experiencia dolorosa tornam-me um scéptico melancolico. Si a felicidade — estrella que não brilha para mim — anda perto das minhas amarguras humanas, ha de apparecer alguem que afugente essa miragem do meu deserto.

Todas as minhas alegrias são ephemeras. São ephemeras todas as minhas esperanças. E eu só tenho o direito de soffrer. De soffrer a injustiça dos outros e as minhas decepções. O destino tem sido implacavel para mim.

Eu pago sempre pelo que não fiz.

Ainda hontem, quando a chuva cahia, dentro da grande noite tempestuosa e escura, quiz o destino — meu inimigo, inimigo das minhas aspirações — quiz o destino que eu ouvisse, com você, palavras amargas para o nosso amor. Alguem, que troca o affecto pelo egoismo, e não sabe comprehender as necessidades do coração — alguem falou em virtudes que não existem desde que não exista o amor. E nós dois ouvimos em silencio aquillo. E você achou logo que devia condemnar-me ao seu desprezo. Ficou indignada... com o nosso amor. Com o nosso amor, que não tinha culpa daquella recriminação extemporanea.

Hoje, na bruma do dia sem sol, eu li nos seus olhos o desdém feminino da sua alma. Você não sorriu para mim como sempre sorria. Recebeu-me com aquella indifferença hostil que mata as illusões. Sentiu-se mal. Indicou-me o caminho do desengano. Um caminho que tanto já conheço, porque o venho trilhando desde que o mundo me ensinou a soffrer...

Depois, nem um olhar de seus olhos doirados me suavizou a ferida do coração. Você foi implacavel como o destino. Deu-me o castigo que eu não merecia.

Mas, acima de tudo, seu homem. Gosto de você. Hei de sempre querel-a. Hei de sempre tel-a presente na lembrança. Hei

OS membros da Missão Economica Britannica que presentemente nos visita, na residencia do encarregado de negocios da Inglaterra, domingo á noite, por occasião do jantar que aquelle diplomata offereceu aos seus illustres compatriotas.

O commandante e officialidade do cruzador inglez «Caradoc» offereceram, a bordo daquelle vaso de guerra, uma recepção ás autoridades brasileiras e á nossa alta sociedade, para retribuir as homenagens com que foram distinguidos nesta capital.

de sempre recordal-a como a felicidade que nunca possui. Estou tão habituado ás angustias da vida!

Você foi injusta commigo. Escolheu-me para expiar o crime que não commetti. E condemnou-me a um castigo que eu nunca desejaria padecer: o castigo da desillusão.

Mas era fatal. Eu sou um predestinado á injustiça feminina...

. . .

PRINCEZA

Pela adoravel caricia
Do teu olhar que seduz,
Pela sublime delicia
Do teu sorriso que é luz;

Pela bondade que leio
No que fazes, no que dizes,
Pelo teu semblante cheio
Da bonança dos felizes;

Talvez um dia eu me prenda
Ao teu coração divino,
Linda princeza da lenda
Do livro do meu destino!...

J. V. Martins.

O LAGO DE NARCISO

Quando Narciso morreu, o lago dos seus encantos transformou-se de uma taça de agua doce numa taça de lagrimas amargas, e as Oreadas chegaram chorando, através dos bosques para dizer-lhes canções junto ás aguas e consolal-o.

E quando viram que o lago se havia assim convertido, desfizeram as suas tranças verdes de cabelleiras, exclamando: "Não nos surprehende que chores Narciso, de tal modo! Eras tão bello.

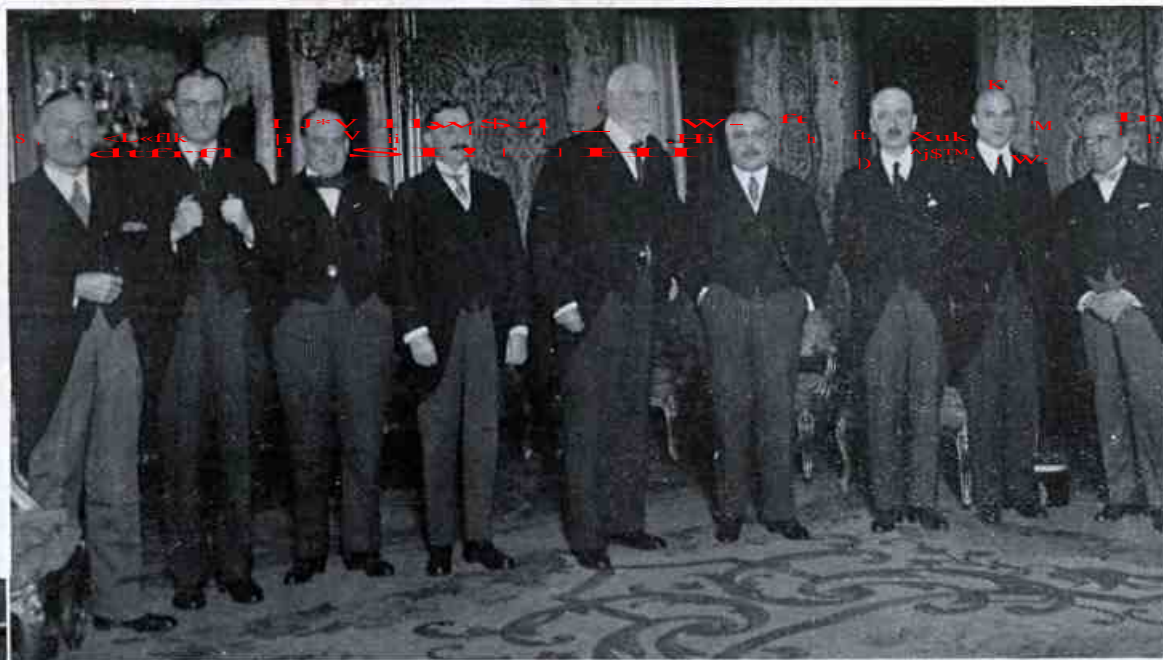
"Era bello Narciso? — perguntou o lago.

"Quem póde sabel-o melhor do que tu? — responderam as Oracadas. — Passava junto de nós sem deter-se, e buscava-te no emtanto, estendia-se á tua margem; baixava os olhos para ti, e, no espelho de tua onda mirava a sua formosura."

Mas o lago respondeu:

"Eu amava Narciso porque, quando se estendia ás minhas margens e baixava os olhos para mim, no espelho dos seus olhos, eu via o reflexo da minha formosura."

Oscar Wilde.

CHEGOU domingo a esta capital, procedente da Argentina e Uruguay, a Missão Economica Britannica, que, sob a chefia de lord D'Abernon, está estudando as possibilidades commerciaes entre a Inglaterra e os paizes da America do Sul. A demora dos membros da Missão no Brasil será de poucos dias, divididos entre o Rio e São Paulo. Lord D'Abernon e seus companheiros de Missão visitaram, segunda-feira, as altas autoridades brasileiras, e foram á noite homenageados pela colonia ingleza, que lhes offereceu um grande banquete, no Copacabana Palace Hotel. As photographias desta pagina mostram os illustres visitantes no Ministerio das Relações Exteriores, e por occasião do banquete, no qual tomaram parte, tambem, varios ministros de Estado e membros do nosso alto commercio.

EVANIDADE...

ELOGIO DO INVERNO

SETEMBRO é, chronologicamente, o bello mez da primavera. Mas esta chuva incessante, triste e monotona, que nos põe arrepios na epiderme e, dentro da alma, a sombra de uma melancolia desolante, nos faz lembrar as solitudes e as dolencias do inverno.

E, depois, esta lua, que parece uma perola immensa rolando na cinza da noite cheia de brumas e sem estreitas!

Lua de inverno... Ah! como esta lua pallida é mais triste, mais desolada, mais impressiva, na quietude destas horas molhadas!...

Luna de Invierno! tu
luz de hielo besa
la yerma
tierra, nevada bajo
los linos de tus
vislumbres.
[illegible]ieron todos tus
azahares sobre las
cumbres
como un faro velas
tal mundo para
que duerma...

Há uma tristeza humana, e eloquente, na ternura dessa luz morta que se derrama das planuras astraes. A nossa alma se deixa invadir por esse filtro branco, que suggere o inponderavel fantasma de um perfume do céo. De um perfume que descesse das rosas brancas, as [illegible] brancas e ala-[illegible] que ha nos jardins lunares...

• • •

Quando a noite cáe, uma tristeza que se [illegible], devagar, como [illegible], mansamente, fria e baça, sem o reflexo de uma estrella — aquella "Vesper" que vive nas lendas da nossa infancia, — as almas bôas, as almas sensiveis dos estetas, não têm o direito de se revoltar com o tempo, nem com esta paizagem de inverno.

E' no inverno que mais nos predispomos á doçura d[illegible] tristeza — a essa doce volúpia de ser triste. Porque é com elle que realizamos os nossos passeios [illegible] pelos desertos jardins do passado, — para [illegible] com Anatole France — sentindo que vale a pena viver para soffrer e ser bom.

• • •

Entre o inverno e a melancolia dos convalescentes ha uma analogia que nos dá o que pensar, gravemente.

Nos dias hybernaes, como nos de soffrimento profundo, a alma humana, — as almas de élite — anceiam, offegam, estremecem, inquietas, no doce e vago desejo de ser bôas. Não importa como!

Porque a dôr que o soffrimento produz, e a tristeza que vem dos êxtases longos, dos desalentos do inverno, nos evocam recordações, que se irmanam e nos inspiram identicos anceios de indulgencia.

• • •

MME. Veiga Lima, esposa do escriptor e illustre clinico dr. Veiga Lima, numa sanguinea do grande pintor portuguez Antonio Carneiro.

(Photo De los Rios)

Alguém poderá lembrar que os dias de inverno são feitos para as delicias do amor. Não penso assim. Os dias que se destinam ao amor são os dias brancos de sol... Acredito que a flamma dos corações, a flamma accesa pelo facho devorador de Cupido, não resiste muito ao frio dessas horas de inverno. Mas creio tambem que essas horas são bôas para as despedidas, para as renuncias e os supremos perdões do amor...

Num dia como este. Othelo não teria coragem de estrangular Desdemona. D. José saberia ser indulgente com a leviandade de Carmen. E' foi porque havia luar, e a noite era triste como esta de hoje, em que "on vit avec des souvenirs", como no verso de Raymond Genty, que Pierrot perdôou ou se conformou com a traição de Colombina...

• • •

No emtanto...

Mas, afinal, tudo isso não é nada sincero. Eu não gosto do inverno. Gosto é do verão — desses claros dias de rosas rubras, desabotoadas nos parques, cheios de luz, nas alamedas douradas de sol, e das "noites cheias de estrellas" como diria o poeta Adelmar Tavares.

Si fiz o elogio do inverno, é porque necessitava de escrever esta chroniqueta. E o assumpto num dia de brumas e de chuva não podia ser senão este...

Ah, Inverno, deixa que te diga os versos de Adolphe Retté:

Mon ame, tu reviens des vieilles aventures
pour saluer l'hiver en son chateau de givre...

CLARO-ESCURO — Ai tivesse eu o brilho dos mestres da penna, o brilho estylistico de um Eça, de um Flaubert, de um Loti; sobretudo essa subtileza penetrante das Mmes. Sevigné, traçando no quadrilatero de uma missiva toda a imagem da propria alma!... Ah, fosse eu um miniaturista da palavra, um pintor de emoções, dono das tintas magicas de um Van Loo, de um Ingres, esse Ingres maravilhoso com a sua

A elegancia do inverno.

paleta, e ridiculo, deploravel, com o seu violino! Ah, si eu soubesse escrever!

Mas não, minha doce pequena de olhos côr de ferrugem, minha boneca de "biscuit", minha esculptura de marfim e de ouro, dessas que repousam num bloco de onix, maravilhosamente branca como as rosas, os marmores e as estrellas... Não, minha adorada garota de perfil de turca, linda e triste, sonhadora e gentil como aquella Djénane, enclausurada no seu harem, á espera das missivas de André Lhory... Não!

A minha penna não tem o brilho e o colorido dos estylistas notaveis... Mas eu hoje — com a rudeza da minha palavra e a sinceridade do meu soffrer, — hei de fazer-te chorar, hei de fazer-te pensar em mim — com a angustiada amargura dos que soffrem por amor...

Por amor!

Dize: sabes tu que é que encerra essa pequena palavra? Encerra um mundo de emoções, amor é um mundo.

"En amour, — sentencia Paul Bourget, o mestre de "Un coeur de femme" — l'essentiel est d'avoir le plus d'émotion possible".

Si a elle falta um desses elementos essenciaes, mesmo o mais cruel de todos — o ciume — o amor morrerá de inanição, como si lhe extrais-sem um orgão indispensavel á sua existencia.

Percebes tu? Eu te amo. E o meu amor é um mundo de emoções — a que não falta mesmo o ciume...

Nesta hora do entardecer, eu penso em ti com ciumes. Não o ciume banal, que irrita, mas o ciume que é o desejo exclusivista de posse, de dominio, de absoluto contrôle de toda a tua vida.

E é em nome desse sentimento feroz, encarnando um Othelo sentimental e egoista, ao mesmo tempo, que te escrevo, ao fim deste entardecer, pensando em te fazer chorar...

Mas, não! Eu não te hei de fazer chorar. O ciume é um sentimento miseravel, e deprimente para quem o soffre. Quando souberes que morro enciumado de ti, n'uma terra distante, áquem daquellas montanhas azues, que o trem de ferro ha de romper, para chegar até a tua cidade maravilhosa, feita de glycinias e garôa — certamente tu sorrirás de mim, tu dirás como aquella musa de Paul Geraldy, ao receber a carta do seu amado:

"Ce n'est rien... Je lirai ça plus tard..."

Oh, não, minha doce garota de olhos mysteriosos e perfil ottomano... Eu não tenho ciumes de ti... Mas, quero, mesmo assim, que tu chores — porque é com os olhos molhados que te escrevo...

MELANCOLIA — Quando eu me deixei levar, num dia longe, pela doce illusão de que virias para o meu amor, cantaram dentro da minha memoria estes versos de Stuart Merril:

Qu'importe la vie ô mort
[que ou la mort,
pourvu que ce soit toi
[que j'accueille...

Mas os dias foram passando, ora, tumultuosos como uma caudal, ora serenos, como o fio de crystal de uma lympha; e em vão eu te esperei inutilmente meu coração

bateu por ti, na ansia dos desejos que se fanavam, ou na melancolia das longas saudades perdurareis...

Para mim, foste sempre a chiméra, que vive dentro do subjectivismo de nossa alma... Foste a miragem que atordôa os olhos dos beduinos, nas solidões immensas dos desertos... Foste a estrella longinqua, sempre cubiçadda pelos meus olhos, mas que sempre passou longe da minha esperança, como as outras, as tuas irmãs celestes, no fundo curvo do firmamento inattingivel...

Hoje, quando te vejo, banalizada pela materialidade da vida, sinto que perdeste aquella aureola de divindade, aquelle esplendor de estrella, aquella delicadeza de flôr, todo aquelle prestigio, toda aquella excelsitude, que fazia de ti uma coisa pura, ideal e casta como uma "Regina Angelorum..."

Aqui está a tua photographia, sobre a minha banca de trabalho. A tua face está serena como sempre. Os teus cabellos recortam o teu rosto claro, branco e fino como as rosas brancas de Veneza — num detalhe de arte pre-raphaelina. As tuas mãos têm assim a attitude de duas azas partidas — partidas de vôarem de mais para o sonho... Todo o fulgor triste de tua figura de mulher te rodêa de um halo de fidalga belleza...

Mas eu sei que o teu coração se vulgarizou; a tua alma se tocou do prosaismo da vida; e si é certo que não virás para o meu amor, — nunca mais! — como na exclamação tragica de Edgard Poe, é certo tambem que já não me fazes mais bater o coração.

Hoje és uma outra mulher! Vulgar e prosaica, já não me interessas como outr'ora.

Não te direi mais os versos que cantavam na minha mente exaltada, quando te vi no primeiro dia do meu amor... No emtanto, exclamarei ainda como Stuart Merril:

Mais pourquoi ces paroles dans la solitude,
O toi qui ne viendras peut-être jamais
M'éveiller de la voix douce ou rude...

ESTRELLINHAS — Um escriptor brilhante, muito meu amigo, ficou escandalizado quando lhe assegurei que as melindrosas estavam indignadas com as perfidias da sua penna.

— Que horror! E eu que sou tão benevolente com as filhas de Eva...

— Não se incommode — disse eu; — é prova de que você está sendo levado a sério.

— Como sabe disso?

— Por experiencia propria.

— Então você é um homem feliz... — insinuou elle, ageitando-se no "mapple" marron da redacção.

— Por que tenho sido levado a sério?

— Sim.

— Pois está enganado.

— Explique-se, — pediu elle, interessado.

Expliquei-lhe então que ha duas categorias de leitoras: as que lêm e commentam, indignadas ou resignadas, no recesso das rodas, e as que esbravejam, revoltadas, no desabafo das missivas azues, côr de rosa, mas anonymas. O escriptor, ou o chronista não responde. Ellas insistem. Continuam a esbravejar. Recorrem ao telephone. Desligam-no. Conseguem uma apresentação. Tratam-n'as displicentemente. Ellas se habituam, por fim.

— Quer dizer que as nossas perfidias contra o sexo de Eva...

— São como o arsenico, a cocaina, o ether, etc.

PREGUIÇE — Minha bella paulista dos olhos côr de ouro... Côr de ouro? Francamente, faz tanto tempo que não a vejo... Até já esqueci qual seja a *nuance* das suas pupillas flammantes...

Diz você na sua cartinha côr de lirio de Florença: "As glycinias estão todas floridas. Agora é caso de você me perguntar: "Que é que tenho com isso?" E' que sempre que vejo uma glycinia em flôr eu me recordo de você..."

Sim. Obrigado. E' gentil o seu galanteio de pequenina Sevigné. Você se apressa em fazer uma phrase que deveria ter sido escripta por mim. Era a este homem que a ama dizer que me lembro de você, todas as vezes que vejo uma coisa bella. Que importa! Uma coisa bella, que pode ser um crepusculo; uma téla de

Não é facil sorrir...

Fragonard, uma joia de alto preço, uma estatueta, uma canção de amor, um verso... Um verso que lhe diga, por exemplo, o que ainda a minha bocca não lhe póde dizer como o poeta...

Si j'ai aimé de grand amour
Triste ou joyeux,
Ce sont tes yeux...

em silencio que cabia dizer: "Você, Sonia, é tão branca, é tão escandalosamente perfumada; as suas mãos são feitas de uma seda tão pura, que, ao vel-a — ao vel-a ou ao evocal-a! — só me lembro dos nenuphares, — esses que dormem como sonhos de perfume e pureza, á flôr dos lagos frios e somnolentos — e das camelias brancas, que parecem duquezas dos jardins; e das magnolias, que se fecham ao luar romantico de outomno; e dos cravos sylvestres, e dos crysanthemos, e de tantas flores lindas, delicadas, ou raras como o "edelweis" das montanhas suissas...

Mas, não! Eu prefiro

Percebe você, minha doce paulista, branca e pequenina como um Saxe, um "bibelot" antigo ou a silhueta de uma illuminura de missal?...

Serei profano? Mas tudo no meu amor é profano. Profano como essa belleza pagã, que ondula e trepida, irrequieta, ner-

vosamente, no rythmo da sua graça, da sua juventude — dentro da frouxidão das sedas, dos tulles, dos crepes da China dos seus vestidos... Percebe você?

E como o meu amor é profano, é o amor que vive dos extases silenciosos, dos delirios calados, dos desesperos interiores, dos sonhos que buscam a sua concretização, dos beijos que esvoaçam como borboletas de esperança, em torno da rosa rubra dessa bocca pequena, que mais parece um trevo de "rouge", direi aqui, minha adorada paulista, os conceitos de Henry Bataille: "L'amour? Un seul mot pour tout ça: Tu m'aimes, je t'aime, nous ne nous aimons plus... L'humanité ergote autour d'un mot insuffisant dont elle est dupe..."

Até quando? — Y...

OS HOMENS... AS MULHERES — De Yves

— Bom dia.

— Bom dia.

Lisette, a formosa loura, que tem a mania de colleccionar phrases dolorosas, sentou-se no terraço, junto á minha cadeira. Havia pouca gente no hotel.

Como eu ficasse em silencio, lendo as *Flores do Mal* de Baudelaire, a loura Lisette exclamou:

— Que é isso? Está zangado?

— Não, estou lendo.

— Mas não me vê aqui?

— Perdão! — disse eu!

Fechei o livro, comprehendendo bem que toda mulher se sente digna das nossas homenagens. Mesmo quando lhes somos indifferentes. Ao passo que ellas...

— Estava lendo o Baudelaire?

— Relendo-o... Relendo-o não sei quantas vezes.

— Ama-o assim?

— Amo todos os poetas que soffrem.

— E' signal de que padece... Por amor? — adeantou.

— Por amor.

— Então, não é moderno.

— Por que?

— Um homem moderno não soffre por amor.

— Ora essa! O amor não visa, nem exige condições. "L'amour n'est rien qu'un accident", assevera Remy de Gourmont. Tudo depende dos disturbios que elle nos causa.

— A' quem ama?

— Ah, isso agora é segredo.

— Desculpe. Respeito o seu segredo.

— Bom. Si assim é, vou contrarial-a.

— Como?

— Contando-lhe o meu caso.

Ella ageitou-se na cadeira de vime, como se escreve nos romances.

— Vamos lá. E' longa a historia?

— Não. E' um capitulo de duas palavras.

Um silencio. A loura Lisette esperou.

Disse-lhe sorrindo:

— O nome della... O nome não tem importancia. A mulher é sempre a mesma. E' como as rosas, que têm varios nomes. No emtanto, o que nellas interessa...

— E' o perfume... — interrompeu.

— São os espinhos.

— Que desafôro! Mas continúe.

— Ora, eu amava a essa criatura... Um dia, verifiquei...

— Parece novella amorosa.

— Mas é um simples episodio da vida... Notei que ella me enganava. Rompemos.

— E o resultado?

— Procurei reagir contra as fraquezas do coração; busquei esquecel-a, odial-a. Mas não pude. O mais que consegui foi esquecer a que não amo para recordar a que amei.

— Comprehendo — disse a loura Lisette, colleccionadora de phrases. E repetiu:

— "... esquecer a que não amo para recordar a que amei..." Vou colleccionar mais essa...

NO BAILE QUE A CIDADE OFFERECEU PARA O AUSENTE

Esse tango do passado misturou-nos de novo,
Num esfominho em que eu não sei
Onde tu estás, onde estou eu.

E ha quanto tempo a vida me arrancou de ti...
Para muito longe...

Os meus olhos aninham-se em teu rosto.
Parece que nasceram delle
E que querem voltar.
Nossos bustos são dois galhos de uma arvore só.

A nossa terra estava saudosa de nos ver juntos.
Ella é vermelha como o sangue
E sobe contente pelas nossas veias.

Lembra-te quando éramos pequenos...
Tu não eras tão linda.
Dormiamos juntos, tantas vezes,
De braços dados.

Os meus olhos são, hoje, grandes.
Como eu te vejo...

Quantas vezes eu vim bater em teus olhos,
Como um batel perdido,
Vindo de longe... lá do mar.

Teu corpo ondula no meu
E está quente.

O teu calor é meu.
E quem poderá separar o teu calor
Do meu calor?...

Esse tango do passado misturou-nos de novo...

Francisco Karam.

CHARLA — Os senhores já repararam que ha existencias uniformes como a linha do horizonte e outras irregulares, tumultuarias, como a linha das montanhas?

As primeiras são vulgares, monotonas, inexpressivas; as outras são ao contrario: frementes, cheias de emoção.

Alguem poderá perguntar: "Quaes são primeiras?"

São as dos individuos que, muitas vezes, estando ao alcance de tudo o que desejam, não sabem aproveitar as suas possibilidades. E' a esses que se costuma dizer: "Deus só dá nozes a quem não tem dentes".

"E as outras?" — perguntará o curioso.

As outras são as existencias daquelles que encarnam a figura de D. Quixote — como os primeiros encarnam a de Sancho Pança. Os primeiros são a realidade pratica, material e *terre-á-terre*; os outros são a fantasia, o sonho, a chimera doida que vive a esvoaçar sem pouso certo.

Eu creio que a minha vida pertence á segunda categoria de existencias: febril, irrequieta, tumultuaria e, sobretudo, não desfructa as regalias que só solidas situações financeiras nos podem dar.

Os senhores, num espirito opportuno, dirão, certamente: "Mas que vida apertada, a desse cavalheiro!"

Perdôo que me chamem cavalheiro, e concordo em que a minha vida seja mesmo apertada. Porque, afinal, ha tanta coisa que concorre para que ella o seja...

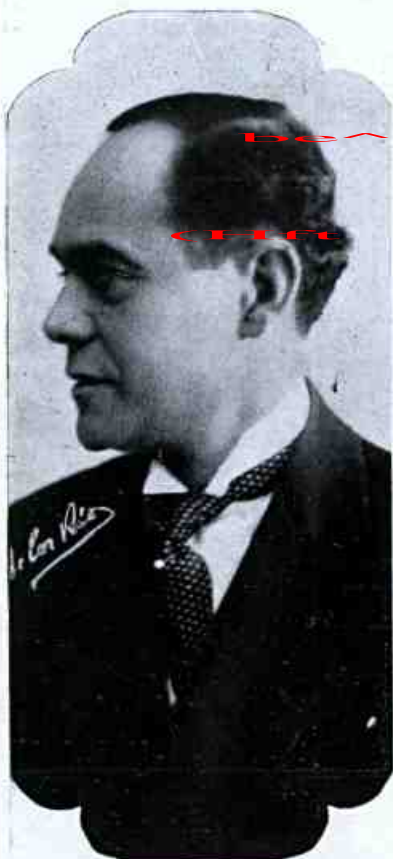
A luta forçada, a ingratidão dos homens, a maldade fria das mulheres... Tanta coisa!

Mas não pensem que não haja um certo consolo nisso. Eu assisto, desse modo, a um film continuo, cheio de lances comicos e dramaticos. Dramaticos: os lances daquillo que não alcanço; — a felicidade; comicos — os meus amores ephemeros, absurdos e caprichosos.

No Prado da Moóca, em São Paulo, realizou-se uma grande demonstração de cultura physica, na qual tomaram parte os alumnos de todas as escolas publicas da capital paulista. Foi uma empolgante parada sportiva que figurou com destaque no programma da Terceira Conferencia Nacional de Educação, ultimamente realizada naquella capital. Esta pagina fixa alguns aspectos dessa linda festa: o desfile das normalistas e grupos de alumnos de outras escolas, que deram uma nota de alegria rutilante á imponente demonstração de cultura physica.

PAINEL DE AZULEJOS

INSOMNIA

Na noite escura e silenciosa, amontôam-se idéas na minha mente e a insomnia segura as minhas

POR occasião da passagem de sua data natalicia, o nosso prezado collega de imprensa, L. Costa Andrade, recebeu inequivocas provas de estima e consideração, por parte de seus numerosos amigos, que o homenagearam com um lauto almoço, que decorreu num ambiente de fina e captivante cordialidade.

palpebras com os seus dedos lividos.

Então, todo o meu passado desfila pelo meu pensamento e todo o presente pelo meu pensamento desfila. E o meu pensamento ainda procura espinhos em que se ferir nos presentimentos do futuro...

No silencio escuro, a noite pesa sobre os meus hombros e a minha cabeça dolorida se afunda nos brancos e frescos travesseiros. Ella está tão pesada de idéas e de pensamentos. E os dedos lividos da insomnia seguram as minhas palpebras...

O BEIJO

Uma moeda de oiro e uma folha de louro podem fazer com que renasça a illusão da opulencia e dos triumphos. Mas um beijo moço sobre labios velhos não resuscita o amor. Os corações envelhecidos e extinctos são defuntos a que nada restitue a vida... E a maior crueldade para um morto sob a lousa fria é o arrulho amoroso dos pombos no cypreste da sua sepultura.

Catulle Mendès.

O VERDADEIRO POETA

Não é aquelle que escolhe as rimas mais ricas. Nem o que possúe o rythmo mais perfeito. Nem o que engasta pedrarias da lingua no oiro cinzelado da metrica. Nem o que canta os triumphos das nações ou os duellos das raças. Nem o que celebra a belleza das mulheres e os anseios do amor. Mas aquelle que deixa os seus versos na alma de quem o lê.

PROMESSAS AGRADAVEIS DESTINADAS A NÃO SEREM CUMPRIDAS...

De um noivo:

— Vou deixar de fumar.

De uma esposa:

— No mez vindouro, gastarei menos em vestidos.

Dum menino:

— Mamãe, não farei mais nenhuma travessura.

Dum "chauffeur" amador:

— Obedecerei de agora em deante ao regulamento da Inspectoria de Vehiculos...

AUTO-RETRATO

(Poesia modernista)

... tomó pinceles y paleta
y bien provisto de color,
acomodó su caballete
donde le diese oblicuo el sol.
Pintaba el maestro, pintaba,
cuando, abriendose la pared,
un esqueleto pavoroso
llegó a colocarse tras él;
diciendo: "La Muerte soy yo;
traza en tu lienzo mi figura
y alli viviremos los dos."

Guillermo Valencia
(venezuelano).

OS CÃES E SEUS DONOS

Um escriptor francês já fez notar em espirituosa chronica que os homens e mulheres que andam com cães pela rua, pequeninos no collo ou grandes com correntes, são verdadeiros escravos desses animaes. Em geral, as pessôas que assim se dedicam ao amor dos bichos falliram nas suas tentativas de affeição aos seus similhantes. E o referido chronista accrescenta: "Quando o bichinho resolve levantar uma pata junto a um poste de illuminação, seu protector ou protectora ergue para o céo seus innocentes olhos e fixa-os na hora que marca o relogio da torre da igreja proxima. Se prosegue o passeio, quando o cão o permitte. Porque, na verdade, o quadrupede é que passeia o bipede..."

Convenhamos que o espirituoso Beaumarchais tinha toda a razão

LETRAS MEDICAS

PROF. dr. Arnaldo de Moraes, que acaba de publicar o livro «Sã Maternidade», com que conquistou o premio «Mme. Durocher», da Academia Nacional de Medicina.

em mandar gravar numa placa de prata, na colleira de sua cadella de estimação, estas palavras: Beaumarchais n'appartient et je n'appelle Finette...

D. JAYME.

GUSTAVO BARROSO, o nosso querido companheiro, redactor-chefe de "FON-FON" e membro eminente da Academia Brasileira de Letras, acaba de dar publicidade a uma nova obra — "A Guerra do Rosas", a terceira da interessante série de narrativas históricas que o brilhante e consagrado escriptor iniciou ainda ha bem poucos mezes.

O êxito das duas primeiras — "A Guerra do Lopez" (já em 3ª. edição) e "A Guerra do Flores", é a melhor garantia da acceitação que vae ter a ultima.

No novo genero literário a que ultimamente se vem dedicando — a fabulação histórica, feita com o maior critério, sem o menor sacrifício da verdade dos acontecimentos e das figuras históricas que põe em scena, — Gustavo Barroso revela-se sempre o mesmo admiravel escriptor em quem sobejam os recursos da arte da palavra, trabalhada no estylo elegante, fino e sóbrio, que faz o encanto dos que o lêem.

"A Guerra do Flores" é um livro interessantíssimo, sob vários aspectos, fadado, por isso mesmo, a constituir um novo successo de livraria.

O trecho que publicamos nesta pagina, comprehendendo uma da numerosas narrativas desse precioso volume — "O convidado desconhecido" — dá bem uma idéa do seu valor e do interesse que o mesmo vae despertar.

O «Conflict» atravessou o oceano com felicidade e fundeou em Plymouth no dia 5 de abril de 1852. Rosas e Manuelita desembarcaram, sendo recebidos com tantas honras pelas autoridades que o facto motivou uma interpellação na Camara dos Lords. Lord Northumberland, presidente do conselho de ministros, deu as explicações necessarias: tratava-se dum refugiado politico de alta categoria e, como o governo inglês fortemente o combatera no poder, devia ser o mais cortez possivel na desgraça. A Camara applaudio-o.

Estava Rosas em precarias condições de fortuna. O homem que dominára completamente a Argentina durante vinte e cinco annos, via-se no exilio com os minguados recursos que sua filha pudera apanhar na hora apressada da fuga. O governo que lhe succedêra immediatamente confiscára todos os seus bens. Um amigo conseguio salvar do arresto a pequena estancia de San Martin e vendê-la. Ao terminar a ultima quota do que trouxera Manuelita em oiro e jóias, chegou esse auxilio inesperado, graças ao qual a fome não bateu á porta do tyranno apeado, que a milhares de pessôas perseguira e matára, porém a outros milhares protegêra e enriquecêra.

Com esse dinheiro, D. Juan Manuel alugou ao seu amigo lord Palmerston um terreno de cerca de 150 acres nas proximidades de Southampton, no logar denominado Swartkling, á beira da estrada. Desbastou-o da vegetação inutil, aplainou-o, construiu uma casa singela, galpões, ranchos e latadas, alevantou cercas, plantou arvores fructiferas e comprou um par de vaccas e meia dúzia de cabras, ovelhas e porcos. Voltou a ser o estancieiro de outrora nas acanhadas proporções que lhe permittia um condado britannico. Faltava-lhe a amplidão selvagem do pampa sem duvida; mas findava sua vida como a principiára: nas lides do campo, curvado para a terra productora.

Solitario e resignado, pelo menos sem queixas desesperantes, ali viveu vinte e cinco annos, tantos quantos dominára pelo terror. Parece que a criação e o terreno não produziam grande coisa, porque, apesar de sua modéstia e frugalidade, se vio muitas vezes obrigado a implorar a caridade alheia. Suas cartas aos raros amigos da Argentina alludem sempre ás suas «tristes circumstancias».

Muitas e muitas vezes, a miséria roçava nelle suas asas negras. Os amigos que concorriam com o seu óbulo para amenizar-lhe a pobreza do exilio rareavam continuamente, mesmo as amigas mais generosas e fieis, que lhe remettiam, cotizando-se, algumas onças de oiro por trimestre. Nos dias de maior penúria, D. Juan Manuel abria o seu guarda roupa, tirava a brilhante farda azul de capitão general, o riquíssimo uniforme das paradas faúlhantes de antanho, arrancava um dos botões de oiro massiço, dava-o a Mery, seu dedicado servidor, e mandava vendêl-o na cidade. Não se lhe via brilhar uma lagrima nos olhos azúes, mas sentia-se que a dôr lhe varava a alma. Os amigos fóram desapparecendo um a um e afinal somente lhe restou aquelle que, embora distante jamais lhe haveria de faltar: o fidelissimo D. José Maria Rojas y Patrón, com quem activamente se correspondia e em cujo coração sincero vasava algumas de suas amarguras. Nos ultimos tempos, o exilado recorreu até a subscripções e chegou a implorar os soccorros de Urquiza, que lhe enviou a bella somma de mil libras esterlinas.

A sua casa era coberta de colmo e tinha dois pavimentos. Janellas largas. Grande chaminé de tijolo. Uma cerca de buxo aparado em volta. Cancella de madeira. Um álamo ao canto. Dentro, a maior simplicidade, o necessario.

Rosas passava os dias de botas e esporas, montado a cavallo, ou passeiando, ou vendo os trabalhos de sua pequena quinta e nelles tomando activa parte. Ha muito e pensou em escrever suas memórias. Emmagreceu. A neve do tempo derramou-se sobre sua cabeça e escorreu pelas costelletas longas que lhe emmolduravam o rosto. A velhice não lhe conspurcou a belleza máscula. Perdêra na pobreza o esmero de outrora. Confessava numa carta passar oito dias sem fazer a barba por medida de economia.

A maior solidão o rodeava. Não recebia nem fazia visitas. Uma vez por anno, vinham vêl-o e compartilhar o seu magro jantar lord Palmerston e o cardeal Wiseman. Então, Manuelita punha a melhor toalha na mesa, o criado Mery vestia sua velha casaca e abria uma garrafa de vinho. E, nessa pequena reunião, Rosas falava de seu passado e fazia sempre algum gracejo que divertia seus hospedes. Em 1868, quando Francisco Solano Lopez, definitivamente batido após três annos de resistencia, demandava as Cordilheiras e o exercito imperial entrára em Assumpção, triunfalmente, como o fizéra antes em Montevidéo e Buenos Aires, no dia desse jantar annual, Rosas recordou os bons tempos de Palermo e de seus bufões terríveis, e fez uma das suas burlas costumeiras. Quando elle, Manuelita e os dois hospedes se sentaram á mesa, via-se na mesma um logar vasio: cadeira, prato, talher, copo, guardanapo; somente faltava o conviva. Mery servio a sôpa. Ao vir o assado, lord Palmerston, muito curioso, não se conteve e indagou:

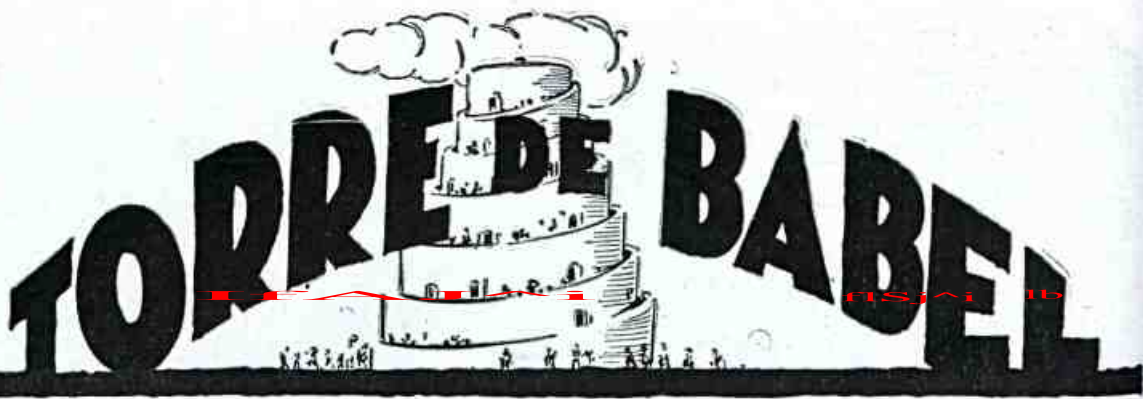
— General, quem o senhor convidou para o nosso jantar annual e que se não dignou de vir?

Rosas retrucou com o melhor de seus sorrisos:

— Os senhores têm lido as ultimas noticias da guerra entre o Império do Brasil e Solano Lôpez?

— Naturalmente. Todos nós as conhecemos, declarou o cardeal.

E D. Juan Manuel, perversamente:

— Pois bem. Este logar á mesa do exilio está reservado para o meu collega do Paraguai, quando o Império o puzer para fóra. Vou ter agradavel companhia...

FÔRA uma aventura de carnaval. Entre as mascaras e os disfarces nos encontrámos casualmente.

O marinheiro inglez no seu "travesti" estava delicioso. Era alto, elegante e gentil. Os seus olhos verdes de longos cilios negros me despertaram uma sympathia impressiva. Guardei-lhe no ouvido a voz sonora pela graça das declarações suggestivas que me fizera. Depois o esqueci e nunca mais nos tornamos a vêr.

Passados alguns annos, um dia, a campainha do telephone tilintou fortemente.

Tomando o apparelho, reconheci a voz do marinheiro inglez.

— "Quem fala? Beira-Mar..." — (o numero é compromettedor...)

— "Então, querida? Borboleta doirada... Por que não vens até aqui?..."

— "Tenho mêdo... E depois, á luz forte do sol as criaturas não parecem tão bellas..."

— "Vem... Aqui ha sombras que divinizam. Ha um encantamento singular num ambiente requintado."

— "Não, marinheiro gentil. A hora mais sentimental é sempre a hora do poente. Espera-me, logo, á noite. Faremos um "cocktail" perfumado ao som do teu violão choroso..."

Estavamos aprazados para uma hora de bohemia espiritual.

* * *

Quem já esqueceu a hora que se espera com ansiedade?

Entre razões fortes, que offerecem obstaculos, através de sentimentos que se chocam em contingencias diversas, a hora premeditada que se espera, é aurora de mil clarões... Julio Dantas diria a hora do diabo...

Eu a considero — hora rubra de amor...

Concepção de vida, de um mundo revelador. Desillusão, peccado... Poucas emoções se equilibram no anseio da hora rubra de amor...

Tudo é desvario esflorado em esperança. E, ás vezes, os negocios do coração intervindo nessas horas escarlates fazem da vida o cemiterio da intelligencia.

Póde-se passar á porta do amor sem lhe comprehender as excelsitudes, mas, não sem lhe soffrer as consequencias.

E a vida é, em grande parte, uma eterna corrida para o amor!

Para a vida ou para a morte, para a alegria ou para a desventura o amor será a procura de todos os destinos.

E' em busca do amor completador, de que falava com tanta ironia certa personagem de Anatole France, que a humanidade se projecta para todas as ignominias.

Attrahida pelo convite do marinheiro sonoro, corri a procural-o no ponto onde nos aprazaramos.

Eramos sete á mesa. Numero cabalistico. Numero inspirador: sete...

O ambiente fôra-me, porém, o cemiterio da intelligencia.

Tudo se conspirara para o desencanto da entrevista que eu sonhara esmaltada de seducções.

Tres mulheres banaes porfiavam o massacre da minha paciencia. Mulheres sem espiritualidade, sem vigor de convicções — reflexos de vida anonyma onde tudo se traduz em chatice envolvente.

Fugi desorientada. A visão agudissima que senti daquelles corações gelatinosos, tornou-se-me a realidade monstruosa do ambiente que me gelava. O sonoro marinheiro, despeitado, talvez, porque lhe descobri nas suas amigas um desprimor corrosivo, zangou-se, e partiu o doce enlevo das nossas divagações...

Eu me detive, empós todos os incidentes desse romance, a divagar sózinha fazendo da minha saudade o fulcro das minhas cogitações.

Ha poucos dias o telephone me trouxe a mesma voz numa recusa desoladora.

— "Não a conheço, minha senhora..."

A minha surpreza arquejou assustada... Não me conhece o joven argonauta... Por muitas razões bôas, eu o conhecerei sempre, sempre... Ha espiritos que passam a viver com o nosso espirito mesmo na adversidade dos affectos.

São propriedades mentaes que adquirimos com o ouro da dedicação, e, de cujos direitos, inalienaveis, não abdicaremos nunca...

VERSOS DE PEREZ DONALDE

RESURECCION

Báñase en luz la celestial esfera,
Rompe el hielo la fuente cristalina
Corónase de palmas la colina
Y de recientes flores la pradera.

Tras el martirio y tras la muerte fiera,
El Justo de los Justos se encamina
Desde el sepulcro a la región divina
Donde su padre celestial impera.

Resurrección! Resurrección! del campo
La proclaman los cármenes risueños,
Del sol primaveral el regio lampo,

Y de la mar azul la augusta calma...
¡Cristo de mi esperanza y de mis sueños,
Por qué no resucitas en mi alma!

ECOS DEL CANCIONERO

Tu mano apoya contra el pecho mio.
¿Oyes de un rudo golpe la inquietud...

Es que hay adentro un carpintero impio
Que labra mi ataúd.

Y no cesa un instante el golpe fiero,
Y en vano intento al sueño recurrir...
¡Acaba, acaba pronto, carpintero,
Y déjame dormir!

VIDA Y MUERTE

Nació en Oriente un sol esplendoroso,
en la verde arboleda un ruiseñor,
En la vibrante citara un sonido,
y tú en mi corazón.

Murió el astro en la sombra de la tarde
en jaula de oro el ave pereció,
la melodiosa nota en el silencio,
y yo en tu corazón.

O BEM E O MAL

O Bem é a nossos olhos aquillo que nos proporciona uma satisfação physica ou moral, e o Mal o que nos faz soffrer physica ou moralmente. Mas um e outro são relativos porque cada um de nós o encara sob o ponto de vista pessoal: o bem estar material, os prazeres intellectuaes, os gozos mundanos, a pratica das virtudes e dos deveres familiares, sociaes ou patrioticos, são diversamente apreciados pelos homens, segundo sua mentalidade, segundo seu gráo de instrucção ou de intelligencia, sua constituição physica, seu interesse, e até mesmo o estado geral do seu organismo.

SABBADO ultimo, o Grupo de Regatas Gragoatá offereceu uma festa dançante á sociedade de Nictheroy. Esta pagina fixa alguns detalhes dessa alegre noite nos salões do Gragoatá.

"VICENTINHO" EM FRANCEZ

Maria Eugenia Celso — excelsitude
de nome e coração —
amavel flôr do espirito e da graça
florindo a intelligencia na virtude,
e em cuja vida esvoaça
o véo da fada simples da pureza
e o manto de princeza,
de realidade e da Imaginação...

Maria Eugenia, mãe de Vicentinho,
depois da suave gloria de possuil-o,
teve a angustia suprema
de restituir a Deus o lindo anjinho.
E fingiu conformar-se,
de coração tranquillo.
E fez da sua immensa dôr um poema,
um pequenino grande-poema em prosa
em que vasou sua alma nobre e eleita,
suavissima e perfeita,
encantada, subtil e harmoniosa.

O Monteiro Lobato
disse-me certa vez
(é um elogio abstracto
na forma simples, mas completo, exacto,
pela justiça e pela sensatez) :
— Não sei, como, de facto,
se possa num só livro
conter tanta ternura e candidez,
conter tanta belleza,
conter tanta nobreza,
tão doce commoção...
E' que Maria Eugenia, na verdade,
nasceu princeza:
princeza em realidade,
princeza de talento e de bondade,
de sensibilidade
e de imaginação.

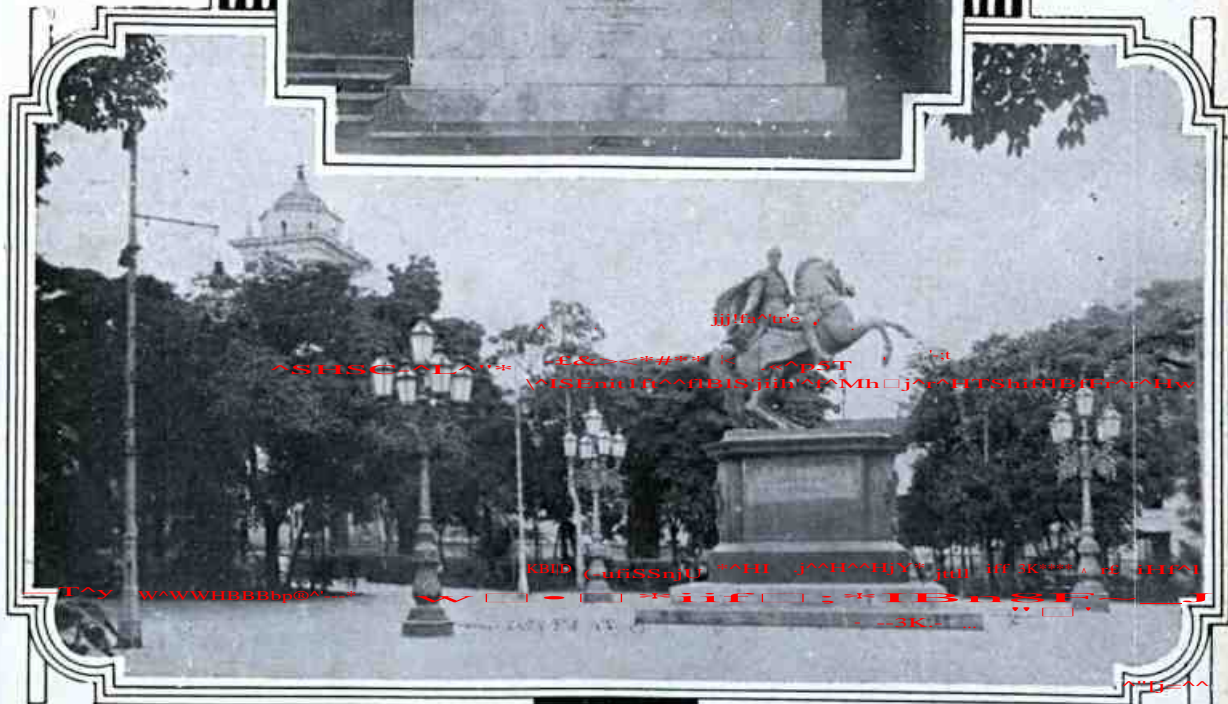
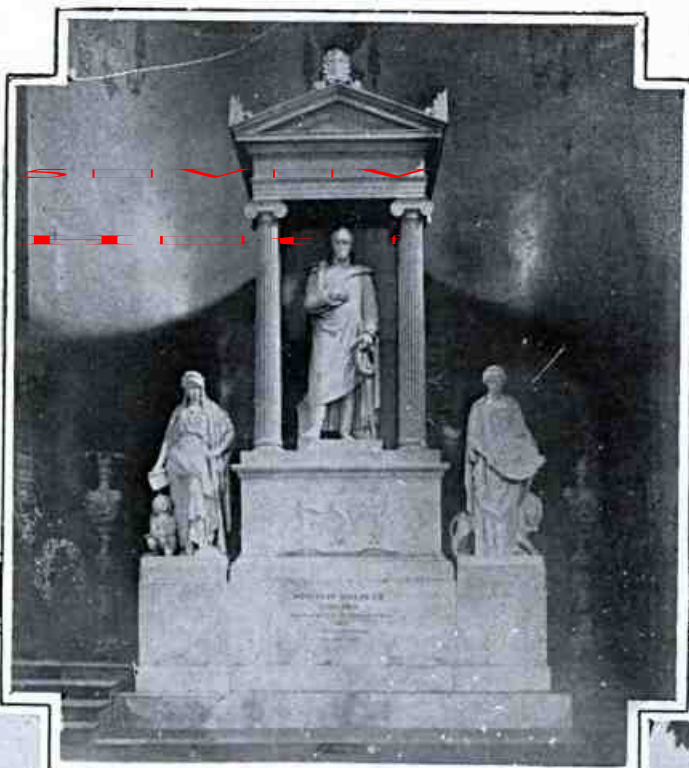
Que diria o Lobato,
elle que assim falou, daquella vez,
com tanto enthusiasmo e tal carinho,
ao saber que, de facto,
vamos ter "Vicentinho"
circulando em francez!

Vamos ter esse poema
de acrysolado amor e dôr suprema,
levando aos quatro ventos
da Emotividade universal
os nobres sentimentos
de um feliz e tranquillo
coração maternal
que teve um filho, e (ó sonho! ó pesadelo!)
depois da gloria immensa de possuil-o,
provou a immensa angustia de perdêl-o.

Depois da angustia, o poema,
e á corôa de espinhos
succede-se o diadema
de consagração.
Todas as mães têm os seus Vicentinhos.
Mas immortalizal-os num poema,
num pequenino grande-poema em prosa,
só as que, além de um nobre coração,
têm a graça subtil e harmoniosa,
essa simplicidade e excelsitude
da graça e da virtude,
com que Maria Eugenia, a Condessinha,
teceu com a propria linha
dessa emoção saudosa e merencórea,
o seu manto de gloria,
um manto de rainha,
um manto de verdade e de illusão.
Tambem, pudéra não!
ella nasceu princeza
não só de aristocratica pureza,
mas, com egual certeza,
princeza
pela simplicidade,
pela emotividade,
pela imaginação.

BRASIL-VENEZUELA

NA penultima semana, foi definitivamente assignado o tratado entre o Brasil e a Venezuela que fixa os limites dos dois paizes amigos. Revestiu-se de grande brilho essa ceremonia, que se realizou no palacio Itamaraty, sendo muito felicitados pelo auspicioso facto o ministro Mangabeira e o sr. encarregado de negocios da Venezuela, dr. José Montilla. Congratulando-se com os illustres signatarios do acto diplomatico, FON - FON presta uma merecida homenagem, nesta pagina, á Republica dos Estados Unidos de Venezuela, cujo consul nesta cidade é o nosso companheiro Gustavo Barroso. A patria de Bolivar, ligada por uma inalteravel e secular amizade ao nosso paiz, é credora, pela sua cultura e pelo seu progresso, da admiração e da estima dos brasileiros. Sua actuação pacifica no scenario internacional do continente a põe em primeiro plano no meio das patrias latino - americanas. E' a projecção do talento de seus escriptores e poetas attrae para ella o carinho dos outros povos.

SÃO aspectos de Caracas, a linda capital venezuelana, o que fixam as gravuras desta pagina: o «Pantheon Nacional» (mausoléo do Libertador); a praça Bolivar; o Palacio da Justiça, e o Theatro Nacional.

Salvação

CONTO DE E. F. Bl[illegible]

— Não fales mais, Roman. Amas-me e eu te correspondo; não deves pensar noutra coisa. Crês, por acaso, que, na minha idade, poderia amar um homem muito mais joven que eu, sem considerar-me com direito a elle? Já lá vão quinze annos que elle me ligou á sua existencia. Que prazer já me proporcionou? Nenhum. De que me serviram esses quinze annos de fidelidade e de sacrificios? De nada. Para padecer e envelhecer antes do tempo. Quinze annos! E tens unicamente vinte e dois... E's todo escrupulo. Elle nada tem a reprovar-me; já o supportei demais...

— Porém, é teu marido!...

— Ora, tu és muito joven e conheces ainda pouco a vida...

— Sei apenas que te amo, que foste a primeira mulher que me fez conhecer o carinho, que toda a minha vida te pertence...

— Até que te canses. E será natural... Virão a ti outras mais jovens, mais bellas...

— Marisa, não me faças soffrer... Nunca poderei amar outra mulher.

Olhava-a quasi desesperado. Marisa tremia, febril; aquelles protestos de amor causavam-lhe um bem estar indefinivel. Eram a sua grande alegria. Procurava-os, procurava-os, queria-os.

Aquelle rapaz ruivo e ingenuo, ardente e forte, era o seu thesouro, a sua vida. Passou-lhe os braços pelo pescoço, apaixonadamente, estreitando-o contra o peito...

— Vês — disse elle, — penso que me exponho a um perigo constante. Vivemos encerrados em nosso amor e, como dois loucos, não pensamos noutra coisa. E isso vae mal; é preciso raciocinar... A's vezes reflicto, especialmente quando passo algum tempo sem te ver. E penso, quem sabe si não terei contados os dias de vida?...

— Roman!

— E' impossivel que elle não venha a descobrir alguma coisa, tarde ou cêdo... tanto mais quanto sus-peita...

— Seremos prudentes.

— Prudentes! — respondeu elle, dando de hombros. — Não faltava mais nada! Quando se ama, ha lá prudencia!... O dia em que elle nos descobrir, sei bem o que me espera: uma punhalada no coração ou uma bala na cabeça...

— Oh, que horror!... Não pensemos no mal. Por que perder as nossas horas em conversas tão tristes? Pensa sempre em mim. Não te occupes de outra coisa. Tanto mais quanto agora é necessario que nos separemos...

— Já?

— Sim, Roman...

— Deixar-te já? — suspirou elle. — Esta noite apenas comecei a beijar-te... o tempo voou...

Olharam-se em silencio. Depois, Roman, por sua vez, beijou-a apaixonadamente, estreitando-a de encontro ao peito, fortemente... Assim permaneceram durante longo tempo, silenciosamente, na arruinada cabana solitaria e abandonada. Depois, sem acrescentar nada, ella envolveu a cabeça num chale escuro, abriu silenciosamente a porta e afastou-se a toda brida, perdendo-se nas trevas.

* * *

A' esquina duma ruasinha, Marisa encontrou imprevistamente uma sombra pequena e curvada de velha; teve que reter um grito a muito custo.

— A Virgem te Abençõe, Marisa... Rezarei por ti...

Marisa, baixando a cabeça e occultando o rosto no chale, afastou-se ainda mais velozmente, sem ouvil-a; o coração, porém, batia-lhe descompassadamente.

— Bruxa! — murmurou, com surda irritação. — Bruxa maldita, espia-me. Já outra noite, estava no mesmo sitio! Espia-me, não ha duvida... Tem que terminar... Ia a dizel-o... Ter-me-á reconhecido?

Caminhava agitada, presa do grande desfallecimento. Ia tão celere, que parecia um phantasma.

Ia já perto de casa, quando, de repente, teve outro encontro e, pela segunda vez, o sangue affluiu-lhe á cabeça. Agora era um homem, que se lhe havia plantado em frente, como a tolher-lhe os passos.

— Marisa, bôa noite...

— Bôa noite — respondeu ella, seccamente, tratando de illudil-o e de seguir o seu caminho.

Porém, o desconhecido parecia disposto a detel-a.

— Vamos, mulher, não tenhas tanta pressa. Quero falar-te; tenho algo a dizer-te...

— Agora, estás louco?

— Por que não? Que occasião mais propicia?... Ninguem nos vê e temos tempo.

— Isso pensas tu. Meu marido espera-me; deixa-me seguir...

— Não. Teu marido não está em casa, tu o sabes perfeitamente, Marisa... Foi cortar lenha e só voltará amanhã...

— Bem, deixa-me seguir.

— Não, não deixo... Digo-te que tenho a falar-te...

Parecia tão firme no seu proposito, que Marisa não poude conter um gesto de impaciencia.

— Tuas historias, eu as conheço de ha muito; faz tempo que me persegues...

— Si as conheces, por que me fazes padecer? E's de pedra...

— Faço-te padecer, eu?

— Sim, um enorme soffrimento. E me farás commetter alguma atrocidade; a culpa será toda tua...

— Vamos ao caso! — respondeu Marisa, impacientemente. — Não te procuro... Com tantas mulheres mais jovens e mais bellas, por que has de pensar em mim? Deixa-me tranquilla. Sabes que perdes teu tempo...

— Marisa! Mulheres mais bellas que tu? Não digas. Tu és como um desses fructos maduros, cheirosos, que...

— Estás louco!... Bôa noite.

E fez menção de continuar o caminho.

— Tem cuidado!... Tu te arrependerás...

— Que queres dizer?

E Marisa parou novamente, perscrutando-lhe o rosto com minucia e desconfiança.

— De que teria de arrepender-me?

— Não sei. Não sei de nada. Sei apenas que te amo e que só penso em ti... Nada mais sei. Não te compadeces de mim?... Si soubesses como soffro...

Marisa não via uma occasião para libertar-se, mas, de repente, um pensamento cruzou como um relampago em seu cerebro; um pensamento que deu a seus olhos um brilho enigmatico. Não quiz exasperar ainda mais o interlocutor.

— Pois bem — exclamou seccamente. — Vou pensar.

— Vaes pensar?

— Mas, agora, deixa-me partir...

— Si me juras que vaes pensar!...

— Como? Já não te disse?

— Tens razão; não sei o que digo. Farei tudo quanto me dizes, obedecer-te-ei sempre, serei teu escravo...

— Pois bem... Bôa noite...

— Terei logo noticias tuas?

Pela segunda vez, o mesmo estranho pensamento assaltou o espirito de Marisa, e agora mais claro e pre-

(Continúa na pagina 60)

ARABESCOS

Foi numa manhã tristonha e ennevoada que eu parti.

Eu sentia por onde passava essa ameaça de saudade que precede as separações. Sabia que caminhava para a dôr e o infortunio; mas levava em mim essa calma, essa indifferença amarga e sinistra dos condemnados que se resignam.

Não te dei o adeus dos que partem: o destino tem sido sempre avaro para mim.

Nunca pensei, porém, que me irias impôr uma pena tremenda. E foi nos máos dias da minha adversidade que tu me negaste alento.

Bastar-me-ia a certeza de que pensavas em mim.

Esse almejado consolo não no tive nunca.

E não pude jamais maldizer-te ou pensar mal de ti»..

E é nas recordações que a saudade me traz que encontro um pouco da felicidade dolorida e amarga dos infelizes.

Penso, ás vezes, que a saudade
E' uma ventura em disfarça
Para ter felicidade,
Basta a gente recordar-se.

E' assim que procuro illudir-me: revivendo o passado. Tecendo nova illusão a cada illusão que morre. Fazendo do meu sonho a minha crença, a minha fé. Acreditando ainda na mentira adoravel da esperança.

E é assim que, ás vezes, consigo sorrir.

Mas ha sorrisos que são mais tristes que lagrimas...

MATTOS-ALAM.

O MANTO IMPERIAL Nosso illustre companheiro Gustavo Barroso, recebendo, no Thesouro Nacional, das mãos do sr. Adolpho F. Santos, thesoureiro geral, o manto que D. Pedro II usava nos dias de gala, com a sua gola de papos de tucano. Essa reliquia historica foi transferida pelo ministro da Fazenda para o Museu Historico Nacional, de que o nosso redactor-chefe é director e onde já se acha exposta ao publico.

NO edificio da Bibliotheca Nacional, cedido pelo sr. ministro da Justiça a um grupo de artistas patricios, inaugurou-se, terça-feira transacta, 10 do corrente, o Salão dos Artistas Brasileiros. Na linda exposição de arte, que tem attrahido numerosos visitantes, figuram, além de quadros, a oleo, aguarella, etc., illustrações, trabalhos de esculptura e muitos outros, vendo-se alli representadas todas as escolas. Até o fim do mez corrente permanecerá aberto o original Salão dos Artistas Brasileiros, onde ha muito que se ver, apreciar e admirar.

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancia

DIALOGO FLORIDO

Se não me engano, foi em *Le crépuscule des idoles* que li, um dia, uma phrase de Nietzsche, em que á malicia do *potin*, da *blague*, se casava a austeridade de um conceito profundamente verdadeiro:

L'homme a crée la femme — avec quoi donc? Avec un côte de son dieu — de son "idéal"...

E' possivel que Deus, segundo a tradição biblica, tenha creado a mulher, considerada como entidade physica, como barro humano, de uma costella arrancada ao primeiro homem, ao imbecil do Adão, que assim se deixava mutilar na sua integridade corporea, inconsciente do mal que se fazia, a si proprio e a sua descendentes. O velho pae da humanidade era, porém, por esse tempo, um pobre diabo que mal havia descerrado os olhos, deslumbrados, para a luz, para a festa floral do Paraiso — o lindo jardim de volúpia e tentação que Deus lhe destinou, no preconcebido proposito de ver se sua obra tinha, realmente, sahido á sua imagem e semelhança.

Antes da alma bradou, porém, o instincto. E Adão, bodefonte, como um fauno abandonado em meio á luxuriante floresta paradisiaca, começou por peccar por... pensamento, já que não podia fazel-o de outra maneira. Seu primeiro gesto de fraqueza foi, assim, simples e *diablement* bestial: pedir ao bom Deus, que já havia notado a imperfeição de sua obra, uma companheira para a sua solidão, o crepitar de um beijo para o seu desejo, o calor generoso de um corpo macio para a sua carne exaltada e torturada...

Positivamente, não sei se foi bem isso que pediu, que supplicou, entre lagrimas, ou reclamou, aos berros, o tonto do Adão. Buscando reconstituir tão remotos acontecimentos, quero crer que as coisas se tenham passado mais ou menos assim. Em duvida, invoco as luzes e a palavra autorizada do meu querido collega e amigo Berilo Neves — o bizarro e festejado escriptor da *A Costella de Adão*.

Dando provas, ainda em plena vida paradisiaca, de ser um excellente pateta, sentimental, lamuriento, fraco e cheio de caraminholas de toda natureza, o Adão, instinctivamente animal daquelles tempos, depois que se deixou amputar na sua "humanidade", para a obra concepcional da primeira mulher, tirada de uma sua costella, começou a peccar tambem por... actos. Quer dizer: augmentou a somma de seu infortunio, deixando-se, a pouco e pouco, escravizar pela companheira diabolicamente tentadora, a cujos encantos cada vez mais se ia prendendo.

E foi assim que, ao começar a abrir os olhos, que Eva enfeitiçara, para a luz, para as primeiras revelações da verdade, para o baptismo da civilização, que ia ser a sua unica obra realmente mascula e aproveitavel, elle, já transformado no Adão-maricas da Idade Média, deu inicio, por conta propria e sem qualquer interferencia de Deus, á obra espiritual da segunda creação da mulher, o que fez, na phrase do Nietzsche, com uma costella de seu deus — de seu "idéal". Com o coração, palpitante de sentimentalidade, a arder, a incender-se na propria chamma de sua idéalidade potencial, fecunda e creadora, eil-o transfigurado em cavalleiro andante de sua dama, entregue á cruzada de canonização mystico-pagã da mulher, a erguer-lhe o throno espiritual, incrustado de pedrarias em que mais avultavam o verde esmeralda de suas esperanças, os rubis, gottas de sangue de seu coração, as perolas de suas

O exito, brilhante e magnifico, do recital de piano com que Herminia Roubaud deliciou e encantou a assistencia numerosa e fina que teve occasião de ouvil-a no salão nobre do Instituto Nacional de Musica, ultrapassou a melhor espectativa. Foi uma revelação surprehendente e verdadeiramente impressionante a que fez ao nosso meio musical e social a brilhante pianista patricia. Aliás, as credenciaes de merito, de valor, que lhe haviam conferido, antes, o Instituto Nacional de Musica, concedendo-lhe, por unanimidade, o primeiro premio (medalha de ouro) e a palavra autorizada não só da imprensa de S. Paulo, sua terra natal, onde ella realizara varios concertos, mas tambem de pianistas, como Guiomar Novaes e outros notaveis professores, considerando-a artista de uma virtuosidade admiravel, faziam prever o successo e o triumpho alcançados, nesta capital, pela senhorita Herminia Roubaud. Interpretando, com segurança de execução, com precisão de technica e intensidade de alma, mestres como Bach-Bussoni, em «Chaconne», Chopin — «3 Estudos», Mendelssohn — «Variations sérieuses», Lorenzo Fernandez — «Arabesca», Albaniz — «Sevilha», Barroso Netto — «Galhofeira», «Minha Terra» — além de outros, como esse novo, extraordinario e difficilmente interpretavel artista grego, que é Mitropoulo, em «Fête Crétoise», Herminia Roubaud foi, muitas vezes, bisada e enthusiasticamente applaudida pela assistencia selecta e distincta que enchia o vasto salão do Instituto. Seu concerto foi, de facto, a revelação magnifica de uma artista que honra o Brasil e deve encher de legitimo orgulho sua terra natal.

A senhorita Violetta Campofiorito é a linda «rainha das normalistas fluminenses», e, pela sua intelligencia e graça, foi escolhida oradora da turma de 1928 da Escola Normal de Nictheroy.

lagrimas, de suas tristezas, os diamantes negros de suas desillusões e de seu soffrimento.

A mulher estava, de novo, creada, revelada, já não conforme a creação physica de Deus, mas de accordo com a particula de divindade que palpita e vibra no homem — a sua idéalidade de eterno cavalleiro andante da illusão louca.

A mulher actual, nas expressões da sua espiritualidade, é, assim, obra, creação idéal do homem. Ella nada conquistou, porque tudo encontrou feito e desbravado pelo proprio homem o caminho por onde, cheia de si, ella vem a cantar a *Marselheza* das suas chamadas reivindicações feministas. No emtanto, o homem é que tudo fez, preparando o terreno em que sua companheira deveria ingressar no vasto campo de conquistas sociaes, amanhado e trabalhado pelo seu espirito, durante seculos a fio.

Ao contrario, porém, do que aconteceu no Paraizo, onde o homem é que comeu o "boccado", symbolizado naquella tentadora e possivelmente cheirosa maçã, na lenda da *tentação* contemporanea a mulher é que vae entrar no "boccado" por elle preparado e amassado, espiritualmente.

A creatura rebellou-se contra o creador e, da luta estabelecida entre os dois sexos, ainda não se poderá conjecturar qual o destino reservado a um e a outro.

L'auge déchu, esse conseguirá, um dia, voltar a reinar no coração do homem, dominando-o como dominou, emquanto foi obra e creação idéal?...

SOCIEDADE

Festa de arte — Organizada pelas escriptoras Maria Sabina e Esther Ferreira Vianna realizou-se no sabbado ultimo, no Instituto Nacional de Musica, a *Tarde de Arte*, em beneficio das moças cegas, promovida pelo Sodalicio da Sacra Familia.

Apezar de não ter sido grande a concorrencia, a execução do programma foi além da espectativa, uma vez que todas as figuras que nelle tomaram parte souberam comprehender as suas responsabilidades.

O escriptor Gastão Penalva, que abriu o festival, falou sobre a caridade, com aquelle brilho verbal que todos lhe reconhecem. A sua palestra, fixando bem os gestos caritativos, na sua nobre applicação, commoveu a platéa.

Mariasinha Alves, que é alumna de Henrique Oswaldo e, por si, um formoso talento pianistico, foi muito feliz na interpretação de dois classicos, arrancando palmas ao auditorio.

Lia Renée, a pequena bailarina dos nossos salões, tambem teve a sua tarde de triumpho, pois bailou com a sua graça de sempre.

Na segunda parte foi representado o *lever de rideau* "O Abat-jour e a Mariposa", de Bastos Portella, nosso companheiro de redacção. O papel de *Abat-jour* coube a mlle. Dulce de Carvalho Araujo e o de *Mariposa*, a mlle. Nina Cruz. Ambas deram uma interpretação fiel aos dois personagens, movendo-se no palco com o desembaraço, não só de duas declamadoras brilhantes, de valiosos recursos, mas ainda como verdadeiras artistas. E a prova foram os applausos que as graciosas alumnas de Maria Sabina receberam da fina platéa do Instituto.

Mas, para evitar melindres e palavra justa que merecem e o destaque a que fazem jús, consignamos que todos andaram bem, inclusive os violinistas Isaac Seldman e Maria Mazafarro (cega), Julia Caldeira (cega), em um numero de declamação, Waldemar Navarro e mlle. Olga Praguer, nas canções regionaes, e que foi forçada a bisar varias vezes os seus numeros.

— Jesy Barbosa e Rogerio Guimarães realizarão, hoje, no Theatro Lyrico, seu annunciado recital de canções brasileiras e sólo ao violão. A vesperal de arte com que os dois festejados artistas vão deliciar a platéa carioca, certo proporcionará ao Lyrico uma casa *au grand complet*.

O programma organizado para essa encantadora festa de arte é dos mais attrahentes e sua execução, a rigor, marcará mais um triumpho na carreira artistica de Jesy Barbosa e Rogerio Guimarães, dois especialistas no genero, e admiraveis interpretes da alma bregeira e simples, ou nostalgica e triste das nossas canções.

SORRINDO...

Um jornal americano annuncia que, no mundo feminino, onde a *coquetterie* impera e, com ella, as coisas da moda — *the great fashion* — está a agitar-se um serio e importante problema: saber qual a coloração a dar aos cabellos na proxima estação.

O caso, como se vê, é relevante e é grave: muito grave e relevante mesmo. E tambem bastante significativo, porque prova que as mulheres já se vêm preoccupando um pouco ao menos com o arranjo de suas cabeças, de suas lindas e encantadoras *têtes de moulin à vent*...

Para essa preoccupação maxima do momento, segundo accrescenta o alludido jornal, já "ellas" encontraram uma solução mais ou menos satisfatoria. E as impenitentes *coquettes*, tendo chegado á conclusão de que seria praticamente impossivel combinarem as nuances dos cabellos pela de seu vestido de dia, vão fazel-o de accordo com a côr predominante durante a estação.

Se a tonalidade beige, por exemplo, predominar, os cabellos deverão ser de um loiro que se possa harmonizar com aquella nuance.

Se é o azul a côr em voga, para combinarem com o *bleu* do vestido, os cabellos deverão adquirir uma coloração negro-retinto, *noir foncé*, com reflexos de azul.

E — accrescenta um commentador parisiense da novidade — quando de todo não fôr possivel observar, a

linha, os caprichos da moda, ainda haverá um recurso de que toda mulher poderá lançar mão: o chinó, a cabelleira postiça!...

POMBOS-CORREIOS

Maria do Céo, meu puro e abençoado amor — A esmeralda de meus olhos, minha querida, no momento em que lhe escrevo, parece liquefazer-se, transformando-se na caricia humida que nelles está a dançar o silencioso bailado da minha alegria interior. Da minha alegria e do meu enternecimento, da suave emoção, Maria do Céo, com que me la enchendo a alma, e já transbordante do coração, a leitura de sua ultima carta, a linda e generosa carta de perdão que você me mandou em meio a uma braçada, cheirosa e fresca, das suas *Rosas de Santa Therezinha*.

Depois que li o que você escreveu, com tanta sinceridade, com tanta doçura e com tanta exaltação amorosa, cheguei a comprehender e a admirar, ainda mais, aquelle immenso e indestructivel amor, de mysticismo e de carne, em que se abrazou a alma grande e inquieta daquella sua magnifica companheira de santidade que foi Thereza de Jesus. Na doçura, na candidez, na meiguice, você, Maria do Céo, é, porém, como a "florzinha de Lisieux", humilde, generosa — violeta mystica de consolação e de bondade. Porque, você, Maria, você ha de ser sempre para mim a adorada e querida Santa Therezinha das rosas do meu céo" na terra.

Seu "gesto de perdão", Maria, tocou-me fundo o coração. Senti-me tão pequenino e tão doce, suavemente confortado, como se a rosa vermelha de sua bocca, aberta num beijo para mim, sobre mim se despetalasse na caricia da mão tremula de minha mãe, a velhinha, a me abençoar.

Não sei como lhe agradecer o bem que você me fez, perdoando-me, e, sobretudo, Maria do Céo, mostrando-se-me mais meiga, mais carinhosa, mais... minha, santa e senhora.

Recebo, genuflexo, o seu perdão: recebo-o com o coração e com os... lábios. Não foi assim que você m'o mandou, Maria do Céo?

Até breve.

SEARA ALHEIA

LA HIGUERA

JUAN DE IBARBOUROU.

Porque es áspera y fea,
porque todas sus ramas son grises,
yo le tengo piedad a la higuera.

En mi quinta hay cien árboles bellos:
ciruelos redondos,
limoneros rectos
y naranjos de brotes lustrosos.

En las primaveras
todos ellos se cubren de flores
en torno a la higuera.

Y la pobre parece tan triste
con sus gajos torcidos que nunca
de apretados capullos se visten!...

Por eso,
cada vez que yo paso a su lado
digo, procurando
hacer dulce y alegre mi acento:

— Es la higuera el más bello
de los árboles todos del huerto.
Si ella escucha,
si comprende el idioma en que hablo,
qué dulzura tan honda hará nido
en su alma sensible de árbol!

Y, tal vez, a la noche,
cuando el viento abanique su copa,
embriagada de gozo, le cuente:
Hoy a mi me dijeron hermosa.

PETIT-BLEU

Foste, até hontem ainda, a minha Illusão, a suave e consoladora Illusão que vinha illuminando minha pobre vida de triste e de só com a irradiação mesma de teu ser.

Foste, até hontem ainda, a minha Esperança, que deu á minha vida um novo sentido, uma nova expressão, ante o aceno de felicidade, a promessa de ventura que teus olhos me faziam.

Foste, até hontem ainda, a minha Fé, porque, para mim, tu eras um evangelho, o evangelho sagrado e vivo da minha crença. E eu juraria pela pureza de tua alma, pela luz abençoada de teus olhos, pela fé de tua palavra, sem receio de offender a Deus...

Tudo isso, até hontem ainda, foste para mim.

Mas, como toda illusão, tu propria, revelando-te, tal qual eras, um dia, hontem ainda, descerraste o velario em que te envolvias, enchendo de amargura e de tristeza a alma e o coração que tanto te exaltaram e tanto chegaram a crêr em ti...

E és, hoje, a minha grande e dolorosa Desillusão, a desillusão que me vae arrastando pelos caminhos asperos da vida sem amor, sem esperança, sem fé e sem aquella que eu sagrara Purissima, no taberanculo de meu coração...

NA ultima festa de arte realizada no Tijuca Tennis Club, foi levada á scena a comedia «Os dois adoradores», que teve brilhante intrepretação por parte das senhoritas Dinah e Lucia Pires e dos srs. Walfredo Machado, Walter Siqueira e Rubens Barros, que apparecem no presente grupo.

A MULHER CHIC
e esta novidade:
chapéo, bolsa e
cinto.
Jean Patou

A MULHER CHIC
e o seu "ensemble"
branco e azul.
Jean Patou.

ADÃO & EVA

PETITE SOURCE

UMA HABILIDADE

Meu irmão.

Tua carta entristeceu-me. Achei-a lamentavel. Provávelmente estás pensando que te vou chamar a attenção para erros de orthographia ou de grammatica. De todo. Isso de orthographia e grammatica deixo a cargo do professor que por dever de estado ainda crê nellas. Aqui por fóra são duas senhoras desacreditadissimas. Si nem os Immortaes se entendem a respeito dellas, que diremos nós outros pobres mortaes?

Não, Raul. Mais necessaria do que a arte de bem escrever é a arte de bem viver. Sem a primeira ainda se pode chegar a muita coisa, até a literato celebre. Sem a segunda não se alcança nada.

Tua carta estava lamentavel, digo. Em quatro paginas, tres mentiras. Não negues. Dizias que não sahiste Domingo ultimo porque te achavas indisposto, e teu amigo Marcos, que encontrei nas corridas innocentemente, lastimou tua prisão "por uma injustiça" do professor de algebra. Declaravas a seguir que essa mesma doença (?) te impedirá de ter bôa nota em mathematica. E, por fim, affirmaste que o dinheiro que te enviei não bastou para pagar o novo uniforme. Já desconfiado, telephonei para o collegio, tomando informações, e soube que a quantia que recebeste ultrapassava até de 15$000 a somma necessaria.

Desde que perdemos nosso pae, e fiquei com a responsabilidade moral de fazer de ti um homem, não cessas de me dizer com revolta infantil: "E's meu irmão, não tens que me mandar!"

Bem sabes aliás que pouco me agrada mandar seja quem fôr. Não gosto de ter chefes nem de ser chefe. Mas na vida os axiomas theoricos têm de se adaptar ás circumstancias. E muitas vezes tenho tido que obedecer e que ordenar. Porém comtigo não se trata de ordens. Venho aconselhar-te apenas. Depois, farás o que entenderes.

Sou avesso a que se pregue moral aos outros de um modo intransigente. Logo a observação revela ao admoestado que o discursador é o primeiro a não pôr em pratica a severidade que louva, e fica este desmoralizado.

E's quasi um rapaz. Tens obrigação de comprehender a linguagem da sinceridade.

Por isso não te direi: "Não mintas! a mentira é uma infamia, uma covardia!" Ha occasiões da existencia em que a mentira é necessaria, seja como salvação para a delicadeza, seja mesmo como derradeiro refugio de um interesse grave. Segue-se dahi que se deve mentir á vontade? Ao contrario.

Meu amigo, a palavra de cada um é sua moeda corrente. Existe a prata miúda que são as affirmativas, e os cheques importantes que são os juramentos. Não devemos baratear as primeiras nem abusar destes. Quem mente por habito é um pessimo negociante no mercado do mundo. Não direi que é um infame; e peor, é uma criatura pouco intelligente. Para aquelle ha esperança de arrependimento; para este, não. O contador de historias em pouco tempo perde o credito, é forçado a recorrer aos cheques porque as moedas que passa, por serem suspeitas, já ninguém as acceita. Sua situação torna-se má, pois quem repetidamente jura e dá a palavra de honra causa má impressão; além de que, arrastado pelo costume, em pouco desmoraliza tambem os cheques. Então é a bancarrota. Indigitado como mentiroso incorrigivel, ninguém mais o toma a sério, nem o quer para pessoa de confiança. E' um fallido na vida. Dizem que a honestidade é uma esperteza do negociante. Pois a sinceridade tambem é uma habilidade do ambicioso.

Sê escrupulosamente verídico. Si um dia precisares mentir, o credito de tua palavra te salvará de algum máo passo.

Teu irmão e amigo sincero. — *Fernando.*

UMA PROFISSÃO

Minha querida.

Não; tua mudança de vida em nada modificou teu caracter. A existencia monotona e pacata que ahi tens levado em Mendes, não apagou a chamma vivaz e irrequieta do teu espirito. Sempre a mesma, sempre irônica e alegre! O dia que passaste aqui deixou meu coração illuminado... e minha pobre razão esfarrapada...

Bem sabes que amo a ordem nos aposentos e a clareza nos pensamentos. Ora, tu, minha amiga, com teu riso e teus paradoxos, me desnorteias.

Quando te annunciei meu noivado, piscaste os olhos maliciosos e disseste: "Isso de feminismos é para as outras, não é Madina?..." Quiz explicar-te, expor-te minha situação... e já cantarolando te esquivavas, tomavas com uma pilhéria, e me beijavas como uma louquinha. Desisti. Não se lê á luz de fogo-fatuo. Não se prende borboleta com discursos.

Agora, porém, que a saudade está entre nós para te fazer ler minha cartinha até o fim, e já que um papel se não responde com... beijos, venho conversar comtigo.

Não, minha Dalita, não creias que reneguei minhas convicções. Apenas talvez nunca as comprehendestem. Porque pleteio sempre o direito do trabalho para a mulher, julgaste-me avessa ao amor. Abomino tudo que é convenção, preconceito fofo e injusto, mas o amor, querida, é quanto ha de mais natural, é um direito mais sagrado que o do trabalho.

A mulher que por ser instruída e corajosa se masculiniza, affecta desprezar o homem como hom[illegible] prega o isolamento e o celibato, é um monstro. [illegible] lha a seu destino, vira as costas á unica felicidade verdadeira que se pode esperar neste mundo.

Nunca fui inimiga da mulher unicamente mulher, vaidosa, meiga, amante de seus filhos e de seu lar. Apenas reclamo o direito áquellas que não o quizerem ou não o puderem. Porque o singular nisto tudo é que nós reivindicamos o direito apenas de dizer que somos infelizes. Theoricamente, se suppõe que todas as mulheres são ditosas, que todas são amadas e protegidas... e que vamos abandonar tantas regalias pelo orgulho inepto de nos proclamarmos livres, fortes etc... Já leste os "Miseraveis", pelo menos viste o film tirado desse romance — não? A pobre Fantine, para alimentar e dar remedios á sua filhinha, vendeu os cabellos, os dentes... e por ultimo o proprio corpo no martyrio da decadencia... Não seria preferivel que ella tivesse uma profissão, fosse qual fosse, telegraphista, conductora de bonde, que sei mais? E onde o ridiculo, si lançasse mão de taes empregos para dar pão a Cosette?

Vamos ser francas e pôr os pontos nos ii! A felicidade para a mulher é em primeiro logar ser amada, em segundo repousar neste amor si a realidade planetaria o permitte. Mas, falhando esse ideal — e elle parece que falha ás vezes, não é? — julgo preferivel para ella o trabalho por mais áspero que seja á esmola de parentes ricos e ao vazio de uma existencia inútil. Para aquella que por sua fealdade ou seu caracter exigente viu o amor lhe fugir na mocidade é melhor destino ser medica e salvar creancinhas da morte do que crear cães e gatos...

Quanto a mim... encontrei, creio, o ideal... Jorge e eu nos amamos sinceramente. Elle me pediu, não por orgulho ou intransigência, mas pela nossa felicidade, que renunciasse por emquanto a utilizar meu diploma. Disse-me porém que, si eu não encontrasse finalidade sufficiente para meu espirito no amor e no lar, em qualquer tempo estaria livre de tentar galgar os pinaculos da medicina. Mas eu não sou ambiciosa. Armei-me para o combate da vida, mas si encontro a paz, deponho as armas. Não me incita esgrimir contra um fantasma... o da gloria. Minha profissão agora é esta: ser uma mulher feliz. Emquanto ella render, não pretendo outra.

Beija-te affectuosa tua. — *Madina.*

ASPECTO da sessão solenne da Academia Nacional de Medicina, quinta-feira penultima, em que foi recebido o novo socio titular general Ivo Soares, illustre scientista e director geral dos serviços de saude do Exercito.

O flagrante que se focaliza na gravura acima é da «Tarde de Arte», realizada sabbado, no Instituto Nacional de Musica, em beneficio das moças cegas. Vêem-se ahi, entre outros, Dulce de Carvalho Araújo, Nina Cruz e Maria Sabino e Bastos Portella, nosso companheiro.

O 35.º ANNIVERSARIO D'"A NOTICIA"

A "A Noticia", o brilhante vespertino de que é director o notavel jornalista patricio dr. Cândido Campos, entrou, terça-feira ultima, no seu 35.º anniversario.

Diario de uma tradição honrosissima na imprensa carioca, pela elevação e nobreza de suas attitudes, nas campanhas memoraveis em que se tem empenhado na defesa da causa publica, dos interesses mais vitaes da nacionalidade, "A Noticia" é, hoje em dia, um dos orgãos mais autorizados da opinião brasileira.

Dirigida, norteada pelo espirito culto, pela intelligencia luminosa de Candido Campos, uma das mais vigorosas affirmações do jornalismo nacional — esse fidalgo da palavra escripta, de gestos e attitudes tão nobres como expressivas — "A Noticia" desfructa nos meios jornalisticos desta capital de uma situação de accentuado e prestigioso relevo.

FON-FON, cumprimentando sua digna e brilhante redacção, na pessoa de seu illustre director, formula sinceros votos pela crescente prosperidade do tradicional vespertino.

O Lyceu Literario Portuguez commemorou a 10 do corrente, com uma sessão magna, o 61.º anniversario de sua fundação.

LANTERNAS DE PAPEL

A BARRAGEM DE ORÓS

O capitão Arthur Barroso, official de longo curso da Marinha Mercante, actualmente servindo na frota do Lloyd Brasileiro, é o inventor de um apparelho destinado ao salvamento de submarinos submersos precariamente e das respectivas tripulações. O desenho desse apparelho já se acha com o sr. ministro da Marinha, a quem o capitão Barroso, antes de seguir para os Estados Unidos, onde presentemente se encontra, fez entrega do mesmo, offerecendo-o, com todos os direitos, ao governo brasileiro.

(Poema modernista, ou futurista — como quizerem...)

A ANTONIO GARRIDO.

O sangue do Ceará é azul
e escorre pela artéria aberta
do Jaguaribe
cantou o poeta.
O sangue do Ceará é azul
— porque é agua
A agua salvadora e santa
que faz verde o sertão
e alegra o gado e o sertanejo
e semeia de jitiranas rôxas
como uma tunica de santo
o panasco esmeralda dos cercados
O sangue do Ceará é azul
como é azul o céo do Ceará
Ha tres seculos
ha trezentos annos
trezentas vezes trezentos e sessenta
e cinco dias
o sangue do Ceará corre para o
[oceano
pela artéria aberta do Jaguaribe
Desde Pero Coelho — que a secca
[expulsou
desde Pinto Madeira
que morreu na forca
até o Accioly e o João Thomé
que inventou a machina de chover

* * *

Dia virá em que um sonho antigo
será realizado
e o sangue azul do Ceará
não correrá mais
Nunca mais correrá
Todo elle formará um lago
— o maior lago artificial do mundo
maior que o de Assuan
e do que todos os do Arizona
E todo o céo azul do Ceará
será copiado pelo açude
dos Orós

* * *

Nesse dia
a machina de fazer chover
irá para o museu

O dr. Mario Costa é o autor dos «Trocadilhos humoristicos», livro que acaba de ser exposto á venda nas nossas livrarias.

Riqueza — Fortuna — Gloria
Nunca mais o esqueleto dos reba-
[nhos
embranquecerá o leito das estradas
E um manto verde de folhagens
cobrirá o sertão alegre e forte
Agua — Agua — Agua — Agua
Um estendal crystallino
em que se mire
o arcabouço granitico das serras
Um espelho ondulado
em que se veja
o alto vôo branco
das garças elegantes
E o pio alegre das marrecas
encherá o trevoso céo das noites
Lá no fundo da lympha bemfeitora
do Cruzeiro do Sul as quatro es-
[trellas
farão o Pelo Signal
em quatro gôttas
de luz
— Credo — Cruz — Nunca mais
[vae haver secca

* * *

Engordarão os cavallos e os ho-
[mens
não se verão mais os gados des-
[cornados
os proprios cães
terão o que comer
E toda a urubusada
— Tingüis e anús e reis e camiran-
[gas
mudarão de terra duma vez
voando alto
silenciosamente
serenamente
com uma raiva damnada
sobre a toalha azul
do sangue estagnado
do sangue do Ceará
que não correrá mais
nunca mais — nunca mais

* * *

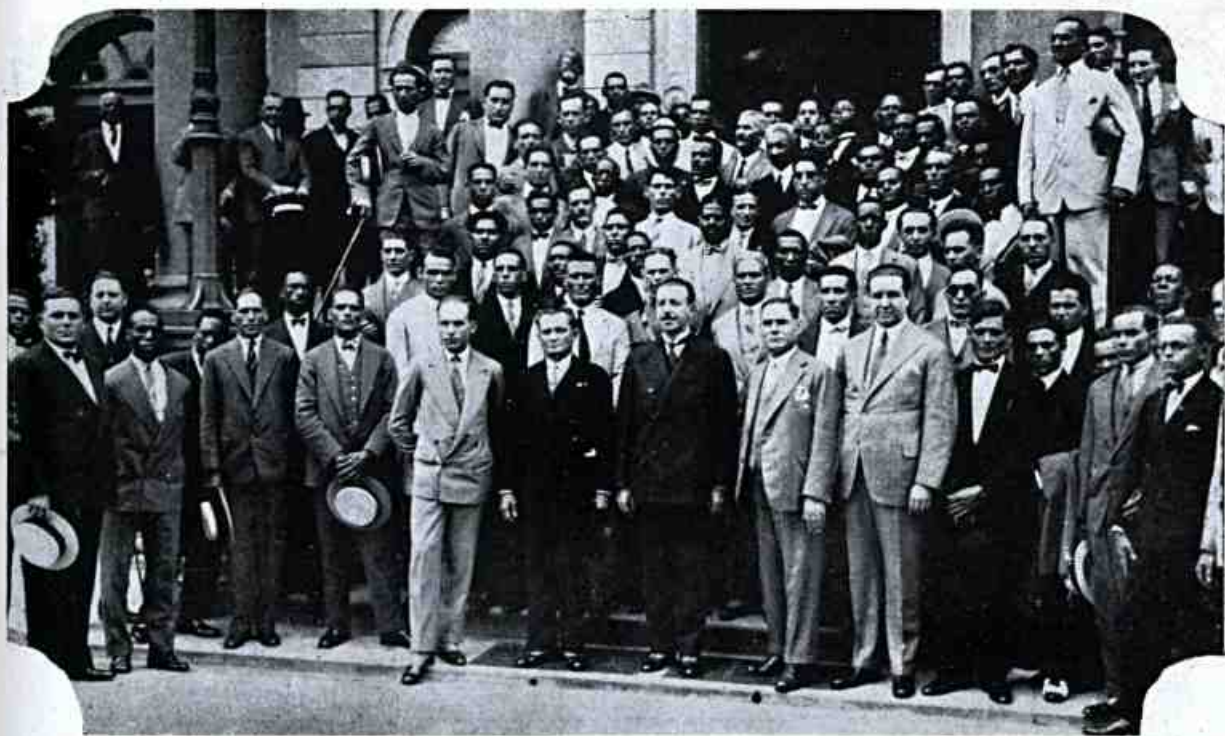
E a voz das velhas desdentadas
murmurará no fim das ladainhas
— Bemdito sejas, Orós, cheio de
[graça!

* * *

E o Ceará não será mais
a Terra do Sol

CLAUDIO FRANÇA.

«FON-FON» NO CEARÁ

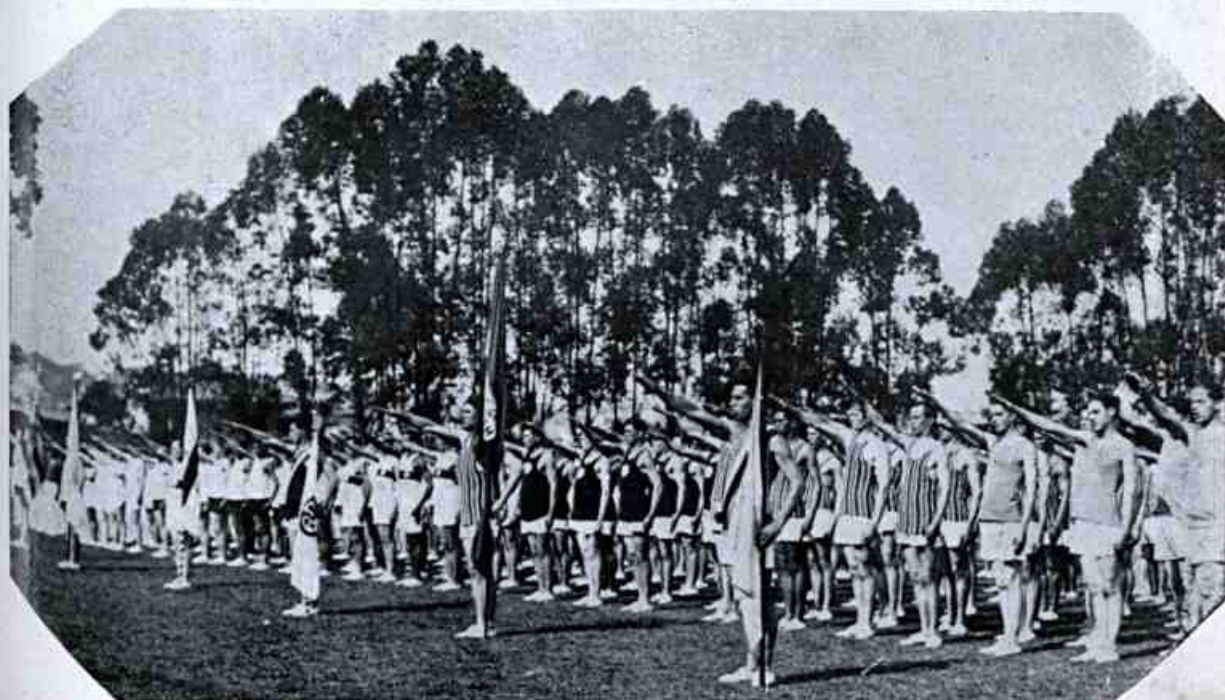
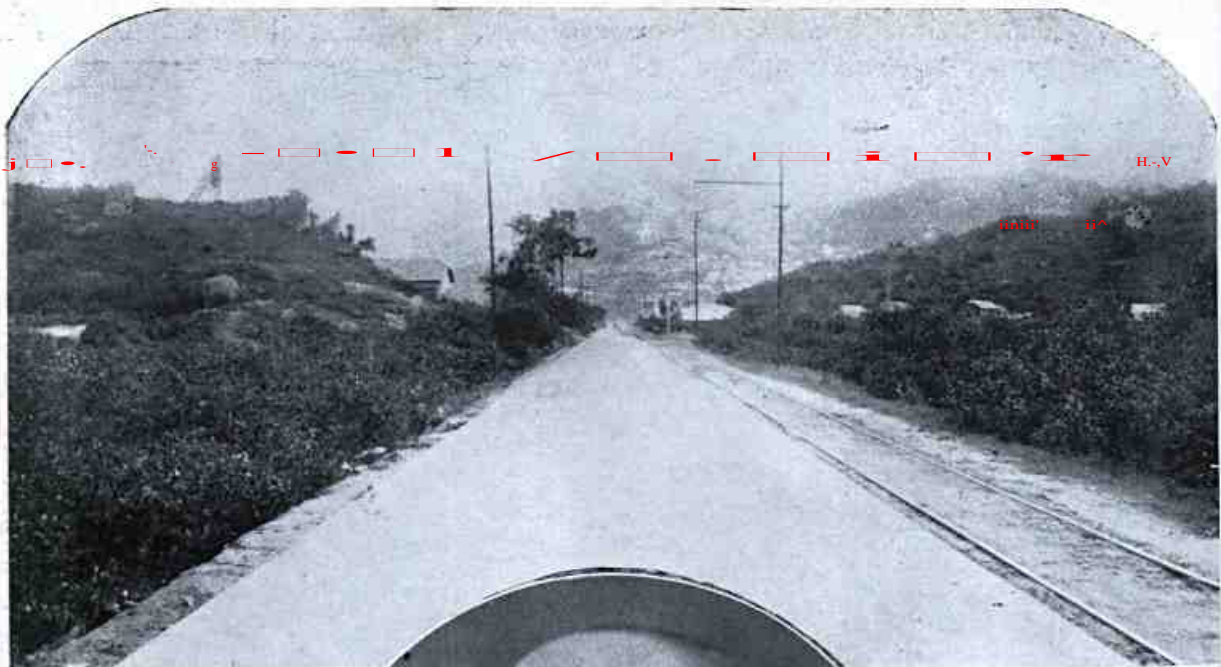
O sr. Efren Gondim, activo e competente cearense, figura de relevo no meio commercial de Fortaleza.

O presidente Júlio Prestes com os estivadores e operarios cariocas que, constituidos numa delegação das classes trabalhistas desta capital, e chefiados pelo seu companheiro Romulo de Castro, foram levar a s. ex., no palacio do governo do Estado de S. Paulo, os protestos de sua solidariedade e apoio á candidatura do presidente paulista á presidencia da Republica.

Lampejos

Sexta-feira, 13... Ah, a ironia do destino! Havia de ser num dia 13 e numa sexta-feira de setembro que os seus olhos me fitassem amargamente, sem a doçura que tantas vezes derramaram nos meus olhos! Havia de ser num dia aziago, duplamente aziago, que os seus labios se abrissem num rictus de desdém para aquelle que tantas vezes mereceu de você um sorriso de esperança e de amor!

Sexta-feira, 13... Eu sempre tive prevenção com o dia 13 e com a sexta-feira. E não sou supersticioso. Mas é que sempre me foram adversos e de máo augurio os dias 13. Sempre recebi delles as horas amargas que me têm enchido a vida.

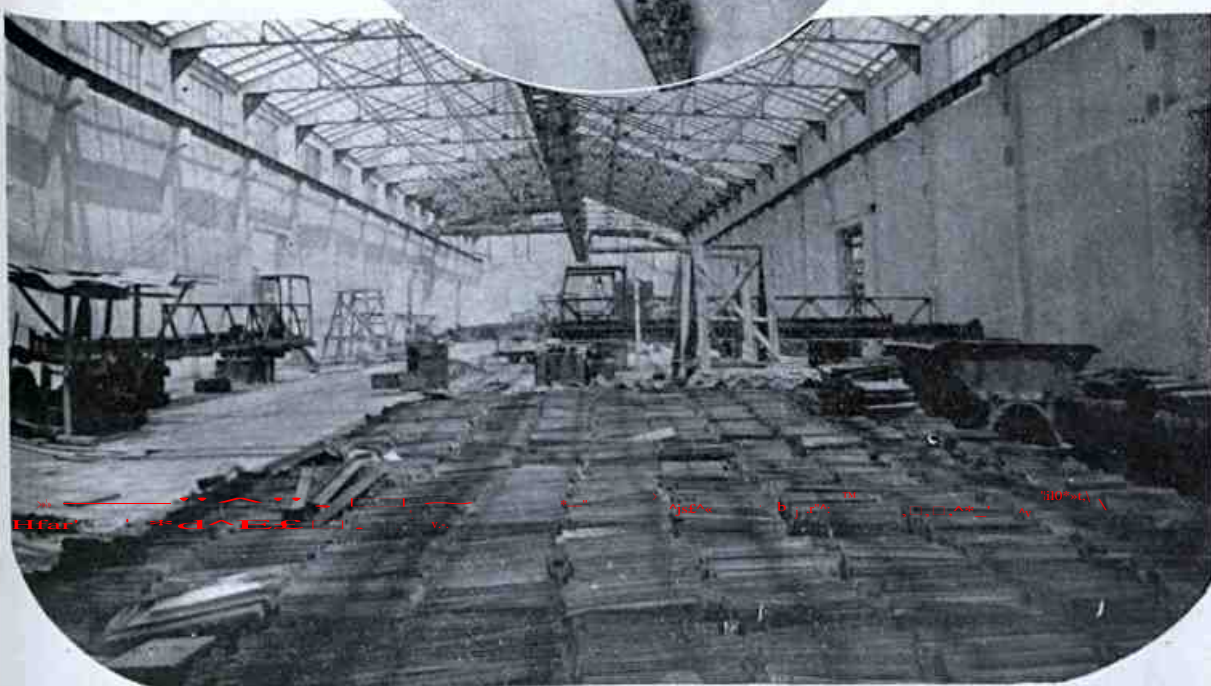
Havia de ser hoje, nesta sexta-feira fatidica, que eu teria de vêl-a triste e contrariada, sem que minha innocencia concorresse para isso. Quando eu digo que nasci para pagar a culpa alheia... Quando eu digo que a felicidade foge de mim...

Tudo me persegue na vida. Até a banal superstição do dia 13...

UM flagrante da cerimonia do juramento dos athletas das corporações militares no grande certamen de cultura physica realizado em São Paulo.

Coronel Aguiar Filho, illustre official do nosso Exercito e «leader» da maioria do Congresso E s p i r i tosantense. Tanto no seio das classes armadas como no exercicio das actividades novas daquella alta investidura politica se têm affirmado, de maneira cabal e eloquente, as suas notaveis qualidades de intelligencia, cultura e amor á terra espiritosantense, que já lhe deve grandes e assignalados serviços. O coronel Augusto Manoel de Aguiar Filho pertence a uma das mais antigas e illustres familias do Espirito Santo.

O Espirito Santo está cortado, em todos os sentidos, por numerosas, amplas e excellentes estradas de rodagem, das melhores construidas no nosso paiz. Tres grandes rodovias estão sendo construidas, neste momento, pelo governo Aristeu de Aguiar: a de Victoria a Linhares, a de Collatina a S. Matheus, e a de Victoria a Cachoeira de Itapemirim, cada uma dellas com a extensão média de 150 kilometros. A gravura acima reproduz um trecho da nova estrada da Praia, construida sob base de concreto.

A instrucção publica apresenta, no Espirito Santo, indices que a destacam entre as mais adeantadas e bem organizadas do nosso paiz. Sua população escolar é de mais de 50.000 alumnos para uma população total de 600.000 habitantes. Em menos de 6 annos o Estado duplicou o numero de suas escolas publicas, que attingem hoje a cerca de um milhar, facto decerto unico nos annaes do ensino primario no Brasil. As verbas reservadas á instrucção triplicaram nestes dois ultimos annos.

Victoria, situada numa das enseadas mais bellas e pittorescas do Atlantico, está sendo inteiramente remodelada e modernizada pelo actual governo, que, para isso, contractou um engenheiro e urbanista de reconhecida competencia, o dr. Raul Pessa Saldanha da Gama, professor da Escola Nacional de Bellas Artes. As obras do porto, o novo calçamento, as avenidas largas e modernas abrem á formosa capital capichaba novas e brilhantes perspectivas.

Dr. Aristeu de Aguiar, presidente do Espirito Santo. E' o mais moço dos presidentes de Estado em nosso paiz e um dos de mais operosa, efficiente e honrada administração. Eleito sem competidores para a chefia executiva do Estado, nesse alto posto se tem revelado um administrador energico, que está solucionando os problemas mais urgentes da vida capichaba. O presidente Aristeu de Aguiar realiza, no seu Estado, uma obra verdadeiramente notavel de progresso, de cultura e de enriquecimento geral.

O Estado do Espirito Santo é, de todas as nossas unidades federativas, a que contribue com um saldo mais avultado para a nossa balança mercantil. Importando apenas 12.347:000$000 e exportando 200.003:000$000, em 1928, elle apresenta, no seu commercio exterior, o formidavel saldo de 195.658:000$000, o que é summamente expressivo das excellentes condições economicas dessa prospera unidade federativa. A gravura acima representa o interior de um dos novos armazens do porto de Victoria.

TREPAÇÕES

LUIZ Eduardo, filhinho do maestro Edú Fontes e de d. Eva Maria Fontes.

O illustre diplomata vinha, de ha muito, requestando a formosa madame, com a seducção dos seus olhos escuros e aquelle seu gestinho de "conqueront" habituado aos prelios do coração.

Mas punha na sua conquista toda intelligencia para que não percebessem as suas intenções e madame não se comprometesse.

Acontece, porém, que amor não se esconde. E si o diplomata foi hábil em dissimulal-o, o que já era muito, o mesmo não se pode dizer de madame.

Por que? Por um motivo muito simples. Em certo baile elegante e de grande repercussão mundana, ella deu a perceber a sua paixão e o seu despeito quando elle a deixou para dançar, duas ou tres vezes, com umas galantes melindrosas que eram marca — "do outro mundo"...

Por ora, é só.

O caso foi muito interessante. O nosso heróe gosta de uma certa sulista. Elle tem mesmo um certo béguin por ella. Communicam-se quasi sempre, pessoalmente. Mas, ás vezes, são forçados a recorrer ao telephone.

Acontece que ha uma paulista no meio. Ha, não, havia...

Ora, o nosso galã recebeu, ha dias, um telephonema de São Paulo. Elle pensava que era a paulista, que lhe telephona sempre. Mas não era. Tratava-se de outra, não menos adoravel.

Deante disso, seria justo que elle deixasse de attendel-a? Não! Ficaram a palestrar: ella, de São Paulo, e elle daqui...

Perversa, a telephonista mette na linha uma *outra*, que ouviu toda a palestra.

Quando elle terminou, a *outra* manifestou-se, indignada, ameaçando romper. Sabem quem era ella?

A sulista.

Agora, o embrulho está aqui: a antiga paulista havia arranjado *outro* e brigára com o heróe; a nova quiz apenas dar-lhe um trote; e a sulista, revoltada com a leviandade delle, resolveu ausentar-se do Rio...

As mulheres! Vejam só como umas atrapalham as outras...

HA tanto caso amargo na vida...

Madame, que se casou aos vinte annos (e conta, hoje, apenas vinte e dois) está arrependida de não ter esperado mais alguns mezes, para poder casar por amor. O marido de madame é um homem bom. Mas não inspira á joven senhora aquelle affecto exaltado, de romance, que ella sente por certo moço a quem conheceu depois do juramento fatal aos pés do padre e deante do juiz.

Madame apaixonou-se pelo moço. E o moço apaixonou-se por madame. Um e outro sentem a mesma inquietude d'alma. Acontece, porém que, si o moço é desimpedido, madame não o é, e tem na sua frente, como uma espada de Damocles, o fantasma do dever conjugal.

O menino Eurides Gomes Ferreira, filho do sr. Antonio Oliveira Gomes.

LAERTE e Therezinha, filhinhos do industrial Pessio de Paiva e de sua exma. esposa, d. Ignez Bassetto de Paiva.

Nós imaginamos a luta que se trava no espirito de madame. De um lado, está o marido, delicado, affectuoso, bom. Do outro, se ergue a figura seductora do homem que, pelas suas affinidades com a linda senhora, havia sido feito para ella, porque tem todas as qualidades do esposo ameaçado e possúe ainda um predicado que vale tudo para uma mulher fina e profundamente emotiva: a intelligencia.

Dahi o amor vertiginoso que surgiu entre ambos, quando os seus olhos se encontraram numa curva da vida... E dahi a luta entre o coração e o dever.

Qual dos dois vencerá? E' o que o tempo ha de dizer. O tempo ou a fatalidade.

Um aspecto da visita dos embaixadores Souza Dantas, Rodrigues Alves e ministros Hélio Lobo, Lucilio Bueno e Muniz de Aragão, ao submersivel «Humaytá» e obras do novo Arsenal da Ilha das Cobras.

NUVEM!

Dispersa-se voluptuosamente sob a rajada do mysterio. Ella creou o paiz dos sonhos. E' a encarregada de fazer variar o panorama mystico. Creou as sombras e creou o amor. E' a eterna errante, a bohemia magica. Forma a aurora, mancha-se de carmim, envolve-se em peplos de oiro luminoso e tinge-se de vermelho. E' véo de noiva, depois flecha, leão, feixe de espigas, cabelleira, corôa de louros, sudario, e perde-se ao longe, muito ao longe, vaporosa, pallida, para apparecer em outras regiões salpicada de luz, sangrenta, tormentosa, toda vestida de negro.

Itainha do ar, fecundas a terra-mãe, adornas-te com o traje branco da aurora, tiras a allegoria á lenda biblica que formou o céo e divinizou a côr azul, és sagrada, porque vives na altura; és deusa, porque és adorada, mas és variavel e inconstante. Symbolizas o ideal. E's a ironia.

Pedro César Dominici

O professor Bruno Lobo e sua exma, senhora deram, domingo passado, em sua residencia de Ipanema, a recepção que annualmente offerecem, naquella data, aos universitarios cariocas.

UM grupo de generosas damas de nossa alta sociedade, tendo á frente as sras. Menge e Jeronyma de Mesquita, promoveu, com o auxilio da Cruzada Nacional contra a Tuberculose, e dos medicos e inspectores escolares, uma grande obra de assistencia alimentar ás creanças pobres de nossas escolas. Trata-se do «Copo de Leite», de cuja actividade reproduzimos um suggestivo aspecto apanhado em uma de nossas escolas publicas.

A ONDA

. . Alli vem a onda, a perfida, a filha caprichosa do velho ebrio. Estremece, é fragil como a nuvem e nervosa como a mulher. Vem i r i s a d a com sua franja alva de espuma, cantando a canção do naufragio, e, brincando e rindo, estira-se preguiçosamente sobre a praia e beija a areia. Mas o velho feito de sol enfurece-se e chama-a com sua voz rouquenha. Ella retira-se, atemorizada, melancolicamente, e se afasta para outras praias, emquanto o velho grunhe de ciumes.

Alli vem a onda, a perfida, a filha caprichosa do velho ebrio. Esqueceu já a areia que beijou ao nascer do dia. Esconde-se o sol e ella prosegue o seu caminho, brincando, rindo, com sua cadencia melodiosa, relampagueando prata. Para outra costa de morros muito verdes, onde ha carações, conchas, grandes penedos e molluscos que dormem.

Pedro César Domi...

UM aspecto da exposição annual de trabalhos executados pelos educandos do Abrigo Thereza de Jesus. Esse certamen realizou-se de 31 de agosto a 6 do corrente e alcançou grande exito.

SOMBRAS CHINEZAS

Photo film da Cidade

A O passar, um dia destes, pela Avenida, vi Melindrosa parada diante de uma vitrine em que se exhibiam vidros de perfumes de toda marca e qualidade. E' tão enlevada e fascinada estava, naquella contemplação, que sequer não percebeu minha approximação.

Uma mulher diante de um mostruario de perfumes, ou de jóias, ou de vestidos, é e será sempre uma creatura preoccupadissima, a resolver um dos mais sérios problemas de sua vida elegante e "chiquemente" futil. A resolver ou, ao menos, a manifestar o mais vivo e ardente desejo de poder tornar realidade a ansia que lhe palpita no intimo, trahindo-se, denunciando-se nos reflexos scintillantes do olhar.

Melindre, como se estivesse em extase, abstrahida de tudo que a cercava, corria os olhos de um para outro vidro de extracto fino. Observando-a bem, estudando-lhe a maior ou menor intensidade da chamma de caricia que seus olhos desprendiam, notei que o seu "desejo" vacillava, na escolha, entre a suave fragancia de um Nuit de Noël, a doçura de um L'heure bleu, a voluptuosidade de Un heure embaumée e a quente exaltação de Amour... Amour...

Sua alma — todo o seu sêr, bizarro e pequenino, mignon e souple — estava ali, a se desfazer naquelle anseio, naquelle desejo. A se desfazer e a se lhe evolar pelos olhos em extase, como um vidro de perfume aberto. E o cheiro bom, deliciosamente entorpecente, daquelle corpinho frêle e fresco, que eu tinha a meu lado, parecia-me rescender a uma mistura de todas as essencias finas e delicadas que o faziam palpitar e vibrar naquelle momento...

UMA vertigem de tentação assaltou-me, de súbito, a coração. O coração e mais alguma cousa. Perdi a cabeça e, aproximando as narinas abertas em folie, do hombro nú, fresco e empoado de Melindre, tomei-lhe o cheiro num sôpro quente de fauno.

— Atrevido!

E' uma mãozinha indignada, que não chegou a descer, fez-me um gesto ameaçador.

A professora Hilda Brizzi e suas alumnas senhoras Sylvio Piergili e Adriana Bezanzoni e senhoritas Julieta de Azevedo e Fernandina Marques, que tomarão parte no festival de arte em beneficio do Abrigo Thereza de Jesus, a realizar-se na noite de 24 do corrente, no Instituto Nacional de Musica, sob o patrocinio da senhora Bezanzoni Lage.

— Ah! Era você, Esaúzinho! Mas você está é doido, meu querido! Aqui, em plena Avenida, uma cousa dessas!

— Sim, Melindrezinha de meu coração... Ça... ce ne fut très à propos... Mas... tu cheiravas tanto; de teu corpinho gracioso se desprendia um odor de primavera em flôr, tão intenso, tão forte e entontecedor, que não me pude conter... E tú és o perfume de minha vida, Melindrosa: a primavera sempre florida e sempre cheirosa de meu coração...

— Esaúzinho, meu amor, sou, então, o teu "cheiro"?

— E's, sim, minha querida, o meu abençoado e suave "cheirinho" da minha flôr de tentação...

— Mon chat chéri...

— Ma petite chatte adorée...

E as nossas mãos, tremulas e quentes de caricia, se comprimiram, forte, fortemente...

ESCUTA, Esaúzinho, estava com tanta vontade de comprar um vidro de extracto... Os finos, os bons, são, porém, tão caros!

Escolhe-o, meu amor, ou antes, deixa-me que o escolha, pois ha muito te observava aqui, sem que o notasses, e sei qual o perfume que desejas, o que mais te tentou, o que intimamente preferiste...

— Ah, Esaúzinho, duvido, duvido que acertes! Se acertares é que és feiticeiro...

— Vamos entrar e verás se pedirei ou não o perfume que mais te fascinou.

E pedi, calmo, seguro de não errar: "Un heure embaumée".

Melindrosa, sorridente e feliz como uma creança, lançou-se-me nos braços, e pagou-me com um beijo o vidro de Un heure embaumée, que me custo a delicia de um "cheiro" roubado a seu hombro nú e aquelle beijo suave e quente ao mesmo tempo, que parecia conter o perfume de todas as horas embalsamadas deste e do outro mundo...

E ahi está como um cidadão de natureza pacata e timida, tentado por uma pelle fresca e macia de mulher, fica impregnado, até a alma, pelo olor éxquis de uma garôta encantadora e linda que estava "morrendo" por um vidro de Un heure embaumée...

Esaú & Jacob

cisão. Um leve tremor percorreu-lhe o corpo.

— Sim, em breve terás noticias minhas... Adeus...

* * *

QUANDO chegou em frente de casa, ao pôr a chave na fechadura, o coração começou a bater-lhe com desordenada precipitação. De uma janella lateral filtrava um raio de luz. Seu marido estava em casa! Havia voltado; esperava-a sem duvida...

Confusamente, pensou na velha bruxa de pouco antes, como a causa de tudo. Depois, decidiu-se, desafiando a propria presença de espirito. De qualquer modo, teria que entrar.

O homem alto, forte e rude, inclinado sobre a mesita do centro, limpava, á luz de uma vela, um enorme fusil, com um pedaço de panno molhado no azeite. Quando ella entrou, levantou a cara grosseira e selvagem, mirando-a um segundo; depois, proseguiu o trabalho, sem proferir palavra.

Marisa sentiu-se horrivelmente perturbada com aquelle silencio ameaçador. Tomou, porém, a attitude mais natural possivel.

— Como! Já voltaste? — perguntou-lhe.

— Estás me vendo? — respondeu elle, sem levantar a cabeça.

— Si soubesse, não teria sahido... Ter-te-ia esperado.

Esperou uma resposta que não veiu, e continuou:

— Estive em casa de Micaela, cosendo...

O homem não respondeu; Marisa, porém, viu claramente uma especie de sinistro e feroz sorriso deformar por um instante aquelle rosto bronzeado.

Teve medo. Comprehendeu que não devia acrescentar palavra. Aquelle homem, todavia, nada sabia de positivo, mas suspeitava..., tinha a intuição..., estava resolvido a descobrir..., a saber. O perigo, tanta vez presentido, ora estava imminente. Precisava defender-se, fosse como fosse...

Silenciosa e passiva como uma automata, foi dormir, sem abrir os labios, medrosa de provocar a tempestade, que estava para desmoronar sobre a sua casa.

* * *

NA manhã seguinte, quando o marido sahiu em companhia de outros lenhadores para o bosque distante, Marisa sahiu tambem de casa. Queria ver Roman, falar-lhe, prevenil-o. Mas não o encontrou. Quem sabe si não estaria pelas montanhas ou a pescar, no rio?

A SALVAÇÃO

(Continuação da pagina 13)

Voltou á casa nervosa, irritada, com o cerebro cheio de idéas sinistras. Seu instincto re inado de mulher apaixonada dizia-lhe que o perigo se aproximava a passos gigantescos. E a victima era Roman, seu amor, como elle mesmo havia prometido e dito... Ah, não! Isso não! Ella saberia salval-o...

Veiu a noite dessjada e temida. Do marido, nenhuma noticia. Voltaria á hora da ceia? Passaria a noite no bosque, como tantas outras vezes? Estaria, acaso, escondido por perto, espiando-a? Felizmente a espingarda estava em casa, no logar do costume.

Roman devia estar esperando por ella na cabana, como todas as noites. Mas como arriscar-se?... A' medida que o tempo corria, augmentavam-lhe a ansiedade e a irritação. Comeu pouco, de raiva. Depois encostou-se ao humbral da porta, sempre indecisa e nervosa...

— Ora! — disse, finalmente. — E' a ultima vez; vou arriscar...

Entrou novamente, cobriu a cabeça com o chale de lã e sahiu com precaução. A cabana estava proxima e Marisa considárava-se já segura, quando, de repente, a uns cem passos, viu destacar-se uma sombra, do tronco de um grosso salgueiro, e encaminhar-se para ella, vindo ao seu encontro com a intenção evidente de identifical-a. Era a velha bruxa. Marisa sentiu um impeto de raiva subir-lhe ao rosto. De subito, pareceu comprehender: seu marido precisou ficar ausente, mas deixou alguem incumbida de espial-a.

— Bruxa do inferno! — não poude deixar de pronunciar.

Mas encaminhou-se apressadamente para a cabana, já sem a preoccupação de ser vista. Roman esperava-a e o colloquio, aquella noite, foi breve e decisivo.

— Ouve — disse-lhe Marisa, em seguida, com firmeza —; tens que fazer o que te disser, sem hesitação. Ao vires hoje para cá, tomaste as precauções de costume?

— Sim.

— Lá fóra, está a bruxa Petronilha. Estás certo de que ella não te viu?

— Certissimo. Sabes que sempre desconfiei della.

— Mas, por que?

— Porque nos espia. E' preciso que não venhamos aqui, nunca mais, e, não só isso, mas tambem precisamos deixar de nos ver por espaço de alguns dias. E' imprescindivel... Procuraremos outro sitio. Mas, até que eu te avise, não deves dar signal de vida. Falo serio... Tens que proceder assim...

Todos os protestos, todas as objecções foram em vão. A dominadora, como sempre, foi ella: prev[illegible] eeram a firmeza e a energia de u caracter.

— Deves obedecer-me... Em nome do nosso amor...

E elle prometteu obedecer. Era por seu amor. E obedeceu desde logo, quando ella propoz que se separassem já.

— Já?

— Sim; um minuto mais aqui dentro, poderia ser-nos fatal...

Separaram-se um pouco preoccupados e Marisa não tardou em chegar á casa, sem nenhum mau encontro. Mas dormiu pouco e mal! em constante agitação.

* * *

MUITO cedo, pela manhã, sahiu á rua como no dia anterior. Procurava alguem, disfarçadamente. E aquella vez, a sorte veiu em seu auxilio.

— Bons dias, Marisa — murmurou ao seu ouvido uma voz humilde e conhecida, que a fez estremecer, apesar de estar preparada.

Voltou-se com affectada surpresa.

— Oh, tu!

— Sim, Marisa... eu...

— Que fazes por aqui?

— Não sei; estou aqui por casualidade... talvez porque tinhas de passar por aqui...

Ella sorriu ligeiramente.

— Vou ás compras — acrescentou, depois de breve pausa, para dizer alguma coisa.

Mas o outro, sem prestar attenção áquellas palavras, interrompeu-a?

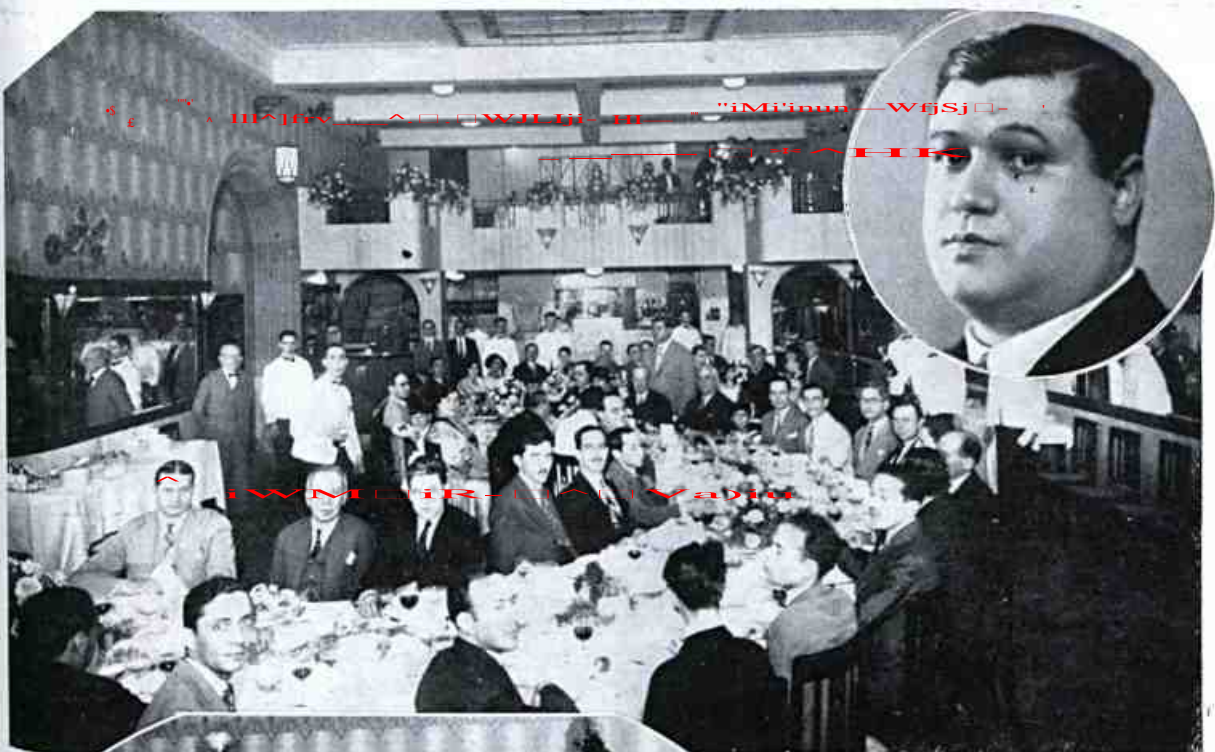
— Ha duas noites que não durmo, desde a outra noite, recordas-te Marisa?... Tenho-te deante dos olhos a todo momento, penso continuamente em ti... e não tenho socego...

— Voltas ao mesmo caminho?

— Não, si m'o ordenas... Porém, não deves ser má. Eu desejo falar-te, unicamente falar-te. Sinto que falando-te, seria mais feliz... Ouve-me. Depois farás o que entenderes, e tambem eu farei o que quizeres... Mas ouve-me pelo menos, peço-te...

Ella baixou a cabeça, como que perplexa e emocionada, emquanto elle a devorava com os olhos.

— A esta hora e neste sitio, não é possivel... — respondeu Marisa, com voz suave e lenta.

(Conclue na pagina 62)

Um acontecimento de vulto teve logar no dia 14 do corrente, com a inauguração do «Restaurant Tourist», de propriedade do conhecido negociante Francisco Costa da Silva, sito á rua Senador Dantas, 26. Ao acto inaugural compareceram representantes da imprensa e mais pessoas gradas, aos quaes foi offerecido um lauto almoço. As nossas photographias representam: Aspecto geral do salão, por occasião do almoço intimo. — O bispo d. Mamede, ladeado do proprietario, sua esposa e vários convidados, logo após o baptismo do estabelecimento. — Grupo de pessoas presentes á inauguração. — No medalhão: o negociante Francisco Costa da Silva.

— Oh, comprehendo perfeitamente! — disse elle, fóra de si. — Mas, quando e onde?... Fala, dize-me...

Marisa parecia presa de grande emoção, que não conseguia disfarçar.

— Sou uma pobre desgraçada — acrescentou ella, com voz incerta e olhos baixos. — Acho-me muito só... Meu marido é um homem, sabes bem, um homem que...

Parecia outra. Toda a sua tranquilidade se havia dissipado. Suas mãos tremiam convulsivamente. Elle, já ebrio e dominado pela alegria do que considerava a sua conquista, proseguiu falando, cheio de enthusiasmo. Falou com verdadeira emoção. E, por fim, a anhelada promessa chegou. Foi feita com um fio de voz, tremula e incerta. Elle mesmo não dava credito aos proprios ouvidos.

— Todas as noites, uma hora depois das Ave-Marias..., vinha á abana de Milone... Não sei quando poderei ir... talvez esta noite... talvez amanhã de noite... Logo que me sinta livre...

— Comprehendo!! Não temas; irei

A SALVAÇÃO

(Conclusão)

todas as noites... Não me cansarei...

Depois, Marisa, sem tornar a olhal-o e sem acrescentar palavra, com o rosto todo em fogo e com batidos no coração, ouviu rapidissima, quasi medrosa de que pudesse transparecer o seu pensamento.

* * *

MARISA havia dito:

— Talvez esta noite... Talvez amanhã...

Porém foi aquella noite mesmo!

Ao meio dia, seu marido, pouco depois de regressar, perguntou-lhe com aspereza:

— Vaes novamente, esta noite, coser em casa de Micaela?

Surpresa com a estranha pergunta, tão imprevista, ella respondeu machinalmente:

— Sim.

— Pois não — retrucou elle, com energia. — Hoje á noite não sahirás de casa; devem trazer umas encommendas que fiz...

E sahiu com a espingarda ao hombro, sem que ella lhe objectasse nada. Mais tarde, ao escurecer, voltou para cear; sentou-se, comeu vorazmente, com o rosto impenetravel e duro. Depois tornou a sahir, sempre silencioso e sempre armado da espingarda...

Mais tarde ainda, já noite fechada, quando tudo era silencio e escuridão, uma sombra deslisou através as arvores e dirigiu-se, com cautela, á cabana solitaria e abandonada.

Porém, os olhos que, de repente se illuminaram, tornando-se de fogo, seguiram aquella sombra, sinistramente, num impeto de terrivel ferocidade e vingança. Depois, ouviu-se forte detonação, cujo écco repercutiu longamente pela campina, até perder-se...

E, sem um grito, aquella sombra cahiu...

(Traducção de Mario Poppe)

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

CRUZADA DE COOPERAÇÃO NA EXTINCÇÃO DA FEBRE AMARELLA

APPELLO AS DONAS DE CASA

AINDA se vêm encontrando fócos de mosquitos em latas inuteis, deixadas ao abandono nos quintaes, ou em terrenos baldios, para onde, muitas vezes, são atiradas.

A Cruzada appella para as donas de casa, pedindo-lhes que façam reunir as latas em um só logar, no quintal, para que os "mata-mosquitos" as encontrem facilmente, para removel-as.

A Cruzada pede, ainda, que não se permitta atirar latas nos capinzaes e moitas, pois, assim escondidas, mais facilmente podem escapar á attenção dos "mata-mosquitos" e em pouco tempo serão novos fócos de estegomias.

Attendendo a este appello, as donas de casa prestarão um grande serviço a favor da saude e do bom nome da nossa Cidade.

O que distingue a casa A. DORET das outras casas de cabelleireiros — a clientela escolhida que frequenta ha vinte annos seus salões.

Os penteados A. DORET são sempre originaes e elegantes.

Os cabellos tintos ou descoloridos nunca são resequidos; são sempre lustrosos e macios, nunca perdem a ondulação natural.

A pessôa que trata sua cutis na casa A. DORET nunca tem espinhas, poros dilatados, cravos, etc.

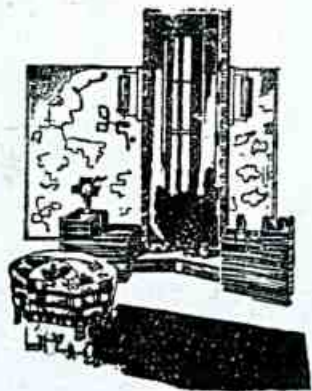
Usem sempre os productos A. DORET, quer para os cabellos, quer para o rosto.

Seguindo os conselhos de A. DORET nunca vos arrependereis.

A Casa Doret é e será sempre a primeira e a melhor casa de cabelleireiro do Brasil. — 5, rua Alcino Guanabara, — 5, Tel. C. 2431

RIO DE JANEIRO

LAUBISCH - HIRTH

Moveis de distincção e decoração geral de interiores

Fabrica:

RUA RIACHUELO, 81-87

Telephone Central 4754

Ender. Telegr., «RIOMOVEIS»

Exposição do Centenario

GRANDE PREMIO

Exposição e venda:

RUA DO OUVIDOR, 86

Telephone Norte 3128 Tapeçaria: Central 5170

Com importante stock de nossos fabricados, sedas, cretones, tapetes orientaes e europeus, cortinas, etc.

Ender. Telegr. «MOBILART»

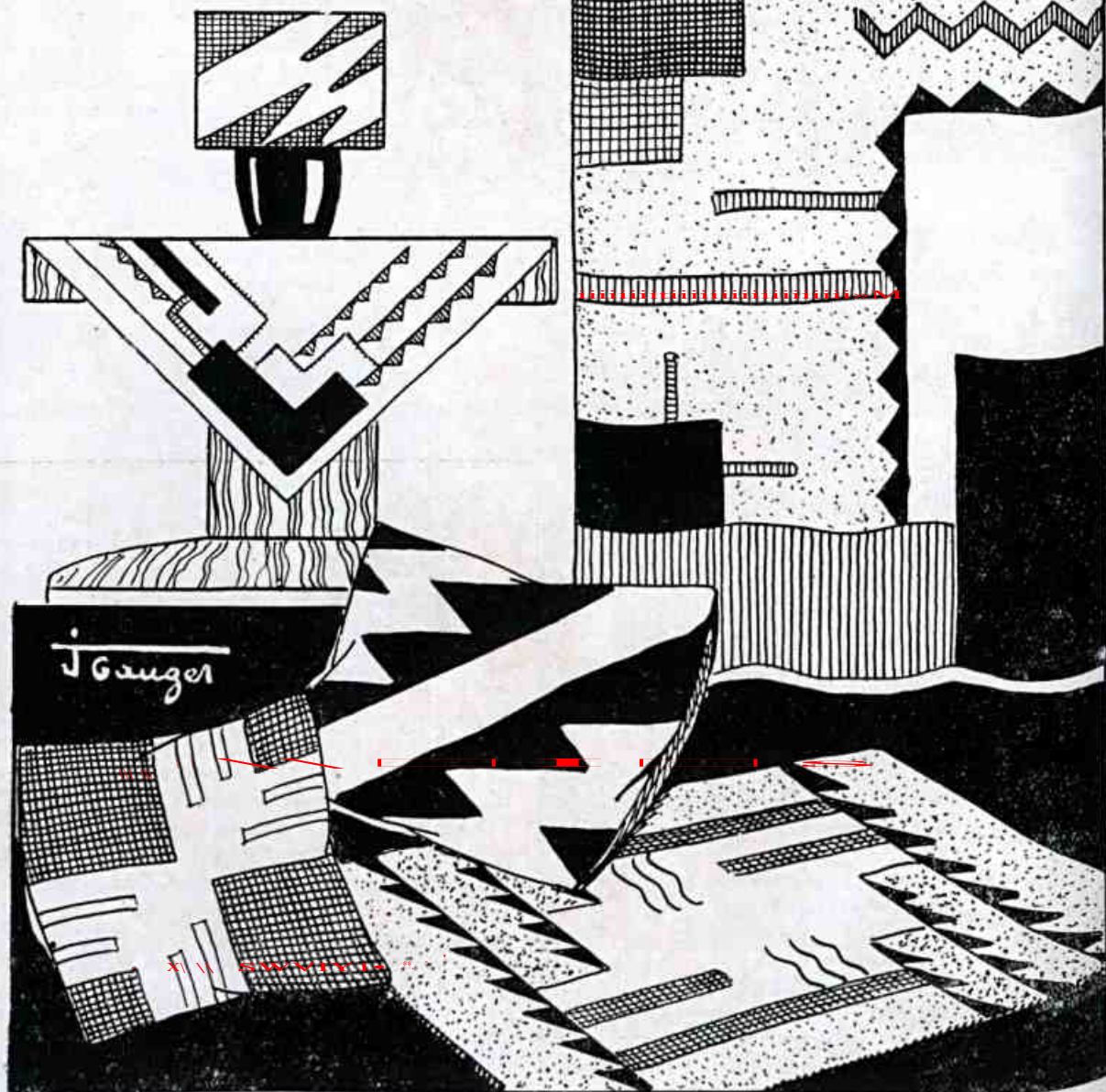
VOSSA APPARENCIA PESSOAL MELHORARA' NOTAVELMENTE SI O VOSSO CABELLO E' BEM CUIDADO — LUSTROSO E SEMPRE BEM PENTEADO. EVITAE A CASPA E QUÉDA DO CABELLO COM O USO DIARIO DO

TRICOFERO DE BARRY

UNICOS EPOSITARIOS:

Sociedade Anonyma Lameiro — Rio

VARINHA DE CONDÃO

INCRUSTAÇÕES MODERNAS — Succede, ás vezes, que o pó, uma goteira inesperada ou um insecto mal-criado manchem e estraguem uma cortina ainda em bom estado. Tambem acontece que uma almofada se rasgue sob as unhas de um gatinho de luxo, os dentes de um cão de raça, ou as mãosinhas impacientes de uma criança. Nesse caso, o moderno systema de largas applicações de tamanhos e côres variegadas é um excellente meio de se renovar esse objectos com pouca despeza. Esse tambem é um processo engenhoso para o aproveitamento de retalhos de seda, chitão ou veludo, que a sós não chegam para um emprego util. Com os desenhos ousados e futuristas, todas essas fantasias são permittidas. Completa-se o conjuncto com um tapete tambem adornado de incrustações semelhantes, um vistoso panno de mesa e um abat-jour de dois tecidos em listas irregulares.

FUTURAS MELINDROSAS — Eis no centro da fig. 1 uma garôta de ar decidido; de mãos nos bolsos, o olhar firme, não será ella por certo, do que dobrará a cerviz ao jugo de um marido tyranno e impertinente. Mas, por emquanto, ainda não cogita, por certo, de assumptos tão serios; e talvez todo seu empertigamento não passe de uma justa faceirice pelo bonito vestidinho que traz. Neste caso, em vez de uma futura feminista temos em sua galante pessoinha uma futura melindrosa... o que não é bem a mesma coisa. Talvez até ás vezes seja o opposto, embora outras tantas essas duas tendencias coexistas numa só e mesma filha de Eva. As mulheres são tão complicadas!

Mas deixemos de conversa e digamos logo ás leitoras que por certo já estão impacientes de que é feito o tal vestidinho causador de tanta digressão. Eis: é simplesmente de zephir azul e branco, enfiado sobre umas tiras de voile branco e arrematado por uma gravatinha branca.

Tão simples e parecia tão importante! Mas é assim mesmo. Para criança quanto mais singelo o traje mais engraçadinho, não acham?

Agora, para as outras duas futuras melindrosas, já mais proximas de o serem, o caso muda de figura. Ellas já cresceram bastante e as mamãs ficam um pouco atrapalhadas para vestir seus corpinhos de doze e de onze annos, longos e desageitados. Mas dessa vez acertaram. Eil-as bem arranjadinhas, uma com seu costumezinho de flanella vermelha enfeitado de cadarço branco com um interessante colletinho branco. A jaquetinha solta encurta e disfarça a silhueta. Tambem ficaria interessante esse costume realizado com linho, para o verão.

A outra traja um vestido de voile amarello com encrustações transversaes branca e azul marinho, marcada por um cintinho de pellica branco. Saia plissada. Tambem esse vestidinho dá graça a um talhe magro de mais.

Fig. 1

FLORES DE TECIDO — Depois que as elegantes se habituaram á graça delicada e singela de uma flôr completando o encanto de certas *toilettes*, não mais têm querido desistir della. As flôres variam de material, são de lã, de pellica, de plumas, de gaze, estão mais em furor ou surgem mais discretamente, porém nunca foram inteiramente abandonadas. As ultimas apparecidas são pretas e brancas, num contraste interessante e discreto. São de crêpe da china formando pequenos amores-perfeitos, como na fig. 2, de velludo como na fig. 3, imitando um cheiroso cravo, perfumado com essencia dessa flôr, e servem para os trajes de passeio, sobre o peito, de um lado, ou na lapela, de um costume. Tambem se fazem de petalas transparentes de musseline preta e branca, como na fig. 4, nesse caso completam os vestidos de noite.

Fig. 2

Fig. 3

Fig. 4

Precedente

Por HORMINO LYRA

O senhor Washington Luis (Luis com s, consoante a orthographia s c i e n t ifica) antes de ser presidente da Republica, presidente do Estado de S. Paulo, em cujo cargo teve o escrupulo de crear um Tribunal de Contas, afim de fiscalizar a despeza estadual, porque na administração de sua excellencia quem rouba vae em direitura para a cadeia, e, antes de ter sido prefeito paulistano, foi secretario da Segurança Publica, no governo do alagoano Albuquerque Lins, — quando deu prova manifesta da sua energia inflexivel.

Ainda nos está na memoria a chegada do 52º de caçadores á Paulicéa, onde não existia um só batalhão do Exercito. Naquelle tempo, os boateiros e toda a gente só falavam em intervenção federal em São Paulo. Preparava, por isso, o illustre secretario da Segurança a reacção contra o modo por que diziam pretender o governo da União humilhar o Estado leader, e, afim de receber o cartão de visita enviado pelo marechal-presidente, de accordo com o general chefe do P. R. C., formou, poz em ordem na Varzea do Carmo e Avenida Tiradentes cerca de dez mil homens de todas as armas, ou quinze mil, como se affirmára, entre os quaes marcharam os quatrocentos e tantos do 52.º, todos attonitos, assombrados de coisa tão inesperada, em se tratando de força publica estadual.

Porém... não é de politica, nem de politicos, nem de slodados que vimos tratar; é de um cãozinho que illuminou o espirito do prosador meão, suggerindo-lhe estas *mal traçadas*...

Quando o sr. Washington Luis foi prefeito da capital paulista, tinha um amigo que possuia um cãozinho. Certa vez, é este caçado e levado na carrocinha para o deposito. E o amigo do senhor Washington, cujo nome não declinaremos, correu até lá e exigiu a entrega do cachorro sem pagametno da multa, sob o supposto, o apparente motivo de ser amigo intimo do prefeito.

A pessoa que chefiava o serviço, certa da integridade do chefe supremo, aguentou a mão: satisfeito o pagamento da multa, sahiria o recluso; era isso regulamentar, portanto seria escusado discutir-se mais o assumpto.

Correu o reclamante para a casa do governador do municipio, aondo foi protestar contra o imaginario attentado e onde foi immediatamente recebido.

— Sabes, Washington, que me traz aqui?

— Prazer terei em o saber.

— Meu cãozinho foi caçado hoje, e não m'o querem restituir sem pagamento da multa! Teria graça; eu, amigo intimo do prefeito, pagar multa! Teria graça... não achas?

— Está bem. Não ha duvida. Espera um pouco.

A sorrir, escreveu um cartão e entregou-lh'o:

— Leva este cartão e entrega-o ao encarregado do serviço.

Agradeceu-lhe a gentileza, foi-se embora ás pressas, chegou ao deposito, entregou o cartão ao destinatario, recebeu o cachorro. Em seguida, sahiu o indiscreto amigo do prefeito a buzinar o grande feito, afim de demonstrar a sua grande importancia, o indiscutivel prestigio no municipio paulistano e foi que chegou o caso ao conhecimento de um discreto jornalista.

Este, com pezinhos de lã, procurou o homem do deposito e falou-lhe assim:

— Vocês aqui já entregam cães sem pagamento de multa?

— Não, senhor.

— E o de fulano?...

— Foi paga a multa.

— Pagou?... Elle?! Não é possivel!

— Elle, não; mas alguém, por elle.

— Assim não levou vantagem, porquanto não fazia questão do dinheiro, senão do desaforo, por ser amigo intimo do prefeito.

Viu o canhoto do recibo e soube que o senhor Washington mandára extrahil-o para elle, prefeito, pagar, afim de se não abrir máu precedente...

Nos cinemas da Avenida

A MALA DA CALIFORNIA

DA FIRST-NATIONAL

Cinema GLORIA — Um film que a First esqueceu, isto é, esqueceu de tirar do seu repertorio. A velha marca americana tem-se imposto, ultimamente, por trabalhos de alto merito, de modo a dever deixar ficar este lá n'um cantinho. Não diremos que seja uma nullidade, não. A parte technica, por exemplo, é agradavel e não ha senão que conceder-lhe elogios. Mas é só. Ken Maynard perdeu o equilibrio. Não faz mais nada.

Cotação — SOFFRIVEL

COHEN E KELLY EM APUROS

DA UNIVERSAL

Cinema PATHE' — Uma pellicula que devia ser levada em pleno verão, tal é a sua frescura. Batendo um thema já bastante cansado, a Universal conseguiu assim mesmo dar-nos uma comedia alegre, com bastantes attractivos de plastica feminina, e com umas scenasinhas um tanto nada carnavalescos, que divertem. Certo não pretendeu com esta futilidade acrescentar mais louros ás tradições dos seus "studios"; é um verbo de encher com que se divertirá um publico que não seja muito exigente.

Cotação — SOFFRIVEL

RIO DA VIDA

DA FOX

Cinema PATHE'-PALACE — E' d'um symbolismo encantador e elevado este admiravel trabalho da Fox-Film. Com um scenario cheio de realidade e de belleza; com uma interpretação superior (o melhor trabalho de Charles Farrell); com uma technica que se póde considerar a melhor do mundo; com um cuidado e um gosto inexcediveis na escolha dos themas musicaes, espiritual e inspiradamente identificados com a acção; esta pellicula é das que marcam na existencia d'uma firma productora, mesmo quando

ella tem as tradições honrosas da Fox. Ao fazer-se a resenha dos grandes films d'este anno *Rio da Vida* ha de ser dos primeiros a ser lembrado.

Cotação — OPTIMO

A GRANDE AVENTUREIRA

Cinema RIALTO — Film europeu de assentuada elegancia de ambiente e de figuras. D'aqui o agrado natural que elle desperta no publico. Ha muita gente que prefere a um trabalho de sensação um film de requintes sociaes. Em geral essas pessoas são as que sonham com esses ambientes ou que não podem viver por falta de recursos. A par d'esse chamariz, o film traz-nos uma bôa interpretação de Lily Damita e Georg Alexander, este melhor que o amor. O enredo tem situações até certo ponto inverosimeis, mas marca como uma expressão da vida moderna.

Cotação — BOM

MORTO QUE RI

Cinema GLORIA — Pirandello é um dos auctores modernos que mais sente e applaude o cinema, ou mais propriamente, a arte cinematographica. E' logico. Todo o seu theatro se ressente da influencia da arte do movimento real, do imprevisto, da observação psychologica. Mas se é verdade que o seu theatro é bem um theatro do nosso tempo, do tempo do cinema, não é menos verdade que nem todo o seu trabalho é adaptavel á téla. Este, uma conhecida e audaciosa comedia do grande comediographo valorizou-se na téla pelos novos elementos de vida que a arte dos "studios" lhe trouxe. Da interpretação salienta-se Mosjoukine.

Cotação — SOFFRIVEL

OLD ARIZONA

Da Fox

Cinema PALACIO — Trabalho excellente pelo colloride local, pelo ambiente cheio de vida e de verdade; sensacional pelo argumento romantico, mas cuja superioridade está principalmente na interpretação, sobrelevando a todos Warner Baxter, que nos deu uma figura de encanto, de belleza e de verdade. A synchronização, muito perfeita, augmenta o valor da pellicula, porque a musica tem inspiração e Baxter canta com arte e sentimento. Trata-se, pois, de um bom film, com que a Fox conquistou mais um triumpho, merecedor de justissimos applausos.

Cotação — BOM

Uma Carta

"*LIANE* — Deixe-me, querida noivinha, depositar neste papel uma confissão que não ousaria fazer de alta voz. E eu a emprehendo unicamente impulsionado por aquella lhaneza que você se acostumou lobrigar em todas as minhas acções.

Lembra-se do dia do meu natalicio? Do mimoso presente que você me offertou? Pois a medalhinha, com a effigie do santo do meu nome, que eu lhe prometti trazer para sempre dependurada ao pescoço, tem uma pequena historia, que dá origem a esta carta.

Todos nós, os que conservam ou têm na personalidade o espirito religioso nos bons tempos da infancia ou da adolescencia, sentimos, de quando em quando, um estremecimento mais ou menos forte na fé inicial, na crença ardente e sincera que nos bafeja a alma.

Atravessava eu, então, um desses periodos. Desanimado de constatar, no meio em que vivia, uma virtude e uns sentimentos que me pareciam indispensaveis a todos quantos se jactavam de ser moralizados e probos, honestos e vanguardeiros do bem, sentia decrescer paulatinamente o proposito bom que antes, á primeira vista, me fazia entrevêr sempre e apenas o lado desejavel dos actos humanos, não admittindo ou não tomando conhecimento do aspecto deploravel delles, sinão após prova farta, muito esforço e até certo constrangimento sobre minha individualidade. E esse desanimo foi gerando em mim a convicção de pouco apreço que, em verdade, se tributa ao caracter illibado, á moralidade sem jaça, á integridade inatacavel. Ia comprehendendo que, no mundo, só e só a apparencia é que determina a consideração.

O homem não precisa ser respeitador das leis humanas e divinas; basta dar a impressão de que o é. O ladrão encasacado é bemquisto, acolhido com toda a deferencia, ao mesmo tempo que se enxota o maltrapilho virtuoso, eis que este não é bem apessoado nem sabe illudir ou disfarçar a miseria que lhe entrou pela vida.

Muito moço e idealista, dotado de sentimentos puros, calculava que, em occasião alguma, o mal seria o triumphador do bem, que o crime e o peccado seriam os vencedores na refrega com o direito e o merito, sobrepondo-se a estes impunemente, arrogantes, cheios de entono.

Verificando, porém, a realidade das cousas, aquella minha caudura e ingenuidade privativas, concomitantemente com a descambada da crença, foram cedendo terreno ás accommodações da existencia e ás razões ponderosas do seculo...

Encontrava, entretanto, para a progressão rapida em caminho tão confortavel mas tambem prenhe de espinhos para a dignidade, um obice, um obstaculo que, ás vezes, não ousava transpôr: era o pesar que eu lhe causava, adorada noivinha, com as transigen-

POR

A. EGYDIO

...ias a que o positivismo reinante me obrigava, com os successivos abalos na fé, que herdei de meus paes, e com a qual você se comprazia bastante ao me vêr exercital-a.

Não estava, todavia, em mim, na propria feitura interna do meu sêr, dissimular, occultar o atheismo infiltrante e absorvente, o negativismo completo de uma divindade justa e equitativa. Sabia que, ostentando essa face anti-religiosa, eu lhe era profundamente desagradavel, eu lhe fazia penar, meiga Liane. Mas confiava na affeição que nos prendia, na corrente de amor e sympathia que, desde crianças, nos trazia e traz presos os corações. Ainda mais: parecia-me impossivel que você não approvasse a lealdade do meu procedimento, em não fazer transparecer que effectivamente já não era, embora conhecendo o grão de alegria que isso anteriormente lhe proporcionava: um catholico pratico, amigo e postulante da doutrina suave do excelso Nazareno.

E eu me apercebia, eleita de minha'alma, da luta que se debuxou, então, dentro de si, entre o affecto verdadeiro e arraigado e a intolreancia, o preconceito, a aversão, a repulsa, o desgosto que a minha attitude irreligiosa lhe inspirava. Um dia, soube, por intermedio das relações que nos são communs, que você se decidira a fazer voltar para o redil a ovelha tresmalhada, a tentar inocular no infiel de hoje a piedade de outróra, aquella fé simples, que admittia dogmas sem hesitações, que acceitava exemplos e praticava principios, sem titubeios ou vacillações.

Sublime mas improficuo mistér o que você se tinha imposto, Liane! A religiosidade é um estado animico, subjectivo, sujeito exclusivamente á deliberação intima da pessôa, independentemente de determinações externas. Eu, no entanto, nem de longe procurei afastal-a do intento assumido. Fui adeante. Quiz alliar-me denodadamente a você nessa missão caridosa, cujos frutos somente redundaria em meu proveito. A incredulidade, o scepticismo, a duvida eram, comtudo, quasi que avassaladores inexpugnaveis do meu Eu.

Eis a situação em que nos encontravamos.

* * *

Corria o mez de junho. Transcorridas as festas christãs, nas quaes era evidente o seu empenho em me ter constantemente a seu lado, admirando-lhe a uncção, impregnando-me, cada vez com maior intensidade, dos encantos que dimanam da silhueta admiravel, da creaturinha ideal que é você, desapontou o dia do meu anniversario.

Attingia a minha maioridade. Data gloriosa para nós foi aquella. Recorda-se? Nella, convencionámos e assentámos o nosso noivado. Deste, uma passagem é que se torna o motivo da carta que ora lhe faço chegar ás mãos.

UMA CARTA

(Conclusão)

Querendo materializar, concretizar num objecto todo o carinho que tive a ventura de lhe despertar, você atou ao meu pescoço um trancellim com a venera de Santo Antonio. Symbolo felicissimo o escolhido: a representação do meu santo patronymico, tido como protector incansavel dos namorados, servia simultaneamente a todos os designios que em você presenti: queria você, Liane, que elle fosse recebido como um presente de anniversario e de noivado tambem — e aqui estava a occulta intenção que lhe bailava na mente — que elle fosse o broquel que apararia com vantagem os ulteriores choques do Maligno na devastação impiedosa do meu espirito. Com que emoção eu lhe ouvi pedir-me que sempre o tivesse commigo, que não me descuidasse de, ao recolher-me, dardejar sobre elle um olhar e lhe recitar uma prece, curta que fosse. Você me tomára a palavra de honra de que eu cumpriria fielmente o primeiro pedido que minha noiva ia solicitar: não havia por onde escapar; estava codilhado; prometti que assim o faria.

Mas... E não ha circumstancia de relevo em que esse "mas" não se interponha. Mas, ao me pendurar o trancellim, você osculou de leva a medalhinha. Não sei si num gesto religioso, si num gesto de mulher que palpita ao tomar resolução quasi decisiva de seu destino, como a que você vinha de tomar. Não procurei, na occasião, nem mais tarde, pôr a limpo, analysar, reduzir ás justas proporções a sua acção. Sei tão somente que vi a mais linda e graciosa bocca feminil, os labios mais puros e corallinos imprimirem sobre um objecto, cuja propriedade, nesse instante, me attribuiam, um beijo quasi transparente, ethereo, immaterial. Mas era um beijo.

Scena inesquecivel. Meu sêr todo vibrou. Repercutiu no mais recondito de minha alma a impressão que meus olhos colheram. Um fremito me perpassou e sacudiu meu corpo num estremecimento irrefreavel.

Você estranhou minha perturbação. Inquiriu si eu estava indisposto. Reparou na abstracção, no alheiamento, na ausencia de attenção que eu denotei para os acontecimentos e factos subsequentes. Magoou-se com a falta de um agradecimento, tentativa que fosse de obediencia ao preceito social que nos ordena expressemos nosso penhor, verdadeiro ou simulado, para algo que recebemos.

Deu isto aso ao amúo que se vem prolongando por cerca de dois mezes. E é para afastal-o em definitivo, que não me pejo de escrever, de quebrar o mutismo reciproco, explicando e pondo ás claras um incidente visivelmente destituido de gravidade, que deu em resultado este nosso arrufo, tão descabido e carecedor de importancia.

Deixe-me, Liane, justificar, com franqueza, a minha attitude.

* * *

Quando nos conhecemos, não sonhavamos em absoluto com a teia amorosa que nos enrodilhou os fados. Eramos tão pouco idosos... Você com dez annos; eu com doze. A affinidade que, porém, sentimos um pelo outro, era o embryão do élo gostosissimo que hodiernamente nos junge á quadra deliciosa que atravessamos.

Nos nossos folguedos de meninos, nas nossas posteriores disputas estudantinas, nos prazeres juvenis e tambem nos dissabores e contratempos que justos curtimos até aquella data memoravel, sem prejuizo da predilecção destacada que nos manifestámos reciprocamente desde logo, imperava, porém, em todo esse convivio, a austeridade sem par que presidiu ao seu desenvolvimento, Liane; dominavam incontrastavelmente os costumes rigidos em que fui criado; destacava-se sobremodo a influencia sadia do meio excellente em que crescemos e em que nos embebemos dos conhecimentos scientificos e mundanos. De sorte que a amizade das duas crianças, com o tempo se envolvendo em amorosa estima, era feita de respeito, recato, amor. De minha parte, nunca encontrára o desejo pontilhando no sentimento forte mas casto que nutria por você. Tinha o coração escorreito de qualquer impulso menos digno, quando de você me aproximava. Affeição ardentissima, sem duvida, a minha, capaz dos sacrificios os mais exoticos, procurando adivinhar remotamente o seu capricho, a sua vontade, noivinha querida, mas despida desse cheiro acre de carnalidade, tão exalçada pelos sensualistas. Poderiam os que fazem da ironia a capa sob a qual escondem as proprias impossibilidades, taxal-a de ultimo resquicio, no seculo, do extincto amor platonico. A aleivosia, entretanto, não me tocaria, porque os meus actos, o meu procedimento eram bem o espelho do meu sentir, do meu affecto, da minha adoração.

Ora, assim, penso, teria permanecido até nosso consorcio, ratificação excusavel do accordo de ha muito entabolado, si aquelle beijo inconsciente — não o affirmo plenamente convencido — não tivesse alterado a natureza do meu amor. Naquelle momento, em que sua boquinha, ninho de fragrancias, pousou sobre a imagem de Santo Antonio, um grito alto ouvi em meu sangue. O organismo ficou sob uma ebulição até alli não verificada. Uma nuvem obumbrou repentinamente minha consciencia e por algum tempo não attendi mais ao que se desenrolou em torno de mim.

No dia immediato, sabedor do despeito que lhe assaltou, Liane, é que cahi em mim. Não proferira palavra sobre a lembrança que você tivera a gentileza de me trazer. Quiz conversar com você. Não o consegui. Virou-me você accintosamente as costas em represalia a uma pretensa descortezia, de uma hypothetica desconsideração, de uma imaginaria impolidez, que eu, de forma alguma, seria capaz de lhe fazer, maximé a você, minha extremecida noiva.

Nas semanas que se seguiram, continuaram as cousas no mesmo pé. Eu, por cumulo, resolvi trancar-me em casa, não apparecendo a ninguem. Accresce que, dando desempenho e cumprimento á palavra exigida e ao pedido que você me formulára, acho que me excedi, que os desvirtuei. E' que, depois daquelle beijo, a venera preciosa não me sahe dos labios. Busco incessantemente o sabor do osculo que você deixou sobre ella. Beijando a medalhinha, eu beijo com enthusiasmo insopitavel, pelo menos mentalmente, a minha amada Liane. Recitando a prece promettida, eu me dirijo não ao Santo mas á Santinha que pôz feitiço em mim e de cujo jugo não consigo sublevar-me.

Mesclei, deste modo, áquella affeição priméva, uma estria de amor mais humano. Não me importunaria com tal, sinão pela incerteza em que me encontro de que você me perdoará a quebra da palavra empenhada, do compromisso assumido em relação á imagem.

Explicados, dest'arte, os factos, Liane, e citando, em abono do perdão que pretendo, o seu poeta preferido, repito com elle,

"Sabe ainda ser clemente,
Perdôa um erro innocente,
Minha flôr,
Seja grande, embora, o crime,
O perdão sempre é sublime,
Meu amôr!

Sim, diga-me logo que estou redimido de minha falta, Liane, afim de que possa levar célere aos ouvidos nacarados de minha noiva, num cicio doce e morno, o que já se não contém em mim e que necessita de expansão, o verbo bemdicto do amor. — *A. Egydio."*

Pó de ARROZ Lady

É O MELHOR
E NÃO É O MAIS CARO
SUPERIOR
AOS ESTRANGEIROS

PERFUMARIAS LOPES
RIO-S. PAULO

Á VENDA
EM TODO
O BRAZIL

Resultado obtido pelo uso das

PILULES ORIENTALES

Bemfazejas - Reconstituintes
(Appr. D.N.S.P. sob o Nº 87 em 26-6-1917)
Exigir o frasco de origem sobre o qual devem figurar o nome e o endereço de
J. RATIÉ, *Pharmaceutico*
4E, Rue de l'Echi uler, PARIS
Agente Geral: A. DE COURN VNDE
37, Rua dos Ourives, *Rio de Janeiro.*
A venda em todas as Pharmacias.

AS' PESSOAS QUE SOFFREM

de prisão de ventre
ENTERITE
e affecções do figado!

Obterão *allivio immediato* e *cura radical* com o emprego diario de dois comprimidos de

LACTOLAXINE FYDAU

prescripta diariamente pelas mais altas summidades medicas substitue todos os laxativos e purgativos que fatigam os intestinos.
A' venda em todas as boas pharmacias.
Especificar bem : ***Lactolaxine Fydau.***
Appr. D.N.S.P. sob o Nº 257 em 8-9-1913
Deposito Geral : **Laboratorios André Paris**
4, Rue de La Motte-Picquet - PARIS

A todos os leitores que sabem aproveitar seu tempo

aconselhamos a leitura da grande obra do celebre escriptor — MICHEL ZEVACO —

B U R I D A N

Dame Française

ENSEIGNE SON IDIOME AVEC MEHODE TRÈS FACILE, AU DOMICILE DES ÉLÈVES.

Telephone B. M. 2338

ESPIRITO ALHEIO

PROBLEMA RESOLVIDO

O dono da casa. — Veja que já estou cansado de subir inutilmente as escadas para cobrar-lhe o aluguer...

O artista. — Ora! Si é só por isso, arranja-se tudo facilmente. Amanhã mesmo me mudarei para o andar terreo...

— Hontem, cumprimentei tua senhora, mas notei que ella não me viu.

— Olha, ella já m'o disse...

A mãe (á filhinha, que foi surprehendida em uma mentira). — Que diria teu pae si soubesse que disseste uma mentira?!

A filhinha. — Diria: "Sae á mãe".

OSTRAS E CAMARÕES...

— Que comeu o senhor: ostras ou camarões?

— Não sei: tinha gosto de sabão...

— Ah! Então eram camarões.

A senhora gorda (elogiando seu filho). — Como premio por sua bôa conducta, o pae quer mandal-o á Universidade.

A amiga (distrahida). — Devéras? Pois o nosso vamos mandar para o Jardim Zoologico...

A recahida de don Silvestre

Javier de Viana

DON Silvestre era um quarentão fornido, um obeso e de rosto constantemente congestionado. Filho de uma das mais distinctas e opulentas familias da terra, cursou seus estudos secundarios em Concepción, no Uruguay, e adquiriu depois o titulo de engenheiro na Universidade de Buenos Aires.

Joven, rico, cheio de prestigio, tendo abertas diante de si todas as portas e livres todos os caminhos, sua vida se crystallizou no *a* do alphabeto sentimental. Amou com a diaphana sinceridade das almas simples e bôas, e foi — como acontece infallivelmente nesses casos — victima do engano e do escarneo.

Não buscou desaggravos. Era sabiamente prudente como todos os homens gordos. Fechou a chave a residencia, — renunciando á lucta dentro do seu meio, — aferrolhou o coração, e buscou satisfações em que não havia nenhuma intervenção cerebral nem sentimental.

Bôa cozinha, bôa adega, o maior conforto possivel; e nessa vida sedentaria, despreoccupada, orphã de ideaes, começou a engordar.

E como a gordura é o melhor sedativo para os nervos, chegou a ser, aos quarenta e sete annos, um homem quasi completamente feliz.

Nenhuma precaução pecuniaria; sua vasta estancia de creação, dirigida pelo mordomo e pelos capatazes, produzia lhe uma renda que deixava todos os annos um *superavit* no orçamento.

Nenhuma ambição politica, nem social, nem intellectual. Sentia-se completamente feliz, porque no limite de suas aspirações lhe era dado satisfazer todos os caprichos.

Sua alma, um tanto feminina, fel-o apaixonarse pelas plantas, pelos passaros, cães e gatos.

Seu parque de eucaliptus e seu bosque de laranjas se enriqueciam todos os annos com centenas de exemplares. Seus jardins eram immensos. No verão, as rosas e os cravos ardiam em ramos vermelhos por toda a parte, queimando com o halito amoroso as pallidas camelias, os timidos lyrios, e as tulipas avermelhadas, emquanto nos amplos aviarios de finas télas de arame atapetadas de madresilvas, jasmins e espadanas, vibravam em sons discordantes, como uma orchestra de loucos, os cantos do sabiá e da calhandra, do cardeal e do melro, do pintasilgo do suave canario e da melancolica viuvinha.

Muito raramente, e só por compromisso, mas sempre com desprazer, é que sahia de casa, de sua casa que era ao mesmo tempo toca e ninho, dignos delle, uma ave troglodita como gostava de classificar-se.

Chegou-lhe um dia um desses sacrificios. Casava-se Bertha, sua afilhada, unico rebento de seu amigo o doutor Castillendo, fazendeiro vizinho, abastado, e outro misanthropo como elle, que exigira do noivo, um advogadozinho portenho celebrar-se a bôda na estancia, com todas as prodigalidades de um senhor gaúcho, mas sem etiquetas de cidade.

Silvestre foi obrigado a ir; e foi resignado a aborrecer-se por dois ou tres dias.

— Não será tanto assim, patrão, — observou o capataz; — na estancia do doutor sempre ha por esta época, senhoras e moças da capital, que lhe farão passar lindamente o tempo.

— E' esta a difficuldade. Perdi o habito dos salões, e tu não imaginas como é penoso ter de sorrir e procurar ser espirituoso quando as mulheres com quem falamos nos são de todo indifferentes e quando estamos sentindo falta da bôa sesta, na rêde, no silencio da estancia.

*

Duas horas depois de haver chegado á casa de seu compadre, Silvestre sentiu-se transformado. Parecia que lhe tinham tirado de cima vinte annos de vida semi-animal, vazia de emoções e de ideaes, transcorridos desde a epoca de seu desastre amoroso. Num repentino reverdecimento de todo o sêr, o seu coração se expandia em magica florescencia.

A autora do milagre foi a pequena Lisa, sobrinha do doutor Castillendo, que passava as férias na estancia. Desde o primeiro momento conseguiu prendel-o com o olhar e a voz acariciadora.

— Por que está o senhor sempre triste? — perguntou-lhe, fixando-lhe os olhos com ternura, emquanto passeiavam de braço dado pelo parque.

Elle sorriu:

— Não estou triste; é que não sou alegre.

— Philosophia?... — murmurou ella.

— Não; francamente. A's vezes, para muitos acontece apresentar-se um estado de estatica animica... — perdão pelo pedantismo!... e no qual não ha razão para alegrias nem tristezas... fica-se...

— Indifferente?... Muitas vezes, quem sabe?...

Fingindo-se agastada, baixou a cabeça e andou um bom pedaço em silencio, caminhando lentamente, levantando as pedrinhas da aléa com a ponta do pé. Elle, presa de estranha emoção, não encontrava palavras. Lisa ergueu bruscamente a cabeça. Seus louros cabellos em desordem roçaram o rosto de Silvestre e os labios provocantes da rapariga immobilizaram-se a um centimetro de seus proprios labios.

Oh! aquelle beijo!...

E, em seguida, as ternuras, as delicadas attenções, as atrevidas ostentações de carinho, transtornaram por completo o pobre solteirão que se vangloriava de ter fechado com chave dupla e ferrolho a porta do amor.

Essa noite foi para elle de deliciosa insomnia. Sentia o corpo e a alma impregnados do perfume de Lisa e nos labios a ardente sensação do primeiro beijo.

— Poderia ser?... por que não!...

E sob a protecção da duvida, aureolada de esperanças, adormeceu afinal num doce somno.

Apezar de ter dormido poucas horas, a ansia de tornar a ver Lisa fez-lhe despertar relativamente cêdo. Emquanto fazia uma *toilette* esmerada e *coquette*, monologava:

— Tenho quarenta e sete annos; ella tem vinte... E' muito grande a differença!... Bem, mas dos meus quarenta e sete, vinte não foram vividos, não foram gastos, de modo que... Não ha duvida que ella me ama, ou pelo menos, que sympathisa commigo...

Dirigiu-se ao jardim, ganhou o parque, e poz-se a andar, a andar, procurando reunir idéas que se lhe enredavam a cada momento. Tirou varias vezes um cigarro do bolso, mas ao ir accendel-o, amassava-o, lançando-o fóra, tinha como certo tornar a beijar os divinos labios de Lisa e não queria offendel-os com o sabor acre do fumo.

Andou assim muito tempo. Afinal, fatigado, regressou e deixou-se cahir sobre um banco rustico, junto de um bosquezinho de palmeiras da India. De repente, surprehendeu uma conversa feminina que partia do lado opposto do bosque, e reconheceu as vozes de Bertha e de Lisa.

— E's uma perversa — dizia Bertha.

— Por que? — perguntava Lisa. — Apostamos que eu era capaz de fazer

A Recahida de Don Sylvestre

(Conclusão)

apaixonar-se o velho solteirão do teu padrinho, e o consegui.

— E' demais!... E' uma maldade tua, porque certamente não o queres e dentro de um par de dias tudo estará acabado.

Lisa riu alegremente.

— Dentro de um par de dias?... Não!... Desde esta noite. Hoje tenho que me dedicar a Fernando...

— Repito-te que és uma perversa!

— Qual nada!... Proporcionei-lhe varias horas de uma felicidade que nunca sonhou... Prestei-lhe um grande serviço e deve até agradecer-me!...

Don Silvestre não pôde supportar mais. Muito pallido, mas sereno, com o sorriso nos labios, apresentou-se diante das jovens, cumprimentou

— E eu lhe agradeço, senhorita. Fez-me, com effeito, um enorme beneficio demonstran-me que se é loucura apaixonar-se alguem aos vinte annos, apaixonar-se quando está para completar meio seculo, é uma imbecilidade! Muito agradecido!

ERA de noite e Elle estava só. E viu de longe as muralhas de uma vasta cidade, e se aproximou della.

E quando estava bem perto, ouviu o ruido do prazer, o riso da alegria e o som penetrante de numerosos alaúdes. E bateu á grande porta, e um dos guardiães lh'a abriu.

E Elle contemplou uma casa construida com marmore, e que tinha bellas columnatas de igual materia em sua fachada. E as columnatas estavam cobertas de grinaldas e dentro e fóra havia tochas de cedro.

E Elle penetrou na casa. E quando tinha atravessado o vestibulo de calcedonia, e o de jaspe, e chegou á grande sala do festim, viu, deitado em um leito de purpura, um homem com os cabellos coroados de rosas vermelhas e com os labios tintos de vinho.

E aproximou-se delle, e tocou-lhe no hombro, e lhe disse:

— Por que levas esta vida?

E o joven, voltando-se e reconhecendo-o, respondeu:

— Eu era leproso e tu me curaste. Como ia levar eu outra vida?

E um pouco mais longe viu uma mulher com a cara pintada e o traje de côres espalhafatosas, e cujos pés estavam calçados de perolas. E atraz della caminhava um homem com o passo lento de um caçador e levando um manto de duas côres. E a face da mulher era bella como a de um idolo, e os olhos do joven scintillavam carregados de desejo.

E Elle seguiu-o rapidamente, e, tocando-lhe em uma das mãos, lhe disse:

— Por que segues essa mulher e a olhas dessa maneira?

E o joven, voltando-se e reconhecendo-o, respondeu:

— Eu era cego e tu me devolveste a vista. Como ia eu olhal-a de outra maneira?

E Elle correu para a frente, e, tocando no vestido de côres berrantes da mulher, lhe disse:

— Esse caminho que segues é o caminho do peccado. Por que o segues?

E a mulher, voltando-se e reconhecendo-o, respondeu, rindo:

— Perdoaste-me todos os meus peccados e este caminho que sigo é o mais agradavel.

Então Elle sentiu seu coração cheio de tristeza e abandonou a cidade.

E quando sahia da cidade, viu, por fim, sentado á beira de uma fossa, um joven que chorava.

E aproximou-se delle, e, tocando-lhe o cabello, lhe disse:

— Por que choras?

E o joven ergueu os olhos para olhal-o e, reconhecendo-o, respondeu:

— Eu estava morto e tu me resuscitaste. Que poderia eu fazer sinão chorar?

VERSOS

PANTALEÃO

Pantaleão, berço meu, nesga querida
De terra, meu primeiro e doce abrigo.
Tela real que eu contemplo, alma sentida,
Qual se admira o lavôr de um quadro antigo

Ninho suave da infancia estremecida
Que se foi, mas... que sempre está commigo:
O escol das sensações da minha vida
Ficou-se no preterito comtigo.

Solar dos meus avós. Doce Benares!
Terra Santa! Eleição dos meus amores.
Dos meus cultos o primus inter pares.

Tenho-te ausente — oh! terra dos meus Paes!
Mas guardo este amuleto ás minhas dôres:
Quão mais distante é que te adoro mais.

ALCIDES DE SIQUEIRA.